

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL  
CAMPUS CHAPECÓ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**SAMARA CAROLINE LOVATEL**

**OS USOS DO PASSADO:  
A COLUNA PRESTES E A CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA HISTÓRICA DO  
MUNICÍPIO DE DESCANSO/SC**

**CHAPECÓ  
2025**

**SAMARA CAROLINE LOVATEL**

**OS USOS DO PASSADO:  
A COLUNA PRESTES E A CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA HISTÓRICA DO  
MUNICÍPIO DE DESCANSO/SC**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) como requisito para obtenção do grau de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Marcos Myskiw

**CHAPECÓ**

**2025**

### **Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS**

Lovatel, Samara Caroline

Os usos do passado: A Coluna Prestes e a construção da narrativa histórica do município de Descanso/SC / Samara Caroline Lovatel. -- 2025.

121 f.:il.

Orientador: Doutor Antonio Marcos Myskiw

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em História, Chapecó, SC, 2025.

1. Descanso. 2. Coluna Prestes. 3. Mito fundador. 4. Representações. I. Myskiw, Antonio Marcos, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

**SAMARA CAROLINE LOVATEL**

**OS USOS DO PASSADO:**

**A COLUNA PRESTES E A CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA HISTÓRICA DO  
MUNICÍPIO DE DESCANSO/SC**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) como requisito para obtenção do grau de Mestre em História.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 21/02/2025

**BANCA EXAMINADORA**

Documento assinado digitalmente  
 **ANTONIO MARCOS MYSKIW**  
Data: 18/03/2025 19:25:35-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Prof. Dr. Antonio Marcos Myskiw – UFFS**  
**Orientador**

Documento assinado digitalmente  
 **ENDRICA GERALDO**  
Data: 19/03/2025 09:36:32-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Prof. Dra. Endrica Geraldo - UNILA**  
**Avaliadora**

Documento assinado digitalmente  
 **HUMBERTO JOSE DA ROCHA**  
Data: 18/03/2025 19:44:25-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Prof. Dr. Humberto José da Rocha - UFFS**  
**Avaliador**

*Dedico este trabalho à memória de minha querida irmã Silvania, presente sempre em meus pensamentos, um grande exemplo de amor e coragem. Saudades.*

## AGRADECIMENTOS

Sempre quando leio algum trabalho acadêmico dou atenção especial aos agradecimentos, é uma forma de conhecer mais os autores e entender a sua história, no entanto, ao escrever os meus agradecimentos percebi como é difícil expressar em palavras a minha gratidão.

Gostaria de agradecer imensamente a minha mãe Carmen, sua doçura e amor me incentivam a ser uma pessoa melhor, e ao meu pai Valdecir, sua determinação e firmeza me ajudam a manter os pés no chão e lutar pelos meus sonhos. Meus maiores exemplos de humildade e força.

Também agradeço de coração a minha irmã Marlise, que com paciência me acalmou em meus surtos, me ajudou a compreender diversas questões ao longo da pesquisa e sempre me incentivou aos estudos. Quando eu crescer, quero ser como você!

Agradeço profundamente ao meu orientador, professor Antonio, por toda dedicação e paciência, a sua empolgação diante de nossas descobertas me deu fôlego para continuar. Obrigada por compreender as minhas dificuldades e por todo o auxílio durante a pesquisa e a escrita.

Ao amado Lucas, por estar ao meu lado nos momentos mais difíceis, seu companheirismo e incentivo foram essenciais e me mantiveram firme no caminho.

A minha querida Giselia, que me fez olhar para a vida de maneira mais leve. Obrigada por todo o carinho.

Também gostaria de agradecer a todos os meus colegas do Mestrado, pelas conversas, ideias e surtos trocados. E também a todos os professores do PPGH, por toda dedicação. Agradeço a UFFS e ao ensino público pelas oportunidades proporcionadas a todos nós e a CAPES pelo auxílio financeiro.

Um agradecimento especial a todos os entrevistados, que me receberam com atenção e um mate pronto para a prosa, foi uma honra ouvir as suas histórias e poder registrá-las nesta pesquisa.

Por fim, agradeço a todos que de uma forma ou de outra contribuíram para esta pesquisa.

## RESUMO

O objetivo dessa pesquisa é analisar como se deu o processo de construção da narrativa história do município de Descanso (SC), a partir das representações produzidas sobre a passagem da Coluna Prestes pelo território, que se deu em 1925, marcha revolucionária que nasceu dentro dos movimentos tenentistas e teve como capitão Luiz Carlos Prestes. O objeto de pesquisa é um pequeno município localizado na região Oeste de Santa Catarina, próximo à fronteira com a Argentina, que foi colonizado por descendentes de imigrantes europeus vindos de terras gaúchas, por volta de 1935. A sua história foi registrada pelo memorialista Eliseu Oro, e em sua obra é possível identificar as representações construídas sobre os vestígios deixados por membros da Coluna Prestes, que foram encontrados pelos primeiros colonizadores. A problemática que se busca expor e compreender é a construção da relação que entrelaça a Coluna Prestes como a responsável pelo surgimento do município de Descanso (SC) e os usos deste passado na formação de uma memória e identidade imaginadas em torno deste evento simbólico. Para tais objetivos, as principais fontes utilizadas foram obras relacionadas a Coluna Prestes, como o diário de Lourenço Moreira Lima (1979) e a produção escrita de Eliseu Oro, em especial a sua obra *História de Descanso-SC* (1986). Além disso, o trabalho com a História Oral também foi empregado durante a pesquisa, foram realizadas entrevistas com roteiros semiestruturados com pessoas envolvidas na produção histórica local, a partir da coleta da memória oral pode-se chegar a algumas conclusões, principalmente sobre a influência social da obra de Eliseu Oro. Para tanto, concluiu-se que dentro desta narrativa existem diversas contradições e ausências, que foram analisadas com vistas a apresentar os símbolos e os seus usos na imaginação da comunidade de Descanso.

Palavras-chave: Descanso; Coluna Prestes; história; narrativa; representações.

## RESUMIEN

El objetivo de esta investigación es analizar cómo se dio el proceso de construcción de la narrativa histórica del municipio de Descanso (SC), a partir de las representaciones producidas sobre el paso de la Columna Prestes por su territorio en 1925, una marcha revolucionaria que surgió dentro de los movimientos tenentistas y tuvo como capitán a Luiz Carlos Prestes. El objeto de investigación es un pequeño municipio ubicado en la región oeste de Santa Catarina, cerca de la frontera con Argentina, que fue colonizado por descendientes de inmigrantes europeos provenientes de tierras gaúchas, alrededor de 1935. Su historia fue registrada por el memorialista Eliseu Oro, y en su obra es posible identificar las representaciones construidas sobre los vestigios dejados por miembros de la Columna Prestes, que fueron encontrados por los primeros colonizadores. La problemática que se busca exponer y comprender es la construcción de la relación que vincula a la Columna Prestes como la responsable del surgimiento del municipio de Descanso (SC) y los usos de este pasado en la formación de una memoria e identidad imaginadas en torno a este evento simbólico. Para tales objetivos, las principales fuentes utilizadas fueron obras relacionadas con la Columna Prestes, como el diario de Lourenço Moreira Lima (1979) y la producción escrita de Eliseu Oro, en especial su obra *Historia de Descanso-SC* (1986). Además, el trabajo con la Historia Oral también fue empleado durante la investigación, realizándose entrevistas con guiones semiestructurados con personas involucradas en la producción histórica local. A partir de la recopilación de la memoria oral, fue posible llegar a algunas conclusiones, principalmente sobre la influencia social de la obra de Eliseu Oro. Para ello, se concluyó que dentro de esta narrativa existen diversas contradicciones y ausencias, que fueron analizadas con el objetivo de presentar los símbolos y sus usos en la imaginación de la comunidad de Descanso.

Palabras clave: Descanso; Columna Prestes; historia; narrativa; representaciones.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Placa de nomeação da Biblioteca Municipal Eliseu Oro .....	23
Figura 2: Fotografia panorâmica da cidade de Descanso em 1947. ....	27
Figura 3: Fotografia aérea da cidade de Descanso na década de 1980.....	28
Figura 4: Fotografia na contracapa da segunda edição do livro História de Descanso-SC (2001).....	30
Figura 5: Mapa Político do Estado de Santa Catarina - 1974 .....	33
Figura 6: Mapa localização atual de Descanso (SC).....	35
Figura 7: Fotografias da Coluna Prestes utilizadas por Eliseu Oro na obra "História de Descanso-SC" de 1986.....	40
Figura 8: Fotografia de um grupo de pessoas caminhando em direção ao local da instalação do município em 1956.....	48
Figura 9: Hasteamento da bandeira por Heriberto Hulse, 1956.....	49
Figura 10: Fotografia do pronunciamento de Eliseu Oro e Antônio da Cunha Lemos .....	49
Figura 11: Fotografia do Morro do Cristo durante a missa inaugural, realizada em 09/10/1949 .....	51
Figura 12: Capa da primeira edição da obra História de Descanso-SC, 1986.....	52
Figura 13: Capa segunda edição da obra História de Descanso-SC, 2001 .....	53
Figura 14: Livro Pe. Francisco Masure, M.S.C.: Primeiro Vigário de Descanso-SC de Eliseu Oro .....	56
Figura 15: Artigo escrito pelo padre Francisco Masure .....	58
Figura 16: Abertura do Livro Tombo da Paróquia Santo Estanislau Kostka de Descanso .....	61
Figura 17: Primeiros registros do Livro de Tombo da Paróquia Santo Estanislau Kostka de Descanso .....	62
Figura 18: Localização da sede dos três locais onde foram encontrados vestígios da Coluna Prestes: Linha Vorá, Centro e Linha Pratinha.....	73
Figura 19: Presidente Konder no leito do Lageado Vorá, em Descanso.....	100
Figura 20: Escritura de compra e venda de Valdir Dala Possa.....	101
Figura 21: Possível trajeto das tropas da Coluna Prestes na Linha Vorá, Descanso .....	101

Figura 22: Eliseu Oro entregando o livro "História de Descanso" a Luiz Carlos Prestes, Vitório Basso aplaudindo (1986). ..... 106

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>1. A ESCRITA DA HISTÓRIA DE DESCANSO</b> .....	17
1.1 ELISEU ORO .....	20
1.2 A NARRATIVA HISTÓRICA DO LIVRO “HISTÓRIA DE DESCANSO-SC” ....	26
1.3 O LIVRO TOMBO E O PADRE FRANCISCO MASURE.....	55
<b>2. UMA OUTRA HISTÓRIA DE DESCANSO</b> .....	63
2.1 A REGIÃO DE FRONTEIRA .....	64
2.2 O PROCESSO DE COLONIZAÇÃO DE DESCANSO .....	73
2.3 A HISTORIOGRAFIA DA COLUNA PRESTES .....	81
<b>3. LUIZ CARLOS PRESTES EM DESCANSO (1986)</b> .....	94
3.1 A CONSTRUÇÃO DO MITO FUNDADOR.....	94
3.2 A SEGUNDA PASSAGEM DE PRESTES POR DESCANSO/SC .....	103
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	112
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	115

## INTRODUÇÃO

O estudo da história local é fascinante, compreender como os fatos acontecem e estão entrelaçados até formar o que hoje é uma comunidade, com identidades e saberes próprios, é uma das partes mais satisfatórias da pesquisa, mas na maioria das vezes esse estudo é intrigante, perguntas “como?”, “quando?” E “por quê?” Se repetem mais do que o desejado. No entanto, há de se declarar que existem ricas singularidades por aí esperando para serem exploradas.

Descanso, mais que um substantivo masculino que define o ato de descansar, é o nome de um município localizado na região Oeste do estado de Santa Catarina cujo chão foi pisoteado pela marcha da Coluna Prestes, evento que influenciou a construção da narrativa histórica do município. Com cerca de 8.530 habitantes, segundo o censo de IBGE de 2022, Descanso/SC é um dos pequenos municípios que constituem o Extremo Oeste Catarinense, a sociedade que ali se desenvolveu foi formada por colonos descendentes de imigrantes europeus vindos do Rio Grande do Sul. O trabalho no campo e as agroindústrias giram a economia da região. E na história encontram-se algumas controvérsias.

O pequeno município define os horizontes desta pesquisa que se empenha em compreender como se deu o uso da passagem da Coluna Prestes na construção de sua narrativa histórica. A marcha rebelde que no início de fevereiro de 1925, rumando a divisa com o Paraná, passou pela região, permitiu que os colonizadores, que chegaram dez anos depois, batizassem o local de Descanso.

A história do município foi registrada pelo professor e ex-prefeito Eliseu Oro, que reuniu em seu livro *História de Descanso–SC* (1986) conhecimentos, fotografias e relatos de suas vivências, sendo até hoje a principal referência para estudos históricos do município. Segundo os registros de Oro, o território de Descanso foi colonizado a partir de 1935, por famílias oriundas de Guaporé - Rio Grande do Sul, o local foi inicialmente chamado de Linha Polonesa (Oro, 1986). O nome Descanso surgiu tempos depois, quando são encontrados restos de carroças, estribos e armas que se concluem serem vestígios de grupos da Coluna Prestes, que em 1925 de fato passou pela região. A partir disso o entrelaçamento entre o município e a Coluna Prestes se concebe.

A Coluna Prestes surgiu no período chamado Primeira República, que se

estende do ano 1889 até 1930, marcado por tensões e pelo predomínio de oligarquias no poder político brasileiro. Diversos foram os movimentos de revoltas e conflitos que questionavam as desigualdades sociais e as insatisfações políticas, como o caso do tenentismo, movimento que surge na década de 1920.

Segundo Anita Leocádia Prestes, o início dos anos 1920 configurava uma crise da Primeira República e em 1922 com a eclosão dos primeiros levantes tenentistas, em especial o episódio dos 18 do Forte, em Copacabana, repercutiu na população fazendo com que se instalasse um clima revolucionário no país (Prestes, 1997). Neste contexto surgiu a Coluna Prestes, em Santo Ângelo-RS, liderada pelo capitão Luiz Carlos Prestes que marchou com militares e civis para Foz do Iguaçu/PR, para se juntar a tropas tenentistas paulistas e avançar pelo interior do Brasil para iniciar um levante popular contra o governo.

A Coluna Prestes era formada, em sua maioria, por civis comandados por uma minoria de militares e tornou-se lendária pela coragem e bravura em situações adversas. Quando chegaram em Santa Catarina, pela cidade de Porto Feliz (atual município de Mondaí) estavam reduzidos a aproximadamente mil homens. Em Porto Feliz (atual Mondaí) a Coluna permaneceu por alguns dias e depois tomaram rumo à fronteira com o Paraná, ao contrário de Descanso, em Mondaí já havia uma pequena vila formada por imigrantes alemães e seus descendentes.

Em 1986, os laços entre a cidade e o movimento revolucionário foram reafirmados com a visita de Luiz Carlos Prestes e sua esposa Maria Ribeiro ao município de Descanso/SC. Na ocasião, o município comemorava trinta anos de emancipação político-administrativa com uma extensa programação de festividades e, no dia 16 de dezembro, a população se reuniu na praça central da cidade para prestigiar a presença do “Cavaleiro da Esperança”. Tal visita fez com que o passado, que era distante, se tornasse o presente, reanimando os ânimos da população em se orgulhar e manter a memória da passagem da Coluna viva.

No entanto, o tempo abriu lacunas que, aos olhos atentos dos historiadores e historiadoras, se transformaram em ricos objetos de pesquisa. Cresci ouvindo histórias sobre a Coluna Prestes e, toda vez que alguém me perguntava por que a cidade se chamava Descanso, lembro de sempre responderem: “Porque a Coluna Prestes descansou aqui”. Depois, quando conheci as inúmeras possibilidades da história durante a graduação, esse tema foi crescendo dentro das minhas

reflexões.

Após conhecer e compreender a história e a trajetória de Luiz Carlos Prestes, bem como as opiniões polêmicas sobre a Coluna Prestes; de ver um município de bases rurais, cujo trabalho no campo sempre foi sua força maior, reconhecer e se esforçar para manter tal memória, me entusiasmei a pesquisar sobre como a construção da narrativa histórica local se entrelaçou à história da passagem da Coluna Prestes.

Esta pesquisa aborda a relação entre a construção da história e identidade do município de Descanso/SC e a Coluna Prestes; de compreender de que maneira essa história, esse mito fundador, foi pensado, construído e como se mantém até a atualidade. Para tal propósito, utilizaremos como fontes documentais a obra *A Coluna Prestes*, de Anita Leocádia Prestes, que traz com clareza a história e trajetória do tenentismo e da Coluna Prestes, com relatos exclusivos de Luiz Carlos Prestes; A obra *Memórias de um Revolucionário* de João Alberto Lins de Barros e, ainda, *A Coluna Prestes: Marchas e Combates* de Lourenço Moreira Lima, secretário da Coluna Prestes que publicou no formato de livro o diário que mantinha sobre os passos e ações da marcha.

Além das pesquisas e fontes sobre a Coluna Prestes, cabe contextualizar a obra produzida pelo memorialista Eliseu Oro, o livro *História de Descanso-SC* (1986), que contempla diretamente o tema de pesquisa desta dissertação, sem perder de vista os limites que tal produção carrega. A sua primeira edição é de 1986, e a segunda de 2001, editada com acréscimos sobre o desenvolvimento do município e o registro dos fatos em relação à visita de Prestes a Descanso em 1986. O livro de Oro contém muitas fotografias do período e menções a fontes oficiais, ao relatar a história do município, cuja ênfase é o período de colonização até o ano 2000.

Na obra *História de Descanso-SC* também constam pequenas biografias dos primeiros colonizadores, pessoas influentes e envolvidas com a administração pública, e também sobre eventos, criação de instituições, inaugurações e construções civis. Eliseu Oro é um dos principais atores na construção da relação entre Descanso e a Coluna Prestes, em seu livro é possível perceber diversas representações sobre a Coluna e esforços para legitimar historicamente a sua importância para a cidade. Considerando ainda que a obra é uma das principais referências sobre a história de Descanso, sendo

amplamente utilizada e divulgada, mostra assim a sua importância.

Outra fonte documental utilizada na pesquisa foi o Livro Tombo da Paróquia Santo Estanislau Kotska, de Descanso/SC, em especial suas primeiras páginas, escritas pelo padre Francisco Masure, que explicou a relação do município de Descanso com as tropas rebeldes da Coluna Prestes. O Livro Tombo também foi utilizada por Eliseu Oro em seu livro, bem como outras obras de memorialistas da cidade, sendo uma fonte de pesquisa bastante utilizada nesse contexto, por seu valor histórico. No entanto, o seu uso carrega a consciência de suas possíveis tendências e limitações.

Para além destas fontes documentais, recorreremos à História Oral para compreender mais a fundo alguns sujeitos históricos de Descanso/SC. Dentre os sujeitos depoentes estão aqueles ligados à organização da visita de Prestes ao município em 1986, além também dos autores dos livros sobre a história de Descanso. A partir das entrevistas, aprofundamos as discussões sobre a construção da representação da relevância da Coluna Prestes para a história do município.

Utilizamos a História Oral amparado nas significativas contribuições de Alessandro Portelli, que desenvolveu um rico estudo a partir de fontes orais, que segundo ele não são encontradas, mas cocriadas pelo historiador (2016). As entrevistas foram realizadas com roteiros semi estruturados, ou seja, com algumas perguntas chaves respeitando a vontade individual de cada entrevistado, considerando que a história oral não diz respeito somente ao evento ou um fato por si só, mas ao lugar e ao significado do evento na vida do entrevistado, que Portelli denominou de narrador. (Portelli, 2016).

A coleta dos relatos orais se deu durante o ano de 2024, após contato via telefone, marcava-se um horário e local adequados para os entrevistados, a primeira entrevista foi realizada em 18 de maio de 2024, com o professor Lotário Staub, envolvido constantemente em iniciativas para relembrar a memória da Coluna Prestes em Descanso, é um dos autores do livro *Nos rastros da Coluna Prestes* (2017) e participou diretamente nas ações que levaram a visita de Prestes em 1986 ao município de Descanso.

Em 21 de maio de 2024 conversamos com Paulo Flávio Lauxen, na época Secretário Municipal de Desenvolvimento Econômico, na ocasião pudemos compreender, de maneira geral, as recentes iniciativas da administração

municipal em fortalecer a história de Descanso. Em 17 de setembro de 2024 também conversamos com Mônica Koprowski Basso, filha de Thomais Koprowski, segundo Eliseu Oro (1986) um dos primeiros colonizadores da Linha Polonesa (atual região urbana de Descanso), Mônica casou-se com Vitório Basso (1941-2011), ex-prefeito de Descanso, relembrou muitas histórias de sua infância, o trabalho duro de seu pai no nascente comércio e do falecido marido na administração pública, além disso, Mônica compartilhou suas experiências e obstáculos enfrentados em trabalhar na administração.

Na tarde do dia 19 de setembro de 2024 nos embrenhamos na Linha Vorá para conhecer Valdir Dala Possa, que recentemente havia lançado o livro *Vorá: sua história* (2024), na conversa, Valdir compartilhou a trajetória de sua pesquisa, as curiosidades que descobriu, as contradições que encontrou e também suas experiências vividas.

E no dia 9 de outubro de 2024 conversamos com Dirceu Oro, filho de Eliseu Oro, que relembra a trajetória do pai com muito orgulho. Na ocasião pudemos conversar com Teresinha Reginato Oro, mãe de Dirceu e esposa de Eliseu, que, muito feliz, compartilhou algumas de suas memórias sobre o início da vida em Descanso.

A coleta dos relatos orais foi gravada com um aparelho e depois transcritas, os depoimentos colhidos foram explorados em diversas perspectivas do dito e do não dito, citando Portelli (2016) fazendo com que as fontes orais sejam importantes é que elas não recordam passivamente dos fatos, mas elaboram a partir deles e criam significado através do trabalho de memória e do filtro da linguagem; que a memória não é um depósito de informações, mas um processo contínuo de elaboração e reconstrução de significados. A história oral propiciou novos olhares sobre os objetivos da pesquisa.

Além disso, uma perspectiva que se abriu no decorrer da pesquisa e da coleta dos relatos orais foi o conceito de mito fundador. Ao olhar com mais atenção para as fontes e para as memórias dos entrevistados, lembranças que sobreviveram ao processo natural e também proposital de esquecimento, pudemos perceber que além da passagem da Coluna Prestes ter sido imaginada como um símbolo da história de Descanso, ela também é tomada como o início de tudo, assim como um mito fundador.

Vale ressaltar que a perspectiva de mito fundador adotada nesta pesquisa

foge da perspectiva historiográfica e se desenvolve num olhar antropológico, tomamos como ponto de partida a definição de Marilena Chauí:

Ao falarmos em mito, nós o tomamos não apenas no sentido etimológico de narração pública de feitos lendários da comunidade (isto é, no sentido grego da palavra *mythos*), mas também no sentido antropológico, no qual essa narrativa é a solução imaginária para tensões, conflitos e contradições que não encontram caminhos para serem resolvidos no nível da realidade. (Chauí, 2000, p. 5-6)

Considerando a tomada da Coluna Prestes como o mito fundador da cidade de Descanso, exprimem-se ao longo do tempo os diversos esforços para manter essa história e esse significados vivos na memória coletiva, características encontradas na maioria das entrevistas realizadas. Dessa forma, as discussões foram desenvolvidas tendo em vista tal possibilidade.

Ademais, para alcançar tais objetivos, o texto está organizado em três capítulos. O primeiro capítulo, intitulado *A escrita da história de Descanso*, concentra-se em descrever e apresentar a construção narrativa da história de Descanso. O capítulo é dividido em três tópicos. O primeiro tópico, intitulado *Eliseu Oro*, traz uma pequena biografia sobre a vida e obra de Eliseu Oro. O segundo tópico, intitulado *A narrativa história do livro "História de Descanso-SC"*, tem por objetivo apresentar, com maior detalhe, a principal obra de Eliseu Oro em sua primeira edição, tecendo também algumas problemáticas dos usos do passado e as ausências que o livro carrega. O terceiro tópico, intitulado *O Livro Tombo e o Padre Francisco Masure*, apresentamos alguns aspectos da história do padre belga e a escrita do Livro Tombo e sua conseqüente influência na/para a história local.

O segundo capítulo intitula-se *"Uma outra história de Descanso"*, onde apresentamos novos aspectos históricos da cidade, como sua colonização, e problematizamos as ausências que percebemos na obra de Eliseu Oro. O capítulo foi dividido em três partes. A primeira, intitulada *A região de fronteira*, se concentra em apresentar um breve histórico em torno das disputas territoriais que envolveram o Oeste catarinense, além, também, de evidenciarmos a presença cabocla na região, questão que não aparece na narrativa de Eliseu Oro e tem presença figurativa nos relatos orais coletados. A segunda parte intitula-se *O processo de colonização de Descanso*, onde apresentamos aspectos sobre o

processo de povoamento da região, ocorrido por colonos descendentes de poloneses, italianos e alemães. A terceira e última parte, intitulada *A historiografia da Coluna Prestes* apresentamos alguns aspectos sobre a Coluna Prestes e a produção historiográfica ao longo do tempo.

O terceiro capítulo, intitulado *Coluna Prestes e Luiz Carlos Prestes: as marcas de sua presença*, foi dividido em duas partes. A primeira *A construção do mito fundador* apresentamos alguns aspectos sobre a passagem da Coluna Prestes em Descanso e reflexões sobre a sua presença a partir do cruzamento das fontes que apresentamos nos capítulos 1 e 2 e os depoimentos orais coletados. A segunda parte intitula-se *A segunda vez de Prestes em Descanso*, exploramos como se deu a visita de Prestes à cidade, em 1986, e a repercussão da época. Nesse tópico explicitamos os aspectos relacionados a sua vinda e as questões desencadeadas na comunidade, principalmente a partir dos depoimentos com moradores de Descanso.

## 1. A ESCRITA DA HISTÓRIA DE DESCANSO

Lembrar o passado e escrever sobre ele não mais parecem as atividades inocentes que outrora se julgavam que fosse. (Burke, 2000, p. 70)

Salvo alguma exceção, todas as cidades possuem um ou mais memorialistas, que, em diferentes tempos históricos dedicaram (e ainda dedicam) parte de seu tempo a pesquisar e escrever a história dos lugares que viveram e, por extensão, das pessoas que conheceram, das ruas urbanas e rurais que percorreram; das casas que marcaram a história do lugar; das praças e prédios públicos considerados “lugares de poder”; das igrejas e dos religiosos que ali passaram; das escolas urbanas e rurais e suas particularidades; dos mercados e bares que se transformaram em lugares de cultura e empreendedorismo; dos cemitérios e lugares de memória (como museus locais e monumentos). Muitos desses escritos tornaram-se livros, alguns produzidos de forma artesanal e impressos em gráficas regionais e locais, utilizados, na maioria das vezes, em espaços escolares como suporte de leitura para os professores abordarem a história local.

Mas, um volume significativo dos escritos de memorialistas locais permanece nas páginas de cadernos, escritos a caneta e guardados em gavetas à espera de uma oportunidade e o interesse do poder público local em publicar. Enquanto isso, os memorialistas seguiram (ou seguem) seus afazeres cotidianos, quase sempre, exercendo profissões bem distintas como medicina, advocacia, professor, mecânico, comerciante, servidor público, bibliotecário, agricultor, entre outros ofícios e, não menos importante, aqueles que buscaram, no tempo vago e útil de desempregados ou aposentados, um modo de vida temporário de “escritor”. A maioria são homens, mas há, também, mulheres memorialistas. Para a comunidade local, esses memorialistas, homens e mulheres, são “guardiões da memória”.

Peter Burke, ao refletir sobre a história como memória social, aponta que as memórias registradas por antigos escritores eram resultados, conscientes ou inconscientes, de um longo processo de seleção de histórias, sucedidos de interpretações e distorções, fruto do contínuo contato deles com a sociedade e determinados grupos sociais. (Burke, 2000, p.70) Os memorialistas, ao integrarem a

sociedade local e serem pessoas conhecidas em suas cidades, transmitem suas memórias às pessoas e, ao ouvirem outras histórias e versões de acontecimentos, reelaboram o passado, atualizando-o, ou negando e silenciando fatos e acontecimentos que distorcem a sua versão da história local. Os memorialistas, considerados “guardiões da memória” para muitos, são, de fato, guardiões de determinada versão do passado local. Caso não surjam e se fortaleçam outras versões da história local, ao longo do tempo, a versão do passado produzida por memorialistas se consolida, sendo aceita pela comunidade local. É a partir desta versão de passado, aceita e tornado comum, que se constroem as referências identitárias, a cultura local, se definem os nomes das ruas e até monumentos para serem admirados em praças públicas. A confiabilidade dos memorialistas frente à comunidade local faz com que seus escritos se tornem inquestionáveis, que o passado narrado se torne verdade.

Compreendemos que a memória histórica local produzida por memorialistas tem sua importância e devem ser um campo de estudos das ciências humanas, em especial, de historiadores e historiadoras. Ainda que os historiadores não tenham atribuído relevância à pesquisa histórica de obras produzidas por memorialistas, elas crescem em cidades pequenas e interioranas, seguido de aceitação do público local. A aceitação por parte do público local ocorre, em nossa compreensão, porque os leitores comuns têm desejo de conhecer a história local e se reconhecerem nela. Há situações em que leitores locais (que não correspondem à totalidade dos habitantes) autorizam e atribuem aos memorialistas a tarefa de “eternizar” a memória local das cidades e de uma fração das pessoas que vivem ou viveram nelas. Percebam que se constroem laços de confiança e reciprocidade entre os memorialistas e os leitores locais. Quem são esses leitores locais? Basta ler as páginas iniciais dos livros, sobretudo os agradecimentos, os selos das empresas patrocinadoras na contracapa do livro e o prefácio, este último, quase sempre, assinado pelo prefeito em exercício. Com isso, a história local escrita pelos memorialistas são, também, frutos dos interesses e dos anseios dos leitores locais, inclusive do que deve ser escrito e o que precisa ser silenciado ou ocultado.

Os memorialistas, como “guardiões do passado”, são narradores da história não de toda a comunidade, mas da história do(s) grupo(s) a que pertence e sobre o que ele está autorizado a falar em nome do(s) grupo(s). Ao guardar documentos e objetos que ajudam a evocar lembranças de um passado recente ou distante, os

memorialistas se tornam o ponto convergente, o elo das histórias vividas por muitos outros grupos. São sujeitos históricos emblemáticos, pois possuem uma conduta organizada para atingir finalidades específicas, visando materializar um projeto, uma ação política carregada de significado e de direção atenta ao que deve ser lembrado e silenciado. Peter Burke chama esse silenciamento de “amnésia social” (Burke, 2000, p. 85), pois os leitores locais e grupos sociais influenciam (e, às vezes, determinam), direta ou indiretamente, no que deve ser lembrado e esquecido, antes, durante e depois da finalização dos rascunhos da obra pelos memorialistas.

Esquecer e silenciar, como bem lembra Paolo Rossi, na obra *O passado, a memória, o esquecimento*, está atrelado ao “esconder, ocultar, despistar, confundir os vestígios, afastar da verdade, destruir a verdade” (Rossi, 2010, p. 32), ou ainda, de impedir que outras histórias circulem e se afirmem, provocando a reescrita da história. Para muitos leitores locais e grupos sociais, existem fatos e acontecimentos que não podem figurar nos textos dos memorialistas para não ameaçar a integridade, a unidade e a identidade de determinadas pessoas e grupos sociais que “controlam” (ou tentam controlar) a sociedade local. Basta verificar a ausência de movimentos sociais (urbanos e rurais) e grupos sociais identificados como “minorias” nos escritos de muitos memorialistas, dando a entender que naquela comunidade não houve violências, conflitos, tensões e formas de protestos e resistências diversos em diferentes recortes temporais num mesmo lugar ou região.

É necessário refletir sobre os municípios do Oeste Catarinense, formalmente constituídos nas décadas de 1950 e 1960 (ainda que, enquanto povoação, vila e distrito tenham suas origens nas décadas anteriores), pois tendo decorridos 60, 70, 80 anos, não possuem um registro da história local no formato de livro, mesmo tendo memorialistas na comunidade, já na condição de “guardiões” anciões memória local e regional. Idosos, cujas memórias, escritas e não escritas, correm o risco da perda e do esquecimento, com o final da vida e o desinteresse do poder público local em preservar as memórias no formato de livro. Se devemos estudar os escritos dos memorialistas, é necessário, também, refletirmos sobre a ausência de memórias locais no formato de livro (ou outro suporte de preservação da memória local). Inexiste, na maioria dos municípios do Oeste Catarinense, uma política pública aprovada e em desenvolvimento destinado à coleta de documentos de diferentes categorias, de lugares adequados para higienização, catalogação, da preservação e difusão da memória histórica e do patrimônio histórico (material e

imaterial) local. Os museus, quando existem, possuem estruturas precárias, quadro de pessoal reduzido e orçamento enxuto (atrelado ao setor de educação e cultura), vedando a realização de ações de fôlego para escrever, aprovar e colocar em prática uma política pública de coleta, preservação e escrita da memória local que se estenda a todas as camadas sociais da população, urbana e rural.

A isso liga-se a necessidade de se constituírem políticas públicas destinadas à coleta, preservação e escrita da memória local, amparada no Programa Nacional de Direitos Humanos 3 (PNDH 3), aprovado pelo Decreto nº. 7.037, de 21 de dezembro de 2009, modificado pelo Decreto nº 7.177 de 12 de maio de 2010. Na diretriz 23 e 24, do Eixo orientador VI, consta: “a) Diretriz 23: Reconhecimento da memória e da verdade como Direito Humano da cidadania e dever do Estado; b) Diretriz 24: Preservação da memória histórica e construção pública da verdade.” Ainda que o PNDH tenha sido construído e utilizado para amparar os estudos que tratam de períodos históricos em que os regimes políticos ditatoriais impuseram censuras, torturas, mortes e exílios forçados a muitos cidadãos brasileiros, o direito à memória histórica local e regional pode ser compreendido como um direito humano fundamental. Entendemos que o passado de determinada comunidade ou município é parte constitutiva da identidade e do pertencimento das pessoas àquele espaço. O direito à memória individual, coletiva e social, não está atrelado apenas ao direito da preservação e proteção dos lugares de memória por meio de preservação de objetos históricos e arquitetônicos, mas também à preservação da identidade nacional (e suas especificidades regionais), ao direito das pessoas de conhecerem sua história, a história da região e do país por diferentes prismas.

### 1.1 ELISEU ORO

*História de Descanso–SC*, discorre sobre o passado do município de Descanso, município situado no Extremo Oeste de Santa Catarina. O livro foi escrito e publicado por Eliseu Oro (1926–2023) no ano de 1986. O autor era uma pessoa muito conhecida entre os moradores do município por exercer vários ofícios na cidade, tais como: professor, prefeito, vereador, ministro da igreja, poeta e memorialista local. Pode-se afirmar que Eliseu Oro era uma figura pública. No livro *História de Descanso–SC*, a história local se mistura com sua própria história.

Eliseu Oro nasceu em 10 de dezembro de 1926, em São Domingos<sup>1</sup> distrito de Guaporé–RS, filho de Pedro Oro e Genoveffa Gava Oro. Ainda criança, migrou com os pais e irmãos para a comunidade de Ciríaco, que pertencia ao município de Passo Fundo–RS. A formação escolar primária de Eliseu Oro ocorreu na Escola Municipal de Ciríaco, cursando o ginásio e colegial (que hoje correspondem às etapas de ensinos Fundamental e Médio) no Seminário de São José, em Gravataí–RS, mantido pelos padres jesuítas (Oro, 1992). Casou-se com Teresinha Reginato em junho de 1949, e, em janeiro de 1950, migrou, juntamente com a esposa, os pais e irmãos, para Descanso. Residiu inicialmente na comunidade “Linha Leste”. Pouco tempo depois fixou moradia em Descanso para exercer a função de professor. No depoimento que coletamos com Teresinha Reginato Oro, em 9 de outubro de 2024, ela relata as dificuldades encontradas para chegar e permanecer na “Linha Leste”, destacando a precariedade das estradas em meio a mata e o clima chuvoso do mês de fevereiro de 1950:

Eu chorava todos os dias. Acostumada a morar no campo lá, né? Tudo perto da cidade! A gente se maquiava para ir à missa. Pegava a sombrinha para se cobrir. E lá, a sogra disse: pega o chapéu! Vamos à missa! O quê? Eu disse: Chapéu? (...) Eu rezava todos os dias. Porque lá onde o sogro morava tinha um morro grande e chovia todos os dias. Chuva todos os dias! Até que o Eliseu veio para Descanso e arrumou de professor. O quanto rezei para poder vir para cá (Entrevista com Teresinha Reginato Oro, 2024).

Segundo Teresinha Reginato Oro, a compra das colônias de terras na Linha Leste foi efetivada por seu sogro, Pedro Oro, após vender as terras em Ciríaco. Com a família, migrou para Linha Leste; que Eliseu veio com a promessa de ser o novo professor em Linha Leste, mas o cargo já estava preenchido por uma mulher; que Eliseu buscou emprego em Descanso e que Antônio Ciechanowski foi quem ofereceu o cargo de professor a Eliseu; que, depois disso, eles logo saíram da Linha Leste, onde moraram cerca de um mês, migrando para Descanso.

(...) Em janeiro de 1950 vim aqui para Linha Leste. Minha família não queria de jeito nenhum que eu viesse embora. Um tio ofereceu para o meu marido trabalhar no cartório de Ciríaco. O velho pai de Eliseu não deixou. Trouxe nós com a intenção dele dar aula na Linha Leste. Eu dizia: Meu Deus, tomara que não! Tinha uma professora lá e ela disse: Sou efetiva! Daqui não saio até terminar o meu mandato. Aí, Eliseu se obrigou a vir para

---

<sup>1</sup> O então distrito de São Domingos conquistou a emancipação político-administrativa em 1987, sendo agora chamado de São Domingos do Sul.

Descanso. Pegou uma mula emprestada para vir, pois não tinha carro naquele tempo. Parou no hotel ali embaixo. O Ciechanowski, era um “cacique da cidade”. Comentavam que o que ele dizia estava mandado. Eliseu ficou feliz da vida, ao ser contratado como professor. Em 8 dias viemos de mudança e passamos a morar numa casa que me deram de presente até que construíssemos a nossa. (Entrevista com Teresinha Reginato Oro, 2024)

Eliseu Oro atuou como professor no Grupo Escolar desde que chegou em Descanso até agosto de 1952, quando assumiu a função de Exator Estadual, atuando até abril de 1955. De abril de 1955 a dezembro de 1956, foi Diretor do Grupo Escolar, afastando-se da escola após ser nomeado o primeiro prefeito de Descanso, governando entre dezembro de 1956 a junho de 1957 (Oro, 1986). Durante a sua gestão não houve profundas mudanças, pois o objetivo dos primeiros passos do prefeito era arrecadar verbas. No entanto, Eliseu Oro, em suas memórias, detalha que foram comprados materiais como lápis, canetas, cadeiras e mesas com um adiantamento de 50 mil cruzeiros do Governo do Estado de Santa Catarina (Oro 2001).

Após o mandato de prefeito, Eliseu foi nomeado Chefe de Obras do município de Descanso até setembro de 1958, quando retornou à Exatoria e ficou no cargo até abril de 1976. Eliseu foi removido para São Miguel do Oeste-SC, onde permaneceu até julho de 1979, aposentando-se do cargo de Exator Estadual (Oro, 1986). Em 1972, formou-se Técnico em Contabilidade pelo Colégio Peperi, de São Miguel do Oeste. Também lecionou Língua Portuguesa e Literatura Brasileira no Colégio Cenecista de Santos Dumont, na mesma cidade, e desempenhou a função de Ministro Extraordinário da Eucaristia, do Batismo e do Matrimônio na Paróquia local (Oro, 1992).

No ano de 1980, Oro atuou como agente da Coleta Municipal por ocasião do recenseamento, coordenado pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (Oro, 2001). Eliseu Oro também foi sócio do Clube Literário de Brasília, sendo homenageado pelo clube e pela Revista Brasília com a Medalha Cultural E. D'Almeida, com a láurea Cruz do Mérito Cultural, com a Medalha Cultural Revista Brasília, de 1988-1992. Em 1991 foi contemplado com o Diploma Acadêmico, cadeira número 148, pelo Instituto Internacional de Poesia, de Porto Alegre (Oro, 1992). Foi Membro Correspondente e Honorário da Academia de Literatura e Jurisprudência, da cidade de Anápolis, Goiás, na cadeira número 283.

Membro Honorário da Academia de Letras, do Clube de Poesia e do Instituto Histórico e Geográfico, ambos de Uruguaiana, Rio Grande do Sul. (Oro, 1992)

Sua história chega ao fim no dia 24 de julho de 2023, quando falece aos 96 anos, deixando suas produções escritas e um legado que até hoje é reconhecido pela comunidade. Na ocasião, o município de Descanso decretou luto oficial de três dias. Recentemente outra homenagem foi realizada para Eliseu Oro, com a nomeação da Biblioteca Municipal Eliseu Oro, pela Lei nº 2012, de 14 de dezembro de 2023. A biblioteca funciona no mesmo prédio do Centro Cultural Coluna Prestes, um local dedicado a preservar a história e relação da Coluna Prestes com o município de Descanso.

Figura 1: Placa de nomeação da Biblioteca Municipal Eliseu Oro



Fonte: Fotografia registrada pela autora (14/11/2024)

Em entrevista com Dirceu Oro, filho de Eliseu Oro, foi possível conhecer um pouco mais sobre a trajetória de Eliseu. Segundo Dirceu Oro, foi a partir de 1985 que seu pai passou a se dedicar às atividades literárias, sobretudo a poesia, tendo participado de diversas antologias:

(...) O pai sempre foi um intelectual, um estudioso. Gostava de ler e de escrever. Sempre se interessou pela cultura local, pela história local. Então

ele ia guardando o material. Ele foi professor e Exator Estadual. Trabalhou muito na igreja também, como ministro. E ele dizia que quando se aposentasse como Exator Estadual, iria se dedicar às letras, tanto que ele escreveu 12 livros! O primeiro foi a História de Descanso, a primeira edição em 1986 e, em 2001, ele lançou a segunda edição, que está em vigor até hoje. (Entrevista com Dirceu Oro, 2024)

Os doze livros escritos por Eliseu Oro variam entre produções de teor histórico e outras de teor literário, como os livros de poesia, além das duas edições de História de Descanso-SC, Eliseu também escreveu sobre o padre Francisco Masure no livro *Pe. Francisco Masure, M.S.C.: Primeiro vigário de Descanso-SC* (1992), *História da Igreja Descansense* (2002) e o livro *Família Oro: do Norte da Itália ao Sul do Brasil* (2015), que escreveu juntamente com seu filho Dirceu Oro. Nas obras de poesias e poemas, escreveu *Vale viver a vida* (1991), *Do amor e por amor* (1995), *Amores & Dissabores* (1996), *Do amanhecer ao anoitecer* (2000), *Encantos & Desencantos* (2006) e *Em busca do melhor* (2011). Além das suas produções independentes, algumas de suas poesias e poemas fazem parte de antologias.

O livro *História de Descanso-SC*, foi lançado em 1986, por ocasião das comemorações de trinta anos de emancipação político-administrativa de Descanso. A atividade comemorativa contou com a presença de Luiz Carlos Prestes e Maria Ribeiro, acontecimento que será melhor detalhado mais adiante. Segundo Dirceu Oro (2024), a primeira edição do livro foi planejada para ser lançada nas comemorações com a presença de Luiz Carlos Prestes. Sobre os contatos entre Luiz Carlos Prestes e Eliseu Oro, Dirceu relata que:

O pai ficou muito emocionado. Lembro muito bem. Estava muito feliz! Eufórico! Conversou muito com Prestes, realizando até uma entrevista com ele e a esposa. Foi a coroação do trabalho dele! A passagem do Prestes aqui e poder ver o Prestes vivo, né? Anos depois Prestes faleceu. Quando estive aqui, já estava um pouquinho debilitado. Valeu a pena o pai ter conhecido ele pessoalmente, pois o pai era um estudioso intelectual e interessado na história da passagem da coluna Prestes. (Entrevista com Dirceu Oro, 2024)

É importante destacar que Dirceu Oro, quando da visita de Luiz Carlos Prestes ao município de Descanso, estava com 32 anos (e Eliseu, com 60 anos). A narrativa acima, dando ênfase à situação emocional do pai e a visita de Prestes “um pouquinho debilitado”, é fruto da rememoração de um observador participante

privilegiado por acompanhar bem de perto esse momento histórico. Não menos importante é atribuir ao pai, Eliseu Oro, a alcunha de “estudioso intelectual”. Era uma forma de reconhecimento e, ao mesmo tempo, da contribuição de Eliseu para a comunidade como “pensador”; alguém que era instigado a opinar em diferentes questões e circunstâncias na tentativa de produzir caminhos interpretativos e luzes para dirimir dilemas locais.

Nos agradecimentos do livro “História de Descanso/SC”, publicado em 1986, Eliseu fez menção a seus familiares (esposa, filhos, filhas, genros, noras, netas, irmãos, parentes), pela compreensão, incentivo, apoio, apreço e, em especial, aos filhos Ari Pedro e Dirceu “pelas valiosas sugestões na organização do presente trabalho” e no cuidado com a escolha e das fotografias para compor a obra (Oro, 1986, p. 8). Ainda que Eliseu Oro tenha produzido a escrita do livro, a organização do texto para o formato de livro (visando preparar a arte gráfica para a impressão), a inclusão de fotografias (da escolha delas à posição e tamanho delas no livro) e a inclusão de fragmentos de documentos considerados históricos, tiveram a participação direta de Ari Pedro e Dirceu. Essa informação é importante, pois, adiante, dedicaremos atenção às fotografias existentes no livro sob a condição de “ilustração” à narrativa textual.

“História de Descanso/SC” teve segunda edição publicada em 2001, com o acréscimo de alguns capítulos discorrendo sobre os 15 anos mais recentes do município, com ênfase ao poder judiciário, ao sistema cooperativo, sindical e empresarial local. Ao todo, 75 anos de história de Descanso: das origens (1925) à atualidade (2000), como bem frisou Eliseu Oro na apresentação à segunda edição do referido livro. Nesta nova edição, Eliseu estava com 75 anos. A coleta de material documental em órgãos públicos, entidades e setor empresarial para a escrita de aspectos da história mais recente teve participação mais incisiva de Dirceu Oro e da filha Áurea (por digitar o livro original para o formato digital em computador). A nova edição, sobretudo a parte final, ficou mais técnica e descritiva. No conjunto (as duas edições), a história escrita seguiu a lógica interpretativa positivista, evolutiva e seletiva. Os temas abordados levam o leitor a crer que o presente e o futuro são frutos de um progresso contínuo, ausente de conflitos, tensões, violências, pobreza, miséria e ausência de empregos formais. Seletivo porque as pessoas e famílias citadas nas obras tornaram-se exemplo de superação, força, progresso, dedicação à comunidade, ocultando, por sua vez,

outras tantas pessoas e famílias que, mesmo tendo chegado na mesma época, tiveram destinos diferentes e não foram mencionadas na história escrita por Eliseu Oro. Note-se, por exemplo, a dona Teresinha, esposa de Eliseu Oro, mencionada apenas no agradecimento da obra por ter “compreensão”. Compreensão seria cumplicidade pela história escrita? Compreensão por Teresinha perceber que determinadas histórias e memórias tinham importância menor e, por isso, deveriam ser silenciadas, excluídas?

## 1.2 A NARRATIVA HISTÓRICA DO LIVRO “HISTÓRIA DE DESCANSO-SC”

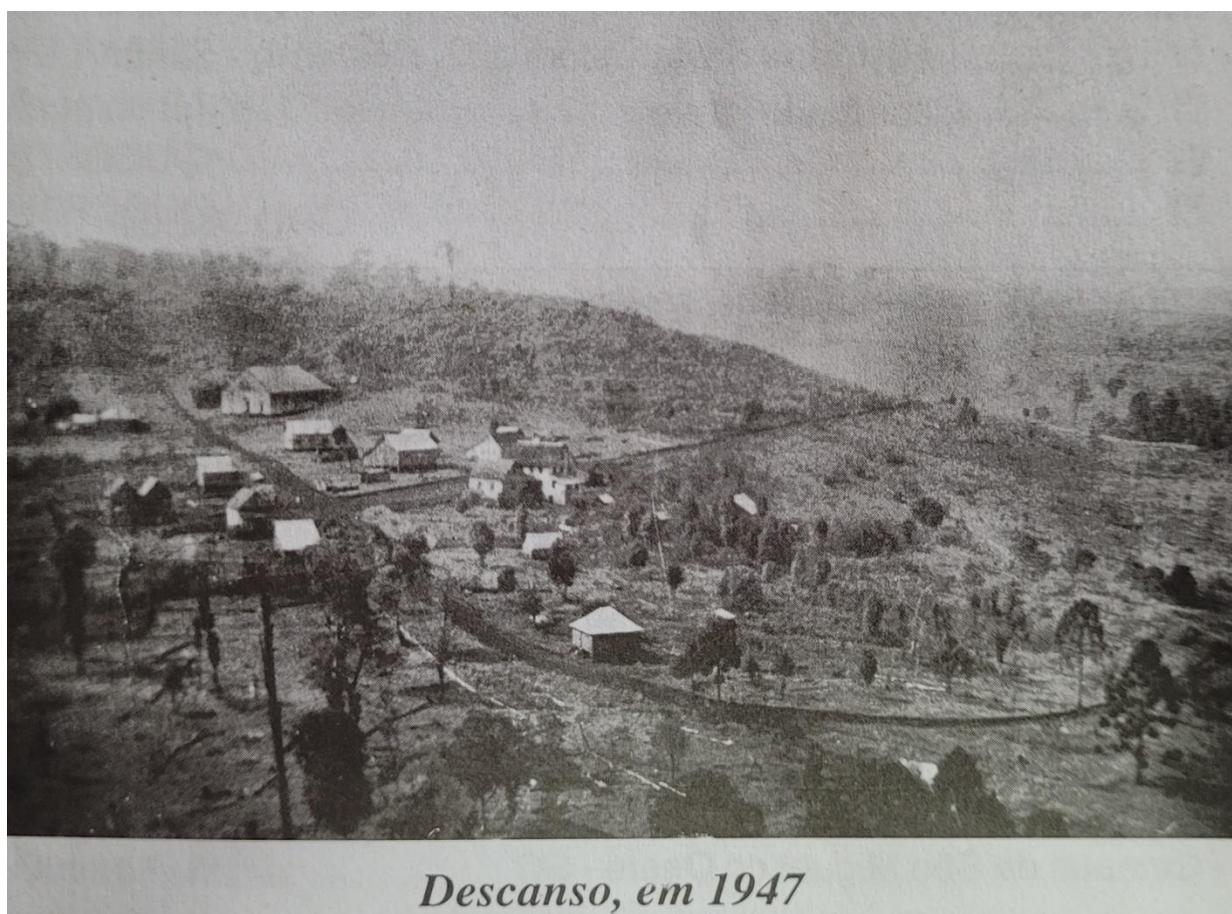
Em fevereiro de 1950, quando Eliseu Oro chegou em Descanso, a localidade já “carregava” consigo as raízes na Coluna Prestes. Segundo os escritos de Eliseu e o relato de Dirceu, “os primeiros poloneses que vieram para cá, parece que até chamaram isso aqui de colônia polonesa, vila polonesa, mas o nome efetivo, oficial, sempre foi Descanso.” (Entrevista com Dirceu Oro, 2024). Desta mesma forma, Eliseu realizou o registro dessa narrativa em seu livro. Entendemos que essa foi uma tática utilizada tanto por Eliseu como por seu filho, Dirceu, para fazer crer que as origens da localidade não estavam na chegada de famílias polonesas, direcionada pela empresa de colonização, mas na passagem da Coluna Prestes. Descartar outras denominações dadas pelos primeiros colonizadores era necessário para refundar e reescrever a história local usando um novo marco temporal e personagens históricos que, no decorrer da história do Brasil, tornaram-se conhecidos e reconhecidos.

Como já mencionado anteriormente, o livro *História de Descanso-SC* teve sua primeira edição lançada em dezembro de 1986. Segundo Dirceu Oro, a iniciativa em escrever o livro foi própria de Eliseu, sem contar com nenhum tipo de subsídio financeiro (2024). Dirceu relata, ainda, que o processo de escrita foi longo, pois seu pai, por se interessar pela história, guardou muitas fotos e documentos e pôde produzir a escrita seguindo suas próprias vivências, experiências e o contato com as famílias pioneiras. Percebe-se, no relato de Dirceu, e no decorrer do livro, que a história de Eliseu se mesclou à história local; que a história e a trajetória pessoal serviu de guia, ou fio condutor, para a escrita da história local. Isso ajuda a compreender as escolhas de Eliseu por determinados sujeitos históricos, datas, acontecimentos, silenciamentos e omissões existentes na obra.

A primeira edição do livro inicia, na contracapa, com uma fotografia

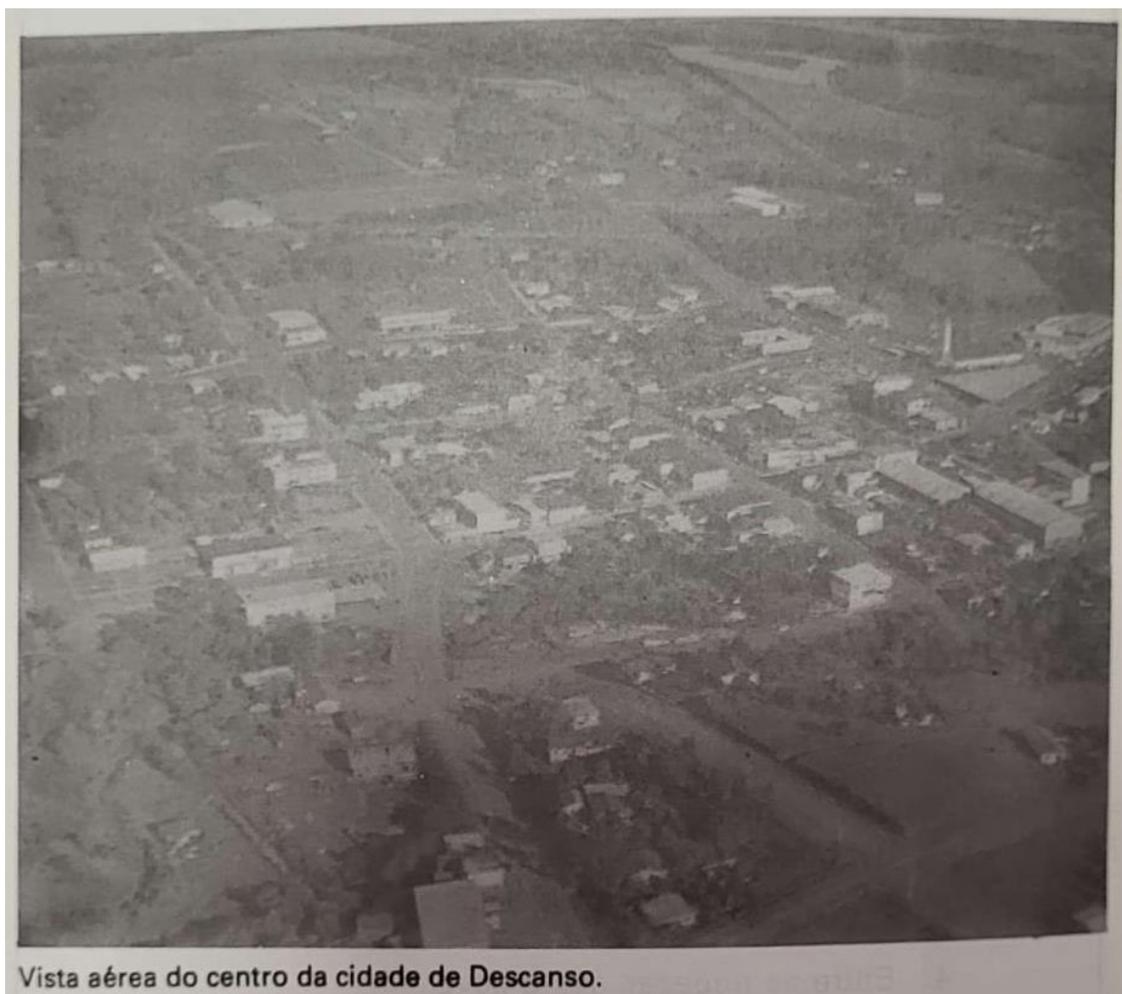
panorâmica do pequeno núcleo populacional de Descanso, datada de 1947, mostrando ao leitor como era a cidade há cerca de 30 anos, nas primeiras décadas de sua efetiva colonização. A fotografia contribui para a construção imagética da narrativa do progresso, do desenvolvimento social e econômico da cidade. Esta fotografia, estrategicamente, contrasta com uma das últimas fotografias publicadas no livro, representando como Descanso estava no presente (1986), mais urbanizado e desenvolvido, fruto do trabalho dos colonizadores. Segue, abaixo, ambas as fotografias.

Figura 2: Fotografia panorâmica da cidade de Descanso em 1947.



Fonte: ORO, 1986, p.1.

Figura 3: Fotografia aérea da cidade de Descanso na década de 1980



Fonte: ORO, 1986, p.142

A astúcia de Eliseu Oro no uso de imagens como “evidência histórica”, como prova e testemunha não só da passagem do tempo, num mesmo lugar (a área urbana de Descanso/SC), mas das transformações ocorridas naquele espaço, levam os leitores a concordar com a ideia de progresso e desenvolvimento econômico. Mas, foi assim, de forma contínua, décadas após décadas? Não houve momentos de retrocessos, de estagnações econômicas e de encolhimento da população local? Em ambas as imagens, o espaço urbano passou por significativas transformações. Novas ruas, casas, galpões, indústrias, casas comerciais. Mas essas transformações ocorreram, também, nas áreas rurais (comunidades e distritos)? As áreas rurais não foram fotografadas? Acreditamos que sim e, a exemplo da área urbana, podemos considerar que houve transformações positivas e negativas (crescimentos e êxodos) em áreas rurais.

Mas, as fotografias escolhidas para compor o livro auxiliaram o memorialista, como aparato de prova documental, na escrita sobre as comunidades e distritos no tema da religiosidade e educação.

Peter Burke, no livro “Testemunha Ocular”, adverte o uso de imagens (não apenas fotografias) como testemunhos levanta muitos problemas, alguns deles incômodos:

Imagens são testemunhas mudas, e é difícil traduzir em palavras o seu testemunho. Elas podem ter sido criadas para comunicar uma mensagem própria, mas historiadores não raramente ignoram essa mensagem fim de ler as pinturas nas “entrelinhas” e aprender algo que os artistas desconheciam estar ensinando. Há perigos evidentes nesse procedimento. Para utilizar a evidência de imagens de forma segura, e de modo eficaz, é necessário, como no caso de outros tipos de fontes, estar consciente de suas fragilidades.(Burke, 2017, 26)

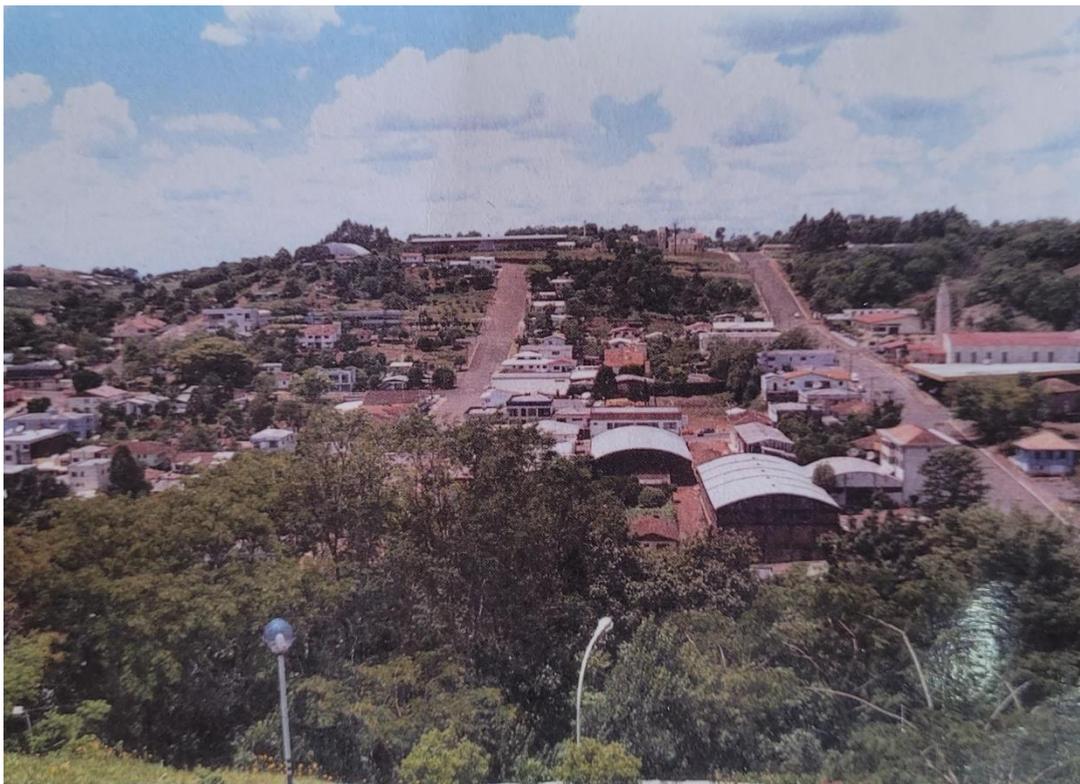
O alerta dado por Peter Burke sobre o uso de imagens, no nosso caso, de fotografias como testemunho de um momento histórico, é importante. Eliseu Oro mencionou nas páginas iniciais do livro ter tido auxílio de muitos moradores de Descanso/SC na busca de material documental, que incluíram as fotografias. No entanto, não houve, por parte do memorialista, em registrar, junto às imagens, a procedência das fotografias, o contexto em que foram tiradas, o autor das fotografias e qual era, inicialmente, a finalidade das mesmas para os proprietários das fotografias.

Acima, utilizamos duas fotografias tiradas em períodos distintos (mais de 30 anos) de um mesmo lugar: a área urbana de Descanso/SC. A comparação de imagens de um mesmo lugar, em recortes temporais distintos, é uma técnica utilizada por diversos pesquisadores e, dentre eles, os historiadores e historiadoras. Serve para percebermos, neste interstício de tempo, as mudanças e permanências daquele espaço pela ótica social, econômica, cultural, política e administrativa. Mas, para uma análise densa das fotografias, elas necessitam de documentos históricos de outras naturezas para dialogar com as imagens e o que conseguimos ler e refletir sobre elas.

Eliseu Oro não explorou essa potencialidade da comparação de imagens. Talvez não tenha sequer percebido isso. No entanto, esse memorialista sabia do poder das fotografias como testemunho histórico e, ao mesmo tempo, da dificuldade dos leitores em problematizar as imagens publicadas no livro e realizar

releituras. Em 2001, por ocasião da publicação da nova edição do livro, com novos textos, Eliseu Oro substituiu a fotografia datada de 1947 (que estava na contracapa do livro) por uma fotografia atual, possivelmente, do mesmo lugar em que a fotografia de 1947 foi feita. Vejamos abaixo.

Figura 4: Fotografia na contracapa da segunda edição do livro História de Descanso-SC (2001)



Fonte: Oro, 2001.

Esta fotografia atual, colorida e panorâmica, tinha sua intenção: mostrar aos leitores, sobretudo aqueles que não conheciam o passado mais distante de Descanso/SC, e que, por extensão, que não vivenciaram o tempo da colonização, perceberem que o que eles veem naquela fotografia, possuía uma história; que esta história estava escrita naquele livro e era necessário ler para reconhecerem-se como cidadãos daquele lugar e, ao mesmo tempo, perceberem que nos edifícios, praças, ruas, casas e nos morros existiam vestígios da história narrada.

A partir destas fotografias levantamos um questionamento: o livro trata apenas da história urbana de Descanso/SC? Em grande medida, sim, com foco na história política, administrativa, religiosa, educacional e cultural. O aspecto

econômico e rural é mencionado, mas de forma superficial e momentânea. Há silêncios sobre a pobreza, a marginalidade, o impacto da fronteira com a Argentina no cotidiano da cidade, além da percepção de que um número significativo dos habitantes residia em áreas rurais ou em comunidades rurais distantes do espaço urbano, como por exemplo nas comunidades de Linha Vorá, Linha Leste, Linha Campinas, Linha Pratinha, Linha Barra do Veado e assim por diante.

Em linhas gerais, podemos afirmar que o livro de Eliseu Oro não foge ao estilo de história local comumente escrita nas décadas de 1970 e 1980, em outros municípios Brasil afora. Positivista, conservador e parcial por não privilegiar uma leitura e escrita mais densa, plural e imersiva sobre o passado local e as singularidades do município, no espaço urbano, nas comunidades rurais e, ainda, da região fronteira com a Argentina e suas particularidades.

Voltemos ao livro. Após a fotografia inicial (de 1947), há uma mensagem de apresentação da obra, escrita pelo prefeito da época, Vitório Basso, e pelo presidente da Câmara dos Vereadores, Antônio Luiz Rech, que declararam aos leitores a importância dos fatos descritos por Eliseu; o trabalho desempenhado pelos colonizadores e a “preocupação com a manutenção da história” para as próximas gerações. Havia, para esses dois políticos locais, uma preocupação: a escrita da história local da qual ambos eram partícipes e sua “manutenção”, isto é, a reescrita sob os olhos e a vigilância do poder público para que as novas gerações de habitantes viessem ler e conhecer o passado preservado como uma espécie de memória oficial do município e a obra deveria servir de instrumento para o ensino da história local nos espaços escolares.

Mas, algo mais nos chamou a atenção nesta mensagem. Percebam que, naquele tempo (1986), os municípios brasileiros situados em região de fronteira com outros países, sobretudo durante a Ditadura Civil-Militar (1964-1986), tinham seus prefeitos nomeados. Não havia eleição para prefeito, apenas para vereadores. Os prefeitos, em lista tríplice, eram indicados pelo Governador do Estado e nomeados pelo Presidente da República. Em 21 anos de regime ditatorial, Descanso/SC teve três prefeitos nomeados. Vitório Basso foi o primeiro prefeito eleito por voto direto em Descanso/SC, em 1985. Sobre o período sombrio da Ditadura Militar no município fronteiro não há nenhuma menção no livro, como se ali nada tivesse ocorrido, salvo no momento em que são apresentados os prefeitos de Descanso/SC, contendo informações de que foram nomeados.

Uma página depois, estão os agradecimentos escritos por Eliseu Oro. Ele cita, inicialmente, a sua família: “À venerada mãe, Genoveffa, pelo sim à vida. À esposa, Terezinha, pela compreensão. Aos filhos; Ari Pedro, pelas valiosas sugestões na organização do presente trabalho, Dirceu, pela coordenação das fotografias inseridas.” (Oro, 1986, p. 8). O trecho descreve o contexto de participação e apoio que Eliseu recebeu da família durante a produção do livro e construção do livro. Ainda nos agradecimentos, Eliseu teceu comentários sobre membros da administração municipal chefiada por Vitório Basso, por facilitarem as pesquisas e viabilizarem a publicação do livro, bem como aos entrevistados e famílias que cederam documentos históricos e depoimentos. Ao final, Eliseu fez agradecimentos póstumos ao seu pai, Pedro Oro, ao padre Francisco Masure e aos “pioneiros” envolvidos na colonização de Descanso, com destaque para as famílias de descendência polonesa, como se verificou no decorrer da obra, deixando ausente da escrita histórica outros pioneiros, como a presença indígena e cabocla. O memorialista, ao agradecer seus familiares, explicitou a ideia de família acolhedora a seus propósitos. Ao mencionar o padre belga, destaca não apenas a contribuição dele para a constituição da comunidade, mas também o papel da religiosidade católica na fronteira com a Argentina.

Logo em seguida, a obra possui um prefácio redigido por Antônio da Cunha Lemos (vereador por Mondai, quando Descanso era distrito e primeiro prefeito eleito de Descanso), que afirmou ser agente e testemunha de muitos dos fatos apresentados no livro. Ter um texto, como prefácio, do pioneiro e primeiro prefeito de Descanso, Antonio Cunha Lemos, era estratégico porque funcionava como sustentáculo da história local escrita por Eliseu Oro, ao assumir o posto de “testemunha ocular” e “validador” dos “lances do passado” escritos no livro. O memorialista Eliseu Oro, em sua primeira empreitada como historiador, precisava de outras pessoas “ilustres”, contemporâneos a ele, para dar crédito e efeito de verdade à história escrita.

O memorialista pensando nos leitores internos e externos, inseriu um mapa de Santa Catarina, contendo os limites territoriais dos municípios criados até 1974, bem como uma divisão do território catarinense por microrregiões. Descanso/SC, situava-se no extremo Oeste de Santa Catarina, fazendo fronteira, a oeste, com a Província de Posadas/Argentina.

Figura 5: Mapa Político do Estado de Santa Catarina - 1974



Fonte: Oro, 1986, p. 09

A ideia do memorialista em inserir um mapa do Estado de Santa Catarina nas páginas iniciais do livro tinha o intuito de delimitar um lugar, um espaço de pertencimento e de referência à história escrita de Descanso/SC; que a história tecida por Eliseu Oro estava circunscrita ao território do município, cujos limites fronteiriços eram aqueles definidos no mapa de 1974. No entanto, ainda que as pessoas residam num determinado município ou região, suas trajetórias de vida e as experiências que moldaram sua memória (leitura e compreensão) do passado vivido em sociedade, não respeitam as fronteiras do município e mesmo da região. O lugar de pertencimento e identidade se constitui a partir da interação com outras pessoas num mesmo território, mas essa interação também é praticada fora das fronteiras do município e/ou da região, tendo as estradas, as pontes, os rios, as picadas como suporte para deslocar-se a outros lugares.

É necessário pensar que, no decorrer da história local, a comunidade polonesa, o distrito de Descanso, adiante transformado em município, dependeu, direta e indiretamente, da infraestrutura de serviços técnicos, de transporte, de hospitais e de empresas comerciais e industriais existentes nos municípios do entorno por longo tempo. A história local, que se materializou a partir das memórias comuns de muitas pessoas, é fruto, também, da relação entre pessoas e empresas situadas em outros municípios e para além deles, com a região e seu entorno. Em síntese: a história local não se prende às fronteiras do município, ainda que se tentem enquadrar os relatos e os escritos históricos num determinado território. A figura 6 apresenta a localização atual do município de Descanso, houveram algumas mudanças em relação ao mapa de 1974, principalmente pelo resultado da emancipação de outros municípios.

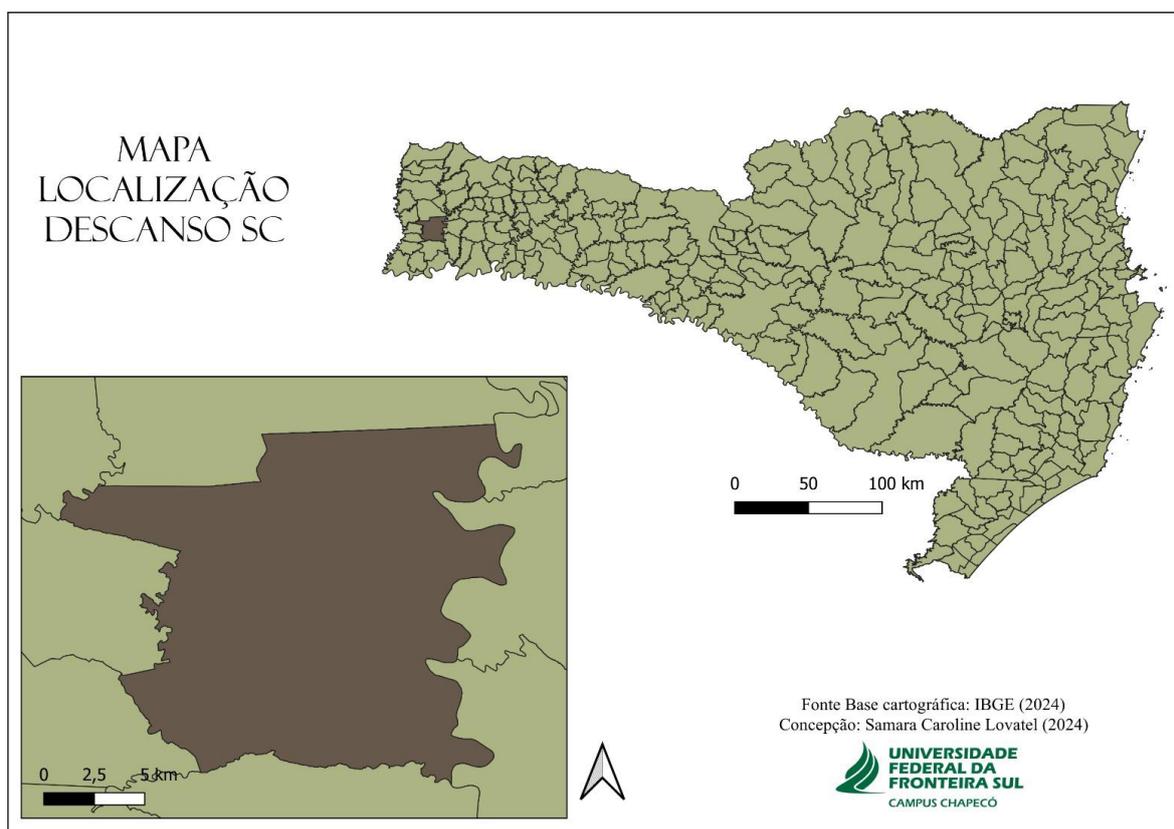
Na introdução do livro “História de Descanso”, escrita pelo memorialista Eliseu Oro percebemos a preocupação dele em registrar a história de Descanso/SC antes que ela caísse em esquecimento:

Na longa jornada de aprofundamento e de pesquisa, constatamos, à medida que o tempo passa, mais difícil se torna relatar os fatos históricos de nosso povo. Muitas coisas aos poucos vão ficando um tanto nebulosas na lembrança da gente, ou mesmo se perdendo no tempo, e, na prática, às vezes surgem certas contradições... por sinal, bem compreensíveis (Oro, 1986, p. 11)

O esquecimento do passado local, na compreensão de Eliseu Oro, referia-

se às suas memórias de um passado vivido (ou sobrevivido), mas distante, bem como as memórias dos antigos habitantes de Descanso/SC, que ao serem ouvidas pelo memorialista, se contradiziam com suas lembranças em torno de fatos e acontecimentos comuns. Escrever a história de Descanso/SC era, também, escrever e preservar para a posteridade, as suas memórias, ressignificadas ao longo do tempo no convívio cotidiano com outras pessoas; ressignificados a partir de acontecimentos importantes que alteraram sua visão e compreensão do passado e seus horizontes de expectativas em relação ao futuro; ressignificados mediante o impacto causado na memória por algum trauma, como a perda do pai (Pedro Oro).

Figura 6: Mapa localização atual de Descanso (SC)



Fonte: Base cartográfica: IBGE (2024)

Outro esquecimento, a que se refere Eliseu, era sobre as origens, as versões de fatos, acontecimento e sujeitos históricos que, na memória popular, se preservavam, tendo a migração de imigrantes poloneses e seus descendentes como momento inaugural da povoação atrelada à empresa colonizadora e não a

passagem da Coluna Prestes pelo interior do território do município de Descanso, em 1925. Para tirar a Coluna Prestes do esquecimento, era necessário inserir a história local no cenário político nacional e, para isso, no entender do memorialista, deveria buscar documentos históricos para atrelar a história da Coluna Prestes à história das origens de Descanso/SC, não tanto para aqueles que viveram e experienciaram o passado local, mas, sobretudo às crianças e jovens das gerações futuras, que, via escolarização, teriam acesso ao passado lendo o livro. Não é por mero acaso que o primeiro capítulo do livro foi sobre a Coluna Prestes.

O primeiro capítulo do livro, “A Coluna Prestes”, dedicou-se a narrar sobre o passado mais distante de Descanso/SC. O memorialista, inicialmente, apresenta ao leitor uma breve biografia de Luiz Carlos Prestes, extraída da Enciclopédia Barsa (1969, p. 226, vol. 11) com destaque para a formação militar no Rio de Janeiro, da atuação no batalhão de Santo Ângelo/RS e seu envolvimento no Movimento Tenentista, a formação da Coluna Prestes, o deslocamento pelo interior do Brasil, entre 1924 e 1926 e a estadia de Prestes na União Soviética no início da década de 1930, retornando ao Brasil, em 1934. Tivemos acesso a um exemplar da Enciclopédia Barsa, volume 11, edição de 1969. Percebemos que Eliseu Oro, poderia ter apresentado ao leitor outras informações relevantes sobre a trajetória de Prestes que constavam no mesmo verbete da Enciclopédia Barsa, que reproduzimos abaixo, a partir de onde ele interrompeu a descrição:

Após a insurreição de 1935, Prestes foi preso e permaneceu encarcerado durante quase dez anos. Com a reconstitucionalização do país (1945), elegeu-se senador e assumiu a chefia do PCB. Em 1947, cassados os mandatos dos comunistas, caiu na clandestinidade, retornando às atividades políticas em 1960. Após a revolução de 31 de março de 1964, teve seus direitos políticos suspensos e buscou asilo político na URSS. (Barsa, 1969, p. 226 - vol 11)

Qual era a intenção do memorialista ao omitir parte da trajetória de Prestes, como preso político, senador comunista, cassado em 1947, com breve retorno à política em 1960 e exilado na União Soviética após o golpe civil militar de 1964? Há dois caminhos interpretativos: 1) fazer com que o leitor conhecesse apenas a trajetória do jovem Luiz Carlos Prestes, porque se atrelava diretamente ao tempo da Coluna Prestes; 2) abordar, num livro de cunho histórico e didático, sobre um sujeito histórico singular como Prestes, que foi preso político, comunista e exilado na URSS durante o período mais tenso da Ditadura Militar no Brasil, poderia trazer

algum dissabor ao memorialista, visto que, mesmo publicando o livro em 1986 (e sua escrita iniciada vários anos antes), num momento em que a redemocratização política estava ocorrendo, os órgãos de vigilância e o aparato repressivo continuavam atuantes, pois se vivia um período de transição política.

Mais adiante, Eliseu passou a discorrer sobre o percurso da coluna Prestes no extremo oeste de Santa Catarina, usando as narrativas de viagens do capitão Lourenço Moreira Lima, secretário da coluna, publicado em forma de livro em 1945. O memorialista Eliseu Oro, reproduziu vários trechos dos escritos de Moreira Lima, que evidenciavam a passagem da Coluna Prestes pelo território que viria pertencer a Descanso/SC, rumo a Barracão/PR, sem omitir a deserção e expulsão de militares e civis que compunham a força de combate da Coluna Prestes quando do cruzamento do rio Uruguai rumo ao território de Santa Catarina; as dificuldades vivenciadas pelos combatentes e os combates travados em terras catarinenses. A essas narrativas, seguem duas fotografias, utilizadas como prova da veracidade do relato de Moreira Lima.

Após discorrer sobre aspectos mais gerais em torno de Luiz Carlos Prestes e a Coluna Prestes, Eliseu Oro, passou a abordar a “presença” da Coluna Prestes em Descanso/SC. Com base nos relatos de outro memorialista, Antonio Pichetti (1931-2019 - advogado, professor e deputado estadual por Santa Catarina), Oro informou ao leitor sobre as origens do nome “Descanso”, tendo surgido quando da passagem e estadia parada da “famosa coluna revolucionária” e “no município enfocado, fez largo pouso; descansou.” (Pichetti, 1970 *apud* Oro, 1986, p. 17). Tal afirmação, é reforçada a partir das anotações do Livro Tombo da paróquia de Descanso/SC, realizadas pelo padre Francisco Maruse:

O nome ‘Descanso’ do atual município era totalmente desconhecido antes do 2 de fevereiro de 1925. Achando no centro (sede municipal atual) restos de carroças, estribos e algumas armas abandonadas, conclui-se que a coluna revolucionaria de Prestes tinha acampado ou descansado aí... daí o nome de Descanso.” (Masure, 1950, p 01 *apud* ORO, 1986, p. 17).

Cabe, aqui, uma observação. Intencionalmente, Eliseu Oro, omitiu a frase seguinte do mesmo parágrafo dos apontamentos tecidos pelo Padre Masure: “Na realidade, não era a Coluna regular de Prestes que acampou em Descanso-centro, mas elementos destacados e dissidentes, rumando para a Rep. Argentina.”

(Masure, 1950, p. 01) Nosso memorialista, ao omitir a informação, levou seus leitores a compreenderem que era a Coluna Prestes quem teria “descansado” e abandonado armas e outros utensílios, sendo localizados posteriormente pelos primeiros povoadores. No entanto, no relato do Padre Masure, quem teria acampado seriam um grupo de desertores que teriam abandonado (ou sido expulsos) do efetivo de combatentes da Coluna Prestes durante o deslocamento das tropas pelo extremo Oeste Catarinense. Omitir é o mesmo que apagar, silenciar, ocultar, despistar, confundir os vestígios, afastar da verdade, ou ainda, destruir outras versões de verdade em torno do acontecimento.

Não é mero acaso que Eliseu buscou novos testemunhos para dar efeito de verdade em seus escritos, como um diálogo que teria tido com Benjamin Gracik, denominado pelo memorialista como “um dos primeiros povoadores de Descanso” (mas não é considerado e nominado pelo memorialista como “pioneiro” em outra parte do livro que trata da colonização) e teria dito que “foram encontrados uma espada, dois fuzis e considerável quantidade de balas de ‘winchester’ junto a um pinheiro que existia perto do acampamento dos primeiros moradores”. (Oro, 1986, p. 17). Daqui, surge outra indagação: quer fossem combatentes da Coluna Prestes, ou desertores da mesma que se deslocariam rumo à Argentina, é questionável eles terem abandonado armamento de combate e munição, junto a um pinheiro perto do acampamento dos primeiros moradores, pois eram instrumentos essenciais à sobrevivência naquelas florestas. Teriam, esses combatentes (ou desertores) excesso de bagagem, que resultavam na demora e atrasos nos deslocamentos? Os armamentos e munições foram abandonados por apresentarem avarias ou mau funcionamento por falta de manutenção e consertos? Questões essas, que permanecem em aberto para reflexões futuras.

Eliseu Oro, apresenta aos leitores de sua obra outro documento que trata da passagem da Coluna Prestes por Descanso. Referimo-nos a uma carta escrita por Luiz Carlos Prestes, datada de 28 de agosto de 1982, em resposta a uma carta enviada por Eliseu Oro, usando o pseudônimo de “Elísio Orn”. Mas, antes de adentrar na carta de Prestes, cabe aqui, outras ponderações: nosso memorialista era um leitor curioso, inquieto e ávido por mais saber em torno da Coluna Prestes. Ainda que ele não tenha publicado a carta que enviou a Luiz Carlos Prestes, datada de 24 de julho de 1981 (segundo informa Prestes, no primeiro parágrafo da carta em resposta a Elísio Orn), ao escrevê-la, intencionava dialogar diretamente

com Prestes e saber dele, suas memórias em terras catarinenses. Por que usar um pseudônimo? Ora, Prestes havia retornado do exílio na URSS, com a promulgação da Lei de Anistia (Lei n. 6.683, de 28 de agosto de 1979) e, em 1981, o Brasil estava sob governo militar. A carta poderia, no entender de Eliseu Oro, ser interceptada pelos serviços de inteligência, vigilância e repressão, que, por sua vez, resultariam em investigações de diferentes naturezas sobre ele. Em entrevista que realizamos com Dirceu Oro (filho de Eliseu Oro), ele reiterou que o uso do pseudônimo na correspondência foi empregado como medida de segurança devido ao contexto do período (Entrevista realizada com Dirceu Oro, 2024).

Reproduzimos na íntegra, abaixo, a carta de Luiz Carlos Prestes, originalmente datilografada, sem deixar de mencionar que ela passou pela chancela em cartórios, em outubro de 1986, para reconhecer que a cópia a ser divulgada no livro era fiel ao documento original.

Rio de Janeiro, 25-08-1982

Prezado Sr. Elísio Orn.

Acuso em meu poder sua atenciosa carta de 24 de julho de 81 que, por motivo de força maior, somente hoje me é dado responder.

Agradeço suas informações a respeito da origem do nome desse município, assim como os dados que me fornece sobre a superfície e população do mesmo.

Quanto às perguntas que me faz, posso dizer-lhe o seguinte:

1) Fizemos a travessia do rio Uruguai a partir do dia 31 de janeiro de 1925, na localidade de Pôrto Feliz, antiga Colônia Militar do Alto Uruguai, tendo partido da localidade de São Miguel no dia 27 de dezembro de 1924. Na marcha tivemos de travar dois combates - um no riacho Conceição, próximo do rio Ijuizinho e o outro na localidade da Ramada, sendo o primeiro no dia 29 de dezembro e o segundo no dia 3 de janeiro de 1925. Posteriormente, nossa retaguarda, à margem do rio Pardo, foi atacada de surpresa e resistiu bravamente até a morte de todos os seus membros. Neste último combate morreram o Tenente Mário Portela Fagundes, comandante da retaguarda, e com ele os companheiros Pedro Bins, Major Carlos Augusto dos Santos Paiva, major Pinto e mais seus irmãos (ambos filhos do velho Taquariano) e mais uns dez soldados. Utilizamos na travessia do rio Uruguai uma lancha a motor existente na localidade. Como medida de segurança militar, enviamos uma pequena guarda para um ponto, rio acima, que deve ser o Porto Novo, a que se refere em sua carta. A referida guarda, ao terminar a travessia do rio, voltou a Porto Feliz.

2) O único livro que lhe posso indicar para o estudo que deseja fazer é o do Dr. Lourenço Moreira Lima (capitão secretário da Coluna), que fez toda a marcha, do Paraná até a Bolívia - "Marchas e Combates". Se encontrar algum exemplar a venda nas livrarias desta capital tratarei de informá-lo.

Reiterando meu pedido de desculpas pela demora desta resposta, saúdo-o cordialmente.

Luiz Carlos Prestes"

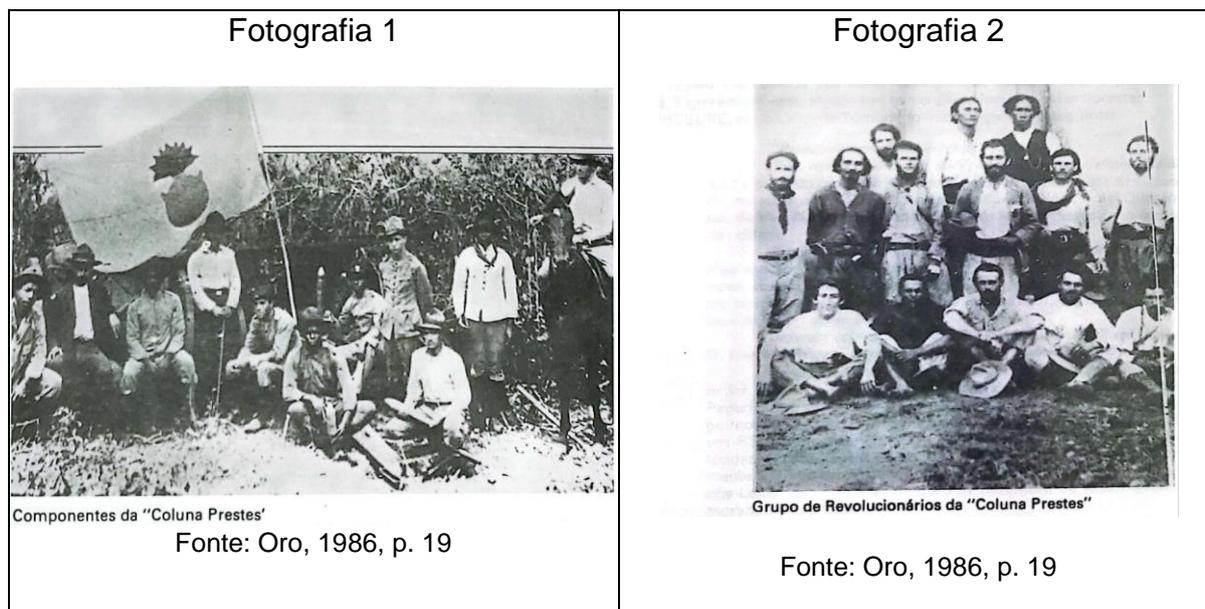
(Prestes, 1982 *apud* Oro, 1986, p. 18)

A carta de Luiz Carlos Prestes pouco acrescentou aos propósitos de Eliseu

Oro em conhecer mais detalhes da passagem e estadia da Coluna Prestes em Descanso/SC. No entanto, a missiva recebida possuía, para o memorialista, grande importância por ser o primeiro contato estabelecido entre ambos. Publicar a carta, ainda que remetida à sua pessoa, era tornar público à comunidade local, certo grau de proximidade e pessoalidade com Prestes e, ao mesmo tempo, justificava a necessidade do livro dar atenção à Coluna Prestes, bem como daquela marcha rumo ao Paraná e evocar as origens do nome do povoado naquela porção do território catarinense.

Logo após a carta de Luiz Carlos Prestes, o memorialista apresentou ao leitor duas fotografias. A primeira delas, com a inscrição “Componentes da Coluna Prestes” e, a segunda fotografia com a inscrição “Grupo de Revolucionários da Coluna Prestes”, que reproduzimos abaixo.

Figura 7: Fotografias da Coluna Prestes utilizadas por Eliseu Oro na obra "História de Descanso-SC" de 1986



Dedicamos um tempo significativo para encontrar informações mais precisas sobre as duas fotografias. Ambas fazem parte do acervo fotográfico digital do Centro de Pesquisa e Documentação (CPDOC), atrelado à Fundação Getúlio Vargas (FGV)<sup>2</sup> que contém um vasto acervo documental sobre o Brasil no período republicano. Na busca que fizemos utilizando o termo “Coluna Prestes”, via busca

<sup>2</sup> Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/>

simples, encontramos 1.382 ocorrências, nos acervos de “Entrevistas”, “Documentos de Arquivos Pessoal”, “Audiovisual” e “Verbetes”. Como nosso interesse eram as fotografias da Coluna Prestes, fomos direto ao acervo audiovisual. Algum tempo depois, localizamos a primeira fotografia, denominada por Eliseu Oro, como “Componentes da Coluna Prestes”. A fotografia integra o acervo do capitão Italo Landucci, que compunha o batalhão revolucionário chefiado pelo Marechal Isidoro Dias Lopes, que, de São Paulo, marcharam para o Paraná e, entre setembro e dezembro de 1924, combatiam as forças legalistas (sob comando do General Rondon) na Serra dos Medeiros (hoje área rural do município de Guaraniaçu/PR). A fotografia retrata um grupo de revolucionários paulistas do 4º Batalhão de Caçadores e alguns combatentes da 2ª Brigada de Infantaria, sessão de artilharia, responsáveis pela artilharia pesada com canhões (que estavam, na fotografia, camuflados sob a vegetação, logo abaixo da bandeira).<sup>3</sup> As lembranças deste grupamento de combates na Serra dos Medeiros foram narradas por Italo Landucci, na obra “Cenas e episódios da Revolução de 1924 e da Coluna Prestes”, publicado pela Editora Brasiliense, em 1952.

A segunda fotografia, nominada por Oro de “Grupo de Revolucionários da Coluna Prestes” integra o acervo do tenente Nelson de Mello, que, em julho de 1924, aderiu ao movimento revolucionário deflagrado em São Paulo pelo general Isidoro Dias Lopes. Nelson de Mello participou dos combates contra as forças legalistas em Catanduvas/PR, em abril de 1925, quando Luiz Carlos Prestes deslocava-se em terras paranaense. Cercado em Catanduvas/PR após quatro meses de combates contra o general Cândido Rondon, Néelson de Melo foi preso em março de 1925, quando o reduto revolucionário caiu, após esgotados alimentos e munição. A fotografia 2, no entanto, retrata combatentes revolucionários da Coluna Prestes na Bahia, em 1926.<sup>4</sup> Na segunda fileira central, segurando um chapéu com uma das mãos, em pé, está o tenente Antônio de Siqueira Campos (que foi colega de Luiz Carlos Prestes na Escola Militar do Realengo, no Rio de Janeiro) e, ao seu lado, à direita, o capitão gaúcho André Trifino Correia. Siqueira Campos acompanhou os revolucionários e civis sob comando de Luiz Carlos Prestes Brasil afora. Em terras catarinenses, segundo Lourenço Moreira Lima,

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/arquivo-pessoal/ila/audiovisual/aspectos-da-campanha-dos-revolucionarios-no-parana/> (ver foto 6)

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/arquivo-pessoal/nem/audiovisual/siqueira-campos-e-outros-integrantes-da-coluna-prestes/>

Siqueira Campos recebeu ordens de Prestes para assumir o comando do terceiro destacamento de combatentes após o desligamento do tenente João Pedro Gay (Lima, 1979, p. 107)

O que motivou Eliseu Oro a escolher estas duas fotografias para compor o livro e mostrar ao leitor como eram, fisicamente, os combatentes da Coluna Prestes? Ambas as fotografias foram feitas por fotógrafos profissionais distintos, em cenários e poses previamente preparados, em datas diferentes e regiões distintas do Brasil. Não há, nestas fotos, a presença de militares de grande patente (Coronel, General, Marechal), mas de sargentos, tenentes e capitães que comandavam os grupamentos de revolucionários compostos, em sua maioria, de soldados e civis. Em ambas as fotografias, combatentes jovens (ou de meia-idade), muitos deles, negros. Suspeitamos que nosso memorialista intencionava mostrar a seus leitores que o Movimento Tenentista nascido em 1922, desdobrando-se em várias frentes no ano de 1924, era composto, em sua maioria, por militares de baixa patente e jovens civis de diferentes grupos sociais, étnicos e de cor. É importante frisar que Luiz Carlos Prestes quando passou por terras catarinenses, nos primeiros meses de 1925, tinha recém completado 27 anos. Aos olhos de hoje, era um adulto jovem, mas naquela época, era um adulto de meia-idade, tendo em vista que a qualidade de vida e a expectativa de vida eram bem menores. Talvez, a mensagem de Eliseu Oro à juventude de 1986 fosse: espelhem-se nos jovens de outrora e persistam em seus sonhos, pois os tempos sombrios da Ditadura esvaíam-se e era necessário pensar e atuar por uma redemocratização plena até nas fronteiras da nação.

Adentramos agora, no segundo capítulo do livro “História de Descanso-SC”, cujo intuito é discorrer sobre a colonização daquela porção do território do extremo Oeste Catarinense, que “há pouco mais de 50 anos atrás, esta região era coberta por mato nativo. Aqui existiam caça e pesca em abundância. Esporadicamente, alguns indígenas passavam por estas florestas.” (Oro, 1986, p. 21) Os indígenas são mencionados por Eliseu Oro, não como habitantes destas florestas, rios e terras, mas como transeuntes em deslocamento. Se se deslocavam, deveria haver um ou mais caminhos, trilhos, picadas e, possivelmente, lugares temporários para descanso e permanência. A indiferença manifestada pelo memorialista para com a memória da presença indígena se mostra ao omitir a etnia, aldeamentos e outros elementos da cultura indígena local.

Algo semelhante foi feito ao mencionar, com base em informações extraídas do Livro Tombo (do padre Masure), a existência de dois negros, “tio Adão” e “tio Abel” vivendo no lugar que se tornaria o centro da cidade de Descanso/SC; que o tio Adão teria sido assassinado “pelos elementos soltos da Coluna Prestes”, isto é, por combatentes revolucionários que integravam os destacamentos em marcha. O uso da expressão “elementos soltos” dá a entender, também, que esses combatentes poderiam ter desertado da Coluna Prestes. Mas, qual o motivo do assassinato de Adão? Ele teria resistido a ceder alimentos e animais de montaria de uso próprio aos combatentes? A Coluna Prestes que, nos escritos de Eliseu Oro, daria origem à Descanso/SC, também propiciou o assassinato de Adão por não apoiar a causa da revolução, cedendo, possivelmente, alimentos e animais para as tropas. Relatos como esse foram coletados por Eliane Brum, no livro “Coluna Prestes, o avesso da Lenda” (1994) De uma forma, ou de outra, Adão e Abel eram “negros”. Ao menos nos documentos coletados, não tinham sobrenome, informações sobre suas origens, quando chegaram, suas idades e se possuíam família residindo com eles, pois naquelas matas e rios, havia muita caça, pesca e os caminhos indígenas também eram utilizados por eles. Se eram “tios”, deveria haver uma rede de parentesco maior? Ou, ainda, que essa forma de tratamento pessoal, por “tio”, era atribuída às pessoas idosas?

O interesse do memorialista, e também do padre Masure, era registrar os nomes dos primeiros “colonos” Guilherme Eugênio Schirmann, Carolina Diebencicher, Guerino Piran, Pedro Sartorello, Ismael Pelissari, Angelo Pelissari, Angelina Pelissari e José Roman, moradores da Linha Vorá e Linha Leste. Possuíam, nomes e sobrenomes, esposas, lugares de origem, famílias e data de quando migraram para Descanso/SC. Tais dados estão no livro, ao contrário do que se sucedeu com os dois negros e os indígenas, induzindo ao esquecimento e à permanência deles nas sombras da história, como sujeitos históricos de menor importância para a história local. Quem escreve a história tem, em suas mãos, a prerrogativa para operacionalizar lembranças e esquecimentos, conforme as circunstâncias, os jogos de forças, o contexto histórico (local e global) e os interesses que os movem a escrever textos de cunho histórico. O historiador e a historiadora, ao ler e refletir sobre esses escritos, percebe as fissuras aparecem no texto, ou como bem disse Durval Muniz de Albuquerque Júnior, na obra “O tecelão dos tempos”

A pesquisa histórica visa, através da crítica, afastar-se das versões consagradas do passado, fazendo aparecer seus defeitos, seus pontos de suturas, fazendo aparecer as costuras mal feitas, os nós forçados, os pontos de esgarçamentos das tecituras do passado. (Albuquerque Júnior, 2019, p. 260)

Isso também nos faz lembrar que a escrita da história exige a reescrita por outros ângulos, abordagens e fontes documentais. O livro “História de Descanso/SC” é fruto de um tempo histórico e, assim como milhares de outros livros, mesmo não sendo considerados ultrapassados, serão objetos de reescrita a partir do que existe, do que a obra propiciou preservar como memória escrita.

Voltemos à história narrada por Eliseu Oro. O memorialista pontua em seus relatos que o início da colonização empresarial foi “desorganizada” e sem “planejamento condizente com a realidade local; que as terras eram vendidas aos colonos pelos encarregados das empresas colonizadoras” (Oro, 1986, p. 22), além de ter havido especulação imobiliária por negociantes de terras onde existiam núcleos de povoamento na Linha Sede, Linha Vorá e Linha Leste e, ainda, promessas de abertura de estradas e pontes que não foram cumpridas pelas colonizadoras ou pelos negociantes de terras. E, outras estradas foram abertas com mão de obra dos próprios colonos mediante o uso de ferramentas básicas, recebendo terras como forma de pagamento por parte da empresa colonizadora. Já, a área que, mais tarde seria a parte urbana de Descanso foi colonizada a partir de 1935, com famílias de descendência polonesa, oriundos de Casca, distrito do município de Guaporé/RS. Antônio Ciechanowski, José Wronski, José Pietroski, Thomaz Graboski, Valentim Koswoski, Thomais Koprowski, Pedro Lorenski, e suas famílias foram denominadas de “pioneiras”, por Eliseu Oro, que detalha o protagonismo deles em diferentes frentes de atuação para o alvorecer e crescimento de Descanso/SC, na política, no comércio (bodegas, casas de secos e molhados), na indústria (moinho), na serraria e no transporte de mercadorias e pessoas. Destas famílias, seguem-se mais de uma dezena de fotografias de residências, casas de comércio, moinho, serraria, além de fotos de pessoas. (Oro, 1986, pp. 24-34)

Essas famílias pioneiras, cujas narrativas estenderam por várias páginas, tornaram-se muito próximas de Eliseu Oro, algumas delas, por longo tempo. Rememorar a trajetória destas famílias, para o memorialista, era uma forma de

reconhecer a contribuição deles para Descanso/SC e, ao mesmo tempo, uma espécie de homenagem pessoal do autor. Muitas das fotografias que constam nesta parte do livro, foram cedidas pelos familiares destes pioneiros de descendência polonesa. Cabe, aqui, algumas ponderações: foi escolha intencional do memorialista em escolher famílias polonesas como pioneiras? Não havia outras famílias de origem étnica ucraniana, alemã, italiana, cabocla, junto a essas famílias? Se havia um núcleo de povoamento “homogêneo”, ele ocorreu de forma espontânea ou alguém direcionou? Havia, no tempo da escrita do livro “História de Descanso/SC”, alguma iniciativa local ou regional para se criar uma identidade étnica para Descanso/SC, com base no povoamento? Voltaremos a esse assunto no próximo capítulo.

Eliseu Oro, estrategicamente, demorou a informar ao leitor que as empresas colonizadoras que atuaram na venda de terras e na formação dos povoados de Descanso foram a Empresa Chapecó-Peperi Ltda. e a Empresa Colonizadora Florestal Iguaçu Ltda., levando a crer que houve um esforço muito grande das famílias pioneiras para o sucesso e desenvolvimento posterior de Descanso/SC, sobretudo, a partir de 1946, quando a colonização tomou fôlego. Segundo o memorialista, as empresas colonizadoras, mesmo comercializando as terras e o volume de pessoas migrando, pouco investiram na localidade:

Um fenômeno que não podemos deixar de lado é o fato de que os colonizadores nada investiram em Descanso. O mesmo não aconteceu, por exemplo, no vizinho município de São Miguel do Oeste. Aí os colonizadores aplicavam o produto da venda das terras, mormente na indústria e comércio. Certamente, isso motivou e facilitou grandemente o crescimento e desenvolvimento daquela Comuna.

Por certo, não foram poucos os sacrifícios, suores e privações que os primeiros povoadores aqui passaram para iniciar o núcleo populacional. Tinham inata força de vencer, a qualquer preço. Além da vontade férrea, possuíam uma fé inabalável, que os animou e reanimou muitas vezes nas dificuldades de toda espécie. Eles lutaram e venceram, venceram porque lutaram e com méritos. São, portanto, dignos de nossa admiração, respeito e gratidão! (Oro, 1986, p. 35)

Os sacrifícios e dificuldades de toda espécie, ao contrário do que afirma Eliseu Oro, não estava restrita às famílias pioneiras de Descanso/SC, que as obrigou a lutar, superar e vencer. E o memorialista mencionou apenas aquelas que venceram, silenciando aquelas famílias que, pelas adversidades enfrentadas, desistiram e voltaram à terra natal. Em toda frente de colonização dirigida por

empresas privadas ou estatais, nas diferentes fases do processo, existem dificuldades, sacrifícios e superações a todos que decidiram migrar para um novo lugar, independente se eram colonos, comerciantes, motoristas, jagunços ou empresários. Como bem lembra José de Souza Martins, que na frente de expansão territorial sobre territórios ocupados inicialmente por indígenas e caboclos, há um cenário “altamente conflitivo de humanidades”, em que a intolerância, a violência, o conflito, a ambição e a morte convivem com a esperança, os sacrifícios, a redenção, a justiça, a alegria e a fartura. (Martins, 2018, p. 9 e 10)

No capítulo terceiro, intitulado “A criação do Distrito de do Município”, Eliseu Oro descreve sobre o processo de emancipação político-administrativa de Descanso, apresentando aos leitores cópia de leis que autorizaram a criação do distrito como 16º distrito do município de Chapecó, desmembrando-se do distrito de Mondaí, segundo a Lei nº 7 de 18 de fevereiro de 1950, assinada pelo prefeito de Chapecó, Serafim Ernesto Bertaso (Oro, 1986). Eliseu Oro apresentou, também, a Lei nº 14, de 23 de maio de 1950, assinada pelo deputado José Boabaid, presidente da Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina, que aprovava a Lei nº 7, de criação no município de Descanso. No entanto, detalha o memorialista,

em novembro de 1953, o município de Chapecó, que possuía uma área de 13.719km<sup>2</sup> subdividiu-se em oito novas Comunas. Com esse desmembramento, o distrito de Descanso passou a pertencer a Mondaí, sendo o 2º Distrito do novo Município. Por certo, cabe uma indagação: por que Descanso, distante apenas 12 km de São Miguel do Oeste passou a fazer parte de Mondaí, a mais de 50 km de distância? Ora, o Partido da Situação - PSD - procurou de todas as formas favorecer os próprios redutos partidários. Para tanto, Mondaí aumentou a área territorial (...) (Oro, 1986, p. 53)

Diante de tal contexto, Eliseu Oro se empenhou junto a uma comissão em buscar a emancipação político-administrativa de Descanso, para elevá-lo à condição de município. Vejam, abaixo, como o memorialista relembra esse momento:

Na época dos desmembramentos, em Descanso, reuniram-se os Membros dos sub-diretórios, com a finalidade da própria emancipação administrativa. Formou-se uma Comissão, composta por Antônio da Cunha Lemos, representando o PSD, Eliseu Oro a UDN e Antônio Ciechanowski o PTB para se deslocar a Chapecó (...) Naquele tempo, as estradas estavam em precário estado de conservação, dificultando muito

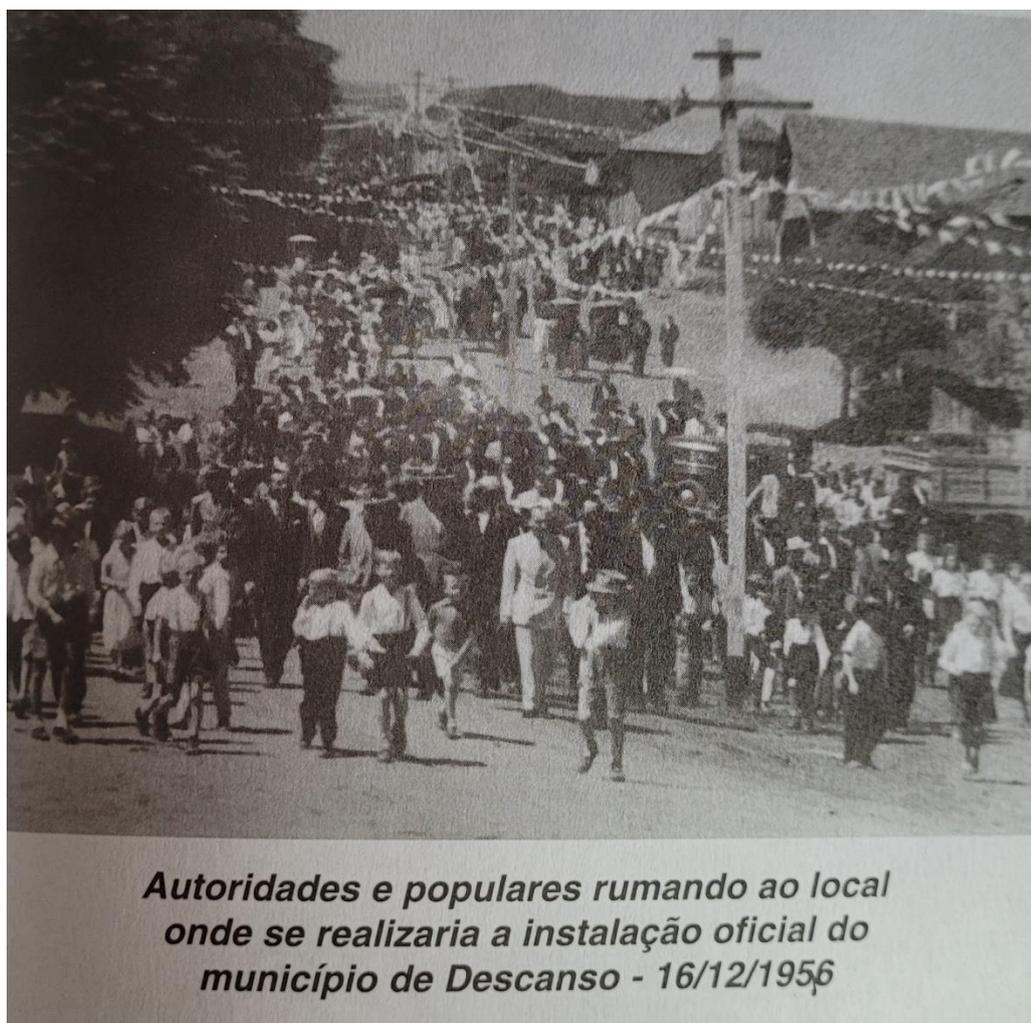
a viagem, mormente em dias chuvosos. Os três representantes embarcaram no jipe, de propriedade de Antônio da Cunha Lemos, em direção a Chapecó. (...) A viagem durou dois dias (...) Na manhã seguinte, fizeram a apresentação junto aos respectivos Diretórios e aos Vereadores, mostrando-lhes as mensagens reivindicatórias de que eram portadores. No entanto, com surpresa, puderam constatar, desde o início, que praticamente estava tudo decidido. Não obstante, procuraram, de todas as formas possíveis, modificar a situação, possibilitando incluir no projeto a emancipação de Descanso, mas em vão, visto que a sorte já estava lançada. (...) Depois de muito diálogo e troca de idéias, chegaram à conclusão que o meio ideal para atingir o objetivo seria eleger a maioria dos Vereadores na futura Câmara Municipal de Mondaí, bem como o Prefeito Municipal. Casualmente, no mesmo hotel, encontrava-se hospedado o Sr. Armindo Stangler, o qual exercera as funções de Exator Estadual em Mondaí e, por alguns meses, também em Descanso. Ele foi consultado e insistido para que se candidatasse ao Cargo de Prefeito, visto que o mesmo possuía as condições necessárias para vencer as eleições municipais, principalmente, contanto com o apoio do eleitorado descansense (...) Por estar no poder, em Santa Catarina, a UDN, os três representantes entenderam que esse Partido poderia abrir caminhos para as futuras metas. Desta maneira, efetuada a Convenção Partidária, concorreria a Prefeito Municipal o Sr Armindo Stangler, e a Vereador pelo Distrito de Descanso Antônio da Cunha Lemos, Thomais Koproski, João da Cunha Lemos e Eliseu Oro. Após a campanha eleitoral e realizadas as eleições, Armindo Stangler venceu a Guilherme Marquardt pela diferença diminuta de 24 votos (...) a UDN conseguiu eleger 4 vereadores e o PSD 3. Na bancada daquele Partido, ficaram eleitos Antônio da Cunha Lemos, Thomais Koproski, João Almiro Winter e Eliseu Oro; na do PSD, José Edgar Eckert, Arthur Adolfo Dhein e Frederico Kraiser (...) No ato de composição da Mesa da Câmara Municipal, a mesma ficou assim constituída: Presidente: Antônio da Cunha Lemos, Vice-Presidente: José Edgar Eckert, 1º Secretário: Eliseu Oro e 2º Secretário: Frederico Kraiser. Vale esclarecer que o mandato dos Vereadores dessa Legislatura fora exercido gratuitamente. Inclusive para os legisladores de Descanso as despesas de locomoção e de hotel, em Mondaí, eram pagas pelos mesmos. (...) Em seguida, o Vereador João Almiro Winter transferiu residência para Descanso, ele que em linha Castres lidava com comércio Aqui, assumiu o cargo de Exator Estadual. Ante a nova realidade, Descanso começou a contar com a maioria dos Vereadores na Câmara Municipal de Mondaí. Assim, a situação passou a ser propícia para a criação do município de Descanso, aspiração maior das lideranças e povo desta terra. Neste sentido, em maio de 1956, foi apresentado na Câmara de Mondaí o Projeto de Resolução (...) .De acordo com o previsto, a Resolução mereceu a aprovação "ad referendum" da Assembléia Legislativa do Estado, a qual por sua vez também a aprovou, conforme Lei nº 254, de 12/09/1956. Em seguida, foi solenemente instalado, de acordo com cópia da Ata. Em 12 de maio de 1957, houve eleição para Prefeito e Câmara Municipal. (Oro, 1986, p. 44-46)

Por meio desta citação, longa e necessária, percebe-se a riqueza de detalhes apresentados por Eliseu Oro, por ter se envolvido diretamente em tais acontecimentos, descrevendo os fatos, as emoções e condutas dos demais envolvidos no processo político. As memórias pessoais transformadas em memórias de um coletivo maior de pessoas. Eliseu se mostrou ativo e competente

no processo de emancipação político-administrativa de Descanso/SC. É interessante notar que os motivos que levaram a busca pela emancipação não são explícitos, seriam eles desejos pessoais dos envolvidos em se tornarem protagonistas dessa busca ou motivados pelo bem coletivo em alcançar tal status pelas possibilidades econômicas que se abririam para o município? Deste silêncio também podem ser tiradas algumas hipóteses, como o anseio em demonstrar que Descanso era uma comunidade forte e lutadora, assim como foi a Coluna Prestes.

As fotografias selecionadas para compor essa parte do livro, expressam a participação da população em geral, adultos e crianças, no ato solene de instalação do município, como se observa nas figuras abaixo.

Figura 8: Fotografia de um grupo de pessoas caminhando em direção ao local da instalação do município em 1956.



Fonte: Oro, 2001, p. 65.

Figura 9: Hasteamento da bandeira por Heriberto Hulse, 1956.



Fonte: Oro, 2001, p. 66

Figura 10: Fotografia do pronunciamento de Eliseu Oro e Antônio da Cunha Lemos



Fonte: Oro, 2001, p. 66.

Em entrevista, Dirceu Oro (2024) relata que:

Como o pai já tinha na época o Segundo Grau, imagine há 70 anos, quem tinha o Segundo Grau era que nem um pós-doutor hoje por aqui, era graduação altíssima, então ele já começou a se envolver com as lideranças. Descanso pertencia na época a Mondaí, daí então trataram de conquistar vagas na Câmara, então foi eleito 3 ou 4 vereadores daqui de Descanso, sei que o pai foi um, junto com o Thomais Koproski e o Antônio Lemos, junto com os outros vereadores de Mondaí, eles já foram com esse objetivo: vamos nesse pleito, nesse mandato, nós vamos tentar conseguir a emancipação de Descanso, e assim eles conseguiram, claro que tiveram que fazer uma negociata, o pai contou para mim mais de uma vez que, para conseguir aprovar Descanso, tiveram que conseguir vereadores de Mondaí que aprovassem a emancipação de Iporã e Riqueza, então houve uma negociação, como tudo nesse país sempre funcionou e continua funcionando na base dos interesses das negociações. E com isso conseguiram então aprovar a emancipação de Riqueza e Iporã, o pai e os demais vereadores aprovaram e os de lá aprovaram a emancipação de Descanso, por isso que 16 de dezembro de 1956 Descanso tornou-se município. (Entrevista com Dirceu Oro, 2024)

Percebe-se na fala de Dirceu, o sentimento de orgulho pelo seu pai ter participação no processo de emancipação político-administrativa de Descanso/SC, e ainda do próprio Eliseu Oro, que além de escrever com detalhes tal processo, também o comentava em casa, com sua família. Rememorar tais momentos era uma forma de cristalizar na memória de outras pessoas aquelas memórias e da forma com que foram contadas. A memória pessoal, tornada aos poucos e ao longo dos anos, em memória coletiva. Transcrevê-las e publicando-as em forma de livro, era, para o memorialista, eternizar a sua versão da história da emancipação.

No capítulo quatro, intitulado “O Poder Executivo”, o memorialista elaborou um texto sintético sobre o poder executivo e seus líderes, de forma cronológica, sendo Eliseu Oro o primeiro prefeito nomeado (16/12/1956 a 03/06/1957). O capítulo segue apresentando os nomes dos prefeitos Antonio da Cunha Lemos, Thomais Koproski, Angelo Bedin, Ervino Amélio Mazardo, Celso Bedin, Joacy Ghizzi, Nelson Danilo Piaseski e Vitório Basso, junto a uma fotografia e pequenos textos informando ao leitor as principais realizações de sua gestão e o tempo de mandato. O último prefeito listado, Vitório Basso e vice-prefeito Irineu Cassol, foram eleitos por voto direto, em fins de 1985 e permaneceram no mandato de 1986 a 1988.

No capítulo cinco, Eliseu Oro dedicou-se em relatar informações sobre o poder legislativo, principalmente em relação às legislaturas da câmara de

vereadores. No capítulo seis, dedica-se em relatar sobre a educação, inicia abordando sobre o ensino particular, onde a escola era mantida pelos pais dos alunos; que em 1950, formou-se um pré-seminário dos Padres Missionários do Sagrado Coração, onde era lecionado o curso primário. No entanto, a iniciativa durou poucos anos. Em 1974 foi instituído o 2º Grau com a criação do Colégio Santos Dumont. O capítulo, assim como os demais, apresenta diversas fotografias.

Eliseu Oro continua seu detalhamento sobre a evolução educacional do município ao longo dos anos. No capítulo 7 o tema é a religião, com informações e fotografias sobre a construção das primeiras capelas e a atuação de autoridades da Igreja Católica, também relata sobre a construção do monumento do Cristo Redentor, que até os dias atuais é um ponto turístico da cidade. Tal empreitada se deu por uma transação de terras bem sucedida, as famílias de Antônio Ciechanowski, Thomais Koproski, Alfredo Barili e João Agostini organizaram a construção do monumento no alto de um morro na cidade de Descanso, a estátua foi construída por Alfredo e Elisa Staege, casal oriundo de Guaporé (RS). A inauguração do monumento ocorreu em 09 de outubro de 1949.

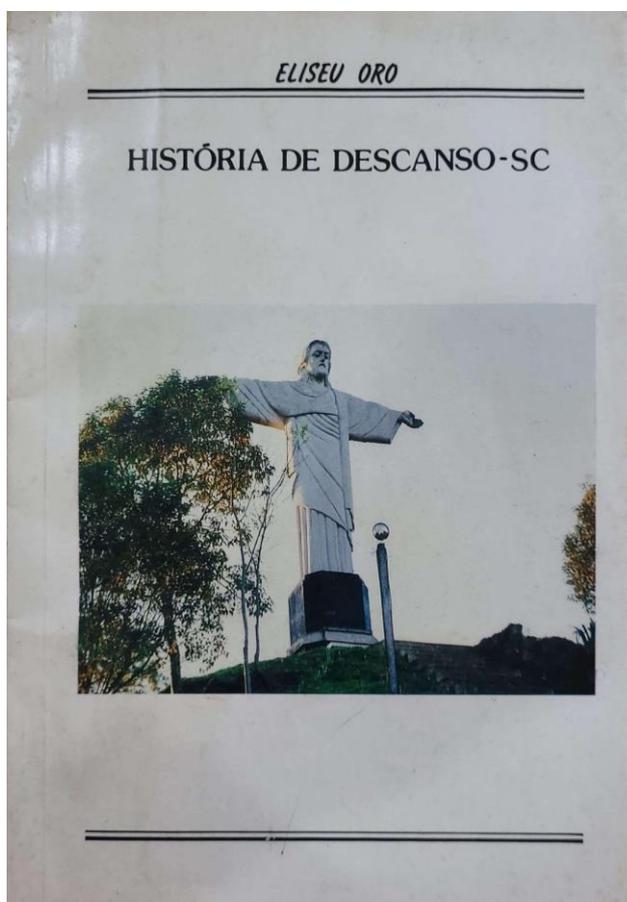
Figura 11: Fotografia do Morro do Cristo durante a missa inaugural, realizada em 09/10/1949



Fonte: Oro, 2001 p. 151

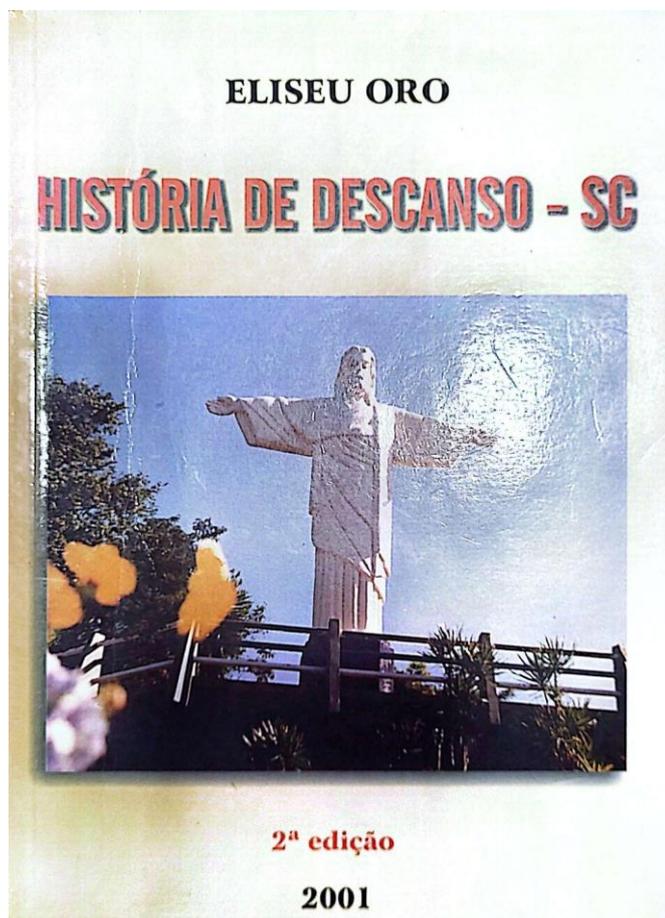
O monumento do Cristo Redentor constitui a capa da primeira e segunda edição da obra História de Descanso-SC, tal escolha demonstra a valorização da construção de tal monumento que representa a fé e religiosidade da comunidade e configura um ponto turístico de Descanso. Apesar da importância do monumento apresentado por Eliseu Oro, nas últimas décadas o local passou a ser alvo de vandalismo, recentemente houve iniciativas de revitalização e reintegração social do Morro do Cristo, nome dado ao local, o que amenizou parcialmente o vandalismo e seu mau uso.

Figura 12: Capa da primeira edição da obra História de Descanso-SC, 1986



Fonte: Oro, 1986.

Figura 13: Capa segunda edição da obra História de Descanso-SC, 2001



Fonte: Oro, 2001.

O capítulo sete continua descrevendo o processo de formação de uma paróquia própria para o município e a importante influência do padre Francisco Masure, que por mais de trinta anos viveu e atuou como padre em Descanso, sua trajetória será melhor detalhada adiante. No capítulo oito, Eliseu Oro dedica-se em descrever sobre a atualidade do município, principalmente no que tange a questões econômicas e organizacionais.

Na conclusão, Eliseu agradece a todos os envolvidos e salienta que o livro não é uma obra perfeita, e sim limitada em miúdos aspectos:

Bem sabemos que, no presente livro, há falhas; longe está de ser uma obra perfeita e completa. Muito mais gente que não consta nas páginas do presente prestaram importante contribuição para o progresso de Descanso. Pelas faltas ou esquecimentos involuntariamente coletivos, que todos nos desculpem! (...) Certamente, neste livro, não está toda a

História de Descanso. Todavia, com grata satisfação, conseguimos registrar e documentar parte da mesma; nossa intenção era apresentar fatos importantes, alusivos a acontecimentos e a pessoas. As páginas não esgotam o assunto. (Oro, 1986, p. 140)

Na segunda edição de 2001, o livro “História de Descanso-SC segue a mesma organização. No entanto, com alguns acréscimos, apresentados na introdução da segunda edição, como as comemorações de trinta anos de emancipação político-administrativa de Descanso, que ocorreram em 1986 com a presença de Luiz Carlos Prestes (inseridas no capítulo 3). Além também de atualizações sobre as legislaturas do poder Executivo e Legislativo de 1986 a 2000, de modo geral, o livro segue a mesma estrutura.

No geral, as duas edições da obra tomam como ponto inicial da história de Descanso, a passagem da Coluna Prestes e a posterior colonização iniciada por descendentes de poloneses, cujas famílias pioneiras são detalhadamente citadas, tanto por sua importância histórica aos olhos do autor, quanto por seu envolvimento na construção do município. Além disso, a presença de detalhes sobre política, educação e religião, que estão divididos em capítulos, evidencia o objetivo de Eliseu Oro em escrever uma história para Descanso abrangendo diversos setores da sociedade, setores esses que Eliseu julgou necessário abordar.

Percebe-se, porém, a ausência de aspectos históricos e sociais externos à colonização, como a presença de populações indígenas e caboclas na região, e a economia em torno da extração da erva-mate. Tal contexto ocupa muito espaço e importância dentro das produções historiográficas da região, que desde os primórdios da colonização e principalmente do conflito do Contestado era um local considerado “sertão vazio”. Tais ausências revelam sobre o contexto em que a obra foi produzida, o papel que Eliseu Oro exerceu como memorialista local precisa ser visto em seu contexto historiográfico, no Brasil da década de 1980, há ainda muito da influência do pensamento positivista e a busca pela construção de uma história oficial e linear, baseada nas visões eurocêntricas que valorizam grandes homens e grandes feitos. Oro escreveu seguindo essa lógica, buscando em fontes oficiais os fatos que evidenciam o progresso do município.

Essa ausência perdura na memória local até os dias atuais, nas entrevistas realizadas, as narrativas seguem o mesmo caminho de Eliseu Oro, com a quase

completa ausência e/ou irrelevância das populações caboclas, que aparecem como fulanos secundários em alguns fatos contados. Reafirma-se assim a tomada da Coluna Prestes como o mito fundador da história do município e a larga influência que a obra de Eliseu Oro tem e teve sobre a sociedade, atuando na inclusão e também na exclusão de fatos e comunidades.

### 1.3 O LIVRO TOMBO E O PADRE FRANCISCO MASURE

O Livro Tombo da Paróquia de Santo Estanislau Kostka, do município de Descanso/SC, foi utilizado por Eliseu Oro como uma fonte de informação para provar o porquê de Descanso carregar tal nome. Depois dele, outros memorialistas utilizaram o mesmo trecho do livro, além de outras passagens, para desenvolver suas pesquisas sobre a história local. O uso deste registro paroquial como fonte de estudo apresenta diversas possibilidades, já que são registros feitos pelo clero em contextos históricos específicos e abrangendo diversos temas como eventos pontuais, registros de batizado, casamentos, óbitos, festas, dentre outros. (Franzen; Mayer, 2016)

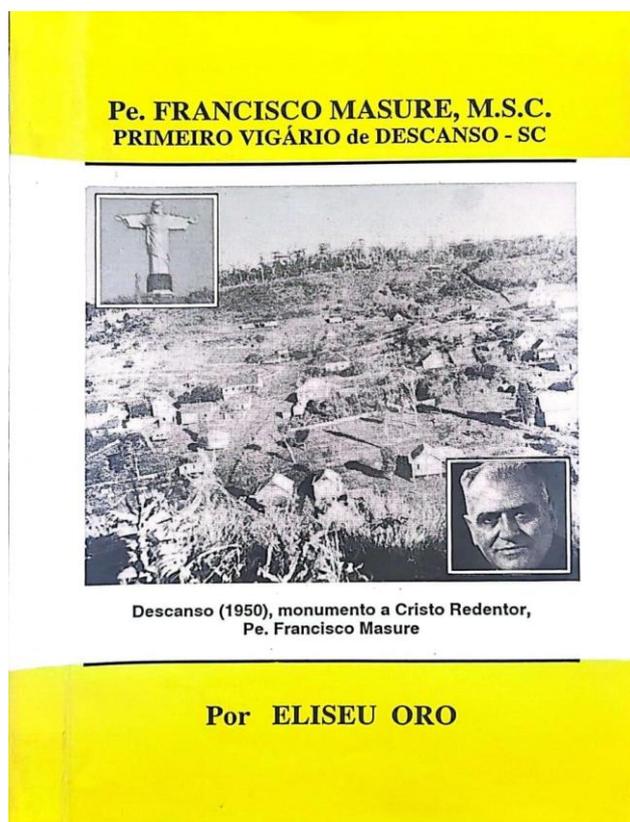
É importante considerar que a atuação religiosa nas colonizações era de extrema importância, visto a condição de autoridade que o padre carregava naquele contexto, sendo muitas vezes o conselheiro, médico, professor,

Podemos considerar que em praticamente todas as colonizações germânicas há registros feitos por autoridades eclesiais, o que era uma prática considerada rotineira, pois era necessário registrar as realidades, as deficiências e as conquistas da vida colonial. Os religiosos, das mais diversas congregações, sejam elas católicas ou luteranas, consideravam-se responsáveis pelo amparo moral, educacional e religioso da população, surgindo daí a necessidade dos registros e do acompanhamento das condições de vida na colonização. (Franzen; Mayer, 2016, p. 85)

No entanto, o uso do Livro Tombo como fonte histórica apresenta suas limitações, por ser um registro paroquial que carrega as intenções da Igreja enquanto instituição moral da comunidade. O Livro Tombo da Paróquia Santo Estanislau Kotska de Descanso foi aberto em abril de 1950 pelo padre Francisco Masure, enquanto a paróquia foi oficialmente instalada em agosto de 1952 (Oro, 2001). Tal registro contém uma amplitude de detalhes de diversos setores da sociedade, por ora, cabe a nossa atenção às primeiras páginas do livro, registradas por Francisco Masure.

O padre Francisco Masure desempenhou um lugar de destaque na sociedade local, Eliseu Oro escreveu um livro sobre os quase 33 anos de dedicação do Padre Chico, como era popularmente conhecido. A obra *Pe. Francisco Masure, M.S.C.: Primeiro Vigário de Descanso-SC* foi publicada em 1992 e teve apoio financeiro da Igreja Matriz de Santo Estanislau Kostka, da prefeitura municipal de Descanso, da Cooperativa Agropecuária Santa Lúcia Ltda e do Sistema 103 Rádios Ltda.

Figura 14: Livro *Pe. Francisco Masure, M.S.C.: Primeiro Vigário de Descanso-SC* de Eliseu Oro



Fonte: Oro, 1992.

Segundo Eliseu Oro (1992), Frans Josef Masure nasceu no dia 17 de maio de 1908, em Ertvelde, Bélgica, filho de Arthur Masure e Emma Vlieghe, sua família era muito religiosa, simples e trabalhadora.

Neste particular, de acordo com elementos fornecidos pela Revda. Irmã Bertila, atualmente em Bruxelas, obtidos através do Revmo. Pe Willy, junto aos arquivos da Congregações M.S.C., em Borgerhout (Antuérpia), consta que depois de frequentar a Escola Apostólica, em Asse (Bélgica), ele postulou em Bree, no dia 20-9-1928, contando então com 20 anos de idade. Um mês depois entrou, no mesmo local, para o Noviciado. Em 21-9-1929 fez os votos temporários. No dia 21-9-1932, precisamente daí a 3

anos, efetuou os votos perpétuos, em Heverlee, também na Bélgica. Desta forma, no decorrer dos anos de 1932-3, recebeu as ordens menores. (...) foi no ano de 1934 (...) no dia 12 de agosto daquele ano, ordenou-se Sacerdote. (Oro, 1992, p. 20)

Eliseu Oro destacou que o padre Willy Vam Hootegen foi amigo próximo de Francisco Measure, durante 1968 a 1974, exerceu o cargo de superior na região Sul e visitava a Paróquia de Descanso com frequência (Oro, 1992). A viagem para o Brasil aconteceu em 1948, Eliseu Oro mostra em seu livro um artigo de despedida, escrito por Francisco Measure, "(...) Depois da Páscoa embarcaremos, se Deus quiser, para novos campos de ação, no Estado de Santa Catarina, no Brasil! Há tanta necessidade de Padres (...) Em maio embarcarão os Padres U. Staeljanssens, J. De Smedt e... eu (...)" (Measure apud Oro, 1992, p. 24).

Já no Brasil, entre março e maio de 1949, o padre Francisco Measure e o Padre Staeljanssens fizeram uma viagem preparatória saindo de Itapetininga (SP) para a região de Dionísio Cerqueira e Barracão, visitando também Descanso e Vila Oeste (atual São Miguel do Oeste), avisam o Bispo-prelado de Palmas Dom Carlos Eduardo Bandeira de Mello, que o Padre Staeljanssens ficaria em Dionísio Cerqueira e Barracão e o Padre Francisco Measure em Descanso (Oro, 1992)

No entanto, Descanso não estava na influência dos padres belgas, pois já havia o Padre Aurélio Canzi, que atuava em São Miguel do Oeste, abrangendo o território vizinho. Após a superação de tais obstáculos, o padre Chico chegou em definitivo em Descanso no dia 14 de julho de 1949 (Oro, 1992). No dia 17 do mesmo mês fez seu primeiro sermão, cujo Oro fez questão de transcrever em seu livro e que aqui cabe uma interessante parte: "Meus caros irmãos, às vossas ferventes e constantes orações são atendidas e graças a Deus, podemos agora neste lugar, neste Descanso de prosperidade e progresso, no descanso do meu coração, a fundação da paróquia em germe" (Measure apud Oro, 2011, p. 146).

Em seu livro, Eliseu Oro destaca o trabalho e dedicação do Padre Chico "(...) desde os primórdios de sua chegada aqui, durante o Reitorado e, particularmente, após a instalação da Paróquia sempre levou muito a sério a sua missão evangelizadora, entregando-se a ela de corpo e alma." (Oro, 1992, p. 37).

Figura 15: Artigo escrito pelo padre Francisco Masure

**MES ADIEUX A L'ENTRE-NOUS.**

Chers Propagandistes,

Nouveau printemps, nouveaux rêves!

Mais cette fois ce sont des rêves qui se réalisent. Voici la chose : Après Pâques, nous nous embarquerons, s'il plaît à Dieu pour le nouveau champ d'action, dans l'état de Santa Catarina, au Brésil! Il règne là un tel besoin de prêtres! Tout le Brésil d'ailleurs, avec son immense étendue et ses 45 millions d'habitants dispose à peine du même nombre de prêtres que le seul archidiocèse de Malines!

En mai, s'embarqueront les Pères U. Staeljanssen, J. De Smedt et... votre serviteur. Oui, j'en suis, cette fois, et avec combien de joie!

Comment cela s'est-il fait? Eh bien, « un ancien amour ne rouille pas » et le même docteur colonial qui, il ya 13 ans, m'enleva tout espoir d'aller au Congo, m'a trouvé capable de résister au climat sous-tropical du Brésil. J'avais ainsi un bel attout en mains pour me présenter devant mes Supérieurs qui ont accepté ma demande.

Je ne puis assez remercier le S. Cœur et N. Dame du S. Cœur de me redonner ainsi une deuxième jeunesse!

Que trouverons-nous là-bas? Beaucoup de besogne! J'espère vous en dire plus quand nous serons arrivés. On nous a du moins déjà avertis que nous devons passer les premières années dans des conditions plutôt primitives. Nous commençons en pleine brousse et forêt et les déplacements ne pourront se faire qu'à cheval. Nous devons parler le portugais. Enfin, nous ferons de notre mieux pour ne pas décevoir nos Brésiliens et notre chère Congrégation. Et c'est pourquoi je me permets de demander l'aide de vos fidèles prêtres.

Pendant treize ans, je me suis occupé de la Propagande; je ne le regrette nullement. Nous

avons partagé les joies et les tristesses. Si souvent, j'ai pu m'édifier en constatant votre zèle et votre dévouement acharnés. J'emporte avec moi tout un tas de souvenirs consolants et réconfortants. Ce trésor, je le garderai jalousement.



Je n'ai pas besoin de vous inviter à continuer vos prières et votre travail en faveur des Missions. Je sais que vous nous resterez fidèles. Je vous connais suffisamment pour cela!

De tout mon cœur, je vous remercie encore, et je continuerai de vous recommander, vous et les vôtres, dans mes prières.

En avant, pour le Christ et les Ames! Vous, dans le pays et nous, au Brésil!

Nossa Senhora do Sagrado Coração, rogai por nos.

Fr. MASURE, m. S. C.

23

Fonte: Oro, 1992, p. 23.

Ao longo da sua trajetória no Brasil, o padre Chico retornou algumas vezes para a Bélgica, a primeira viagem se deu em 1954, por motivo de suas férias. Depois disso, devido a sua saúde debilitada, retornou em definitivo para a Bélgica em abril de 1969, na ocasião de sua despedida, o Padre Chico foi homenageado com o título honorífico de Cidadão de Descanso, conforme a lei nº 06 de 1969 (Oro, 2001). Devido à melhora de sua condição de saúde, em novembro de 1969 o Padre Chico decidiu voltar para Descanso, onde viveu até 30 de maio de 1982, quando foi sepultado em celebração com numeroso público, tendo participado cerca de 50 padres da sua congregação e outros sacerdotes da diocese (Oro, 2001). Através dos relatos orais colhidos durante esta pesquisa, pode-se perceber a marca positiva

deixada pelo Padre Francisco Masure e seu trabalho, no entanto, é pelo Livro Tombo que se tem sua maior contribuição no que tange a escrita da história do município.

Na primeira página do Livro Tombo da Paróquia de Descanso, o padre Francisco Masure inicia o registro da seguinte forma:

O nome "Descanso" do atual município era totalmente desconhecido antes de 2 de fevereiro de 1925. Achado no centro (sede municipal atual) restos de carroças, estribos e algumas armas abandonadas, concluindo-se que a coluna revolucionária de Júlio Prestes tenha acampado ou descansado aí... daí o nome de Descanso. Na realidade, não era a Coluna regular de Prestes que acampou em Descanso-centro, mas elementos destacados e dissidentes, rumando para a Rep. Argentina. (Livro de Tombo, 1950)

Por meio deste relato, percebe-se que o Padre Chico se preocupou em fazer esse registro sobre a história do município logo no primeiro parágrafo do livro. Outro ponto interessante é a confusão que faz com os nomes de Luiz Carlos Prestes e Júlio Prestes, no entanto, logo nos parágrafos seguintes o padre apresenta o trecho do livro de Lourenço Moreira Lima, *Coluna Prestes: marchas e combates*, que descreve o momento da passagem do grupo revoltoso pelo local em fevereiro de 1925. Seguindo os registros:

No livro intitulado "A Coluna Prestes", escrito por Lourenço Moreira Lima, 1 secretário da Coluna Prestes, nas páginas 594-599 da 2ª edição da Editora Brasileira Ltda. SP. 1945. Lê-se o seguinte: "A 2 de fevereiro (de 1925) o major Cordeiro de Farias assumiu o comando do 1º B.F.V no Rio Voraz (=Vorá); A 3 de fevereiro, no lugar queimada (atual Pratinha), foi desarmado o 3º R. C. e preso seu comandante, major Pedro Gay, assumindo o comando desse regimento o major Siqueira Campos. (...) A 7 de fevereiro a Coluna chega na encruzilhada da estrada Barracão-Clevelândia", por conseguinte: a coluna regular de Prestes percorreu a distancia entre queimada (Pratinha) e a encruzilhada Barracão-Clevelândia, em quatro dias, o que é uma prestação de alto no mato, mas era impossível que a coluna regular teria acampado ou descansado em... Descanso/centro. (Livro de Tombo, 1950)

Os locais que o Padre colocou entre parênteses, Vorá e Pratinha, são ainda hoje comunidades da área rural do município de Descanso. É interessante notar a reflexão que o padre escreve em relação às tropas ou elementos dissidentes terem descansado, ou não, em Descanso, em virtude do tempo levado para percorrer tal distância, conforme registrou Moreira Lima em seu livro.

Eliseu Oro (1992), escreveu que o Padre Chico costumava visitar as

comunidades de seu prelado de carroça ou no lombo de um cavalo, dessa forma, o padre tinha certo conhecimento e experiência em viagens de considerável distância pelas picadas em meio a mata. Seguindo os registros do Livro Tombo, o padre descreve algumas informações em relação a moradores da região anteriores a 1925, cita a existência de dois caboclos que viviam na Barra do Veado e os primeiros colonizadores, que segundo a ordem apresentada por Masure são em Campinas, no ano de 1929, Vorá e Leste em 1930 e em Descanso 1935, tais informações serão melhor detalhadas nos próximos tópicos.

No entanto, na tentativa de datar o período em que o padre Francisco Masure escreveu esses primeiros registros encontram-se dificuldades. A afirmação que tenha sido ele o autor dos primeiros registros é de Eliseu Oro em sua obra *História de Descanso-SC* (1986). No entanto, como se observa na figura 17, junto aos registros sobre a Coluna Prestes e os primeiros moradores encontra-se em seguida informações como a data de emancipação político administrativa de Descanso, que se deu em 16 de dezembro de 1956.

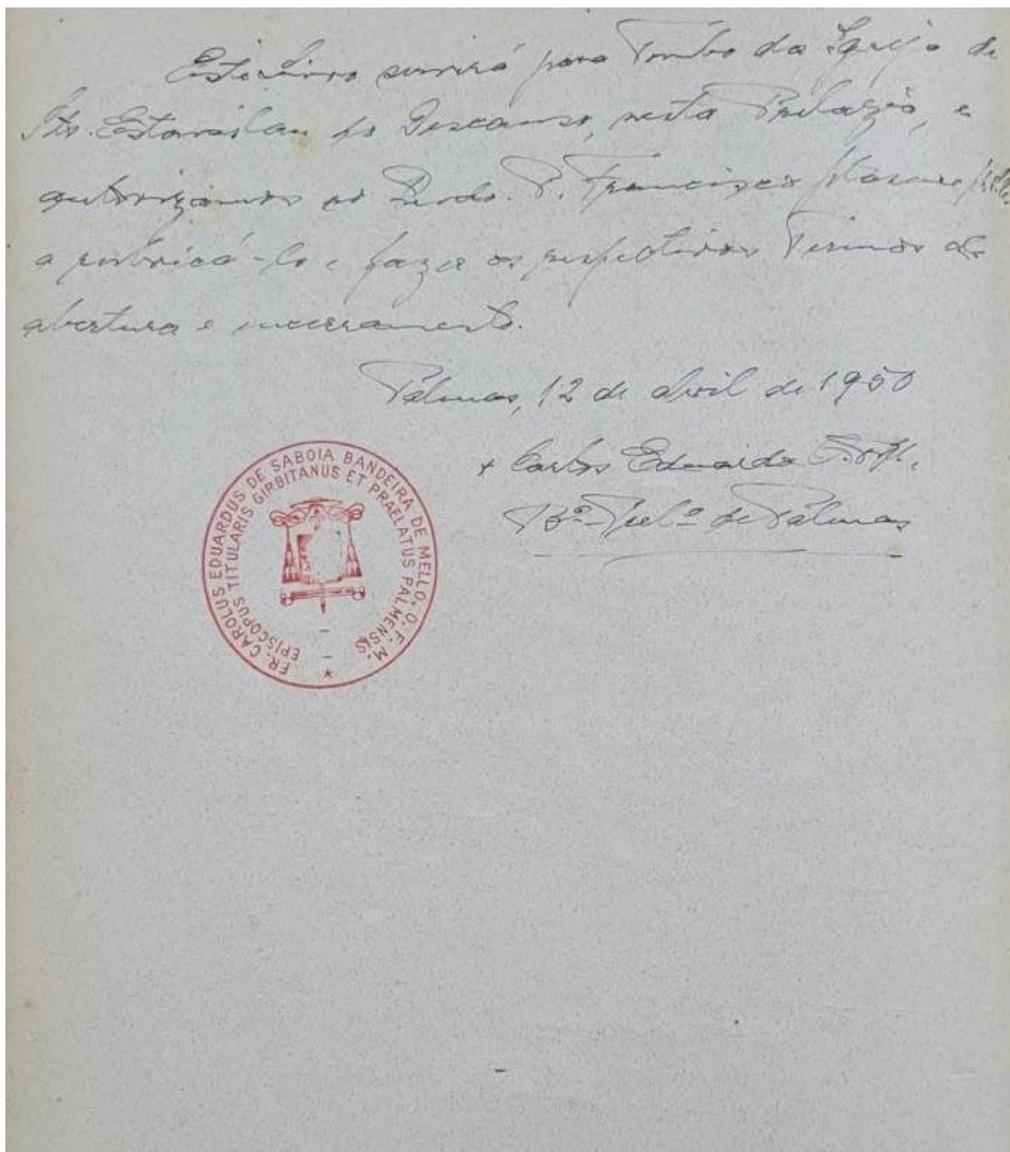
Os registros do Livro Tombo seguem com informações gerais da paróquia, registros de batismos, casamentos e registros financeiros também. No entanto, sob uma leitura mais detalhada, observam-se alguns períodos com ausência de registros, Valdir Dala Possa, autor do livro *Vorá e sua História* (2024), buscou no Livro Tombo informações para a escrita de seu livro, e em entrevista Dala Possa relata:

(...) procurei um eito, li alguma anotação do Padre Chico, eu achava que o livro O Tombo era que nem os livros de atas de cooperativa que é o livro número um, número dois, é só um livro e ainda não tava completo. (...) O Padre Chico era especial de bom, mas teve coisa lá, por exemplo, quando fizeram a festa da Padroeira e do Padroeiro São Roque e Nossa Senhora da Assunção lá dia 15, 16 de agosto, ele tem algumas atas lá que ele fez o balanço da festa, a moeda era outra acho que era Cruzeiro, quanto deu, por exemplo, os ditos distintivos, quando deu, quanto deu de doações, tá tudo registrado lá, né? E talvez outras coisas que considero mais importante, aí procurei, por exemplo, quando na parte da religião quando a diocese nomeou os primeiros-ministros, não achei nada que foi em 73, 74, não tem nada registrado naquele livro Tombo sobre essa nomeação de ministros na matriz, Belmonte, Vorá, Itajubá nada, nada. (...) Mas teve outras datas ali que tinha lacuna bastante grande. (Entrevista com Valdir Dala Possa, 2024)

Percebe-se que, por ser um registro paroquial, o Livro Tombo apresenta seus limites, mas tem sido utilizado pelos memorialistas locais, sendo a principal fonte histórica do período, dado a isso a sua importância. Há de se considerar também as

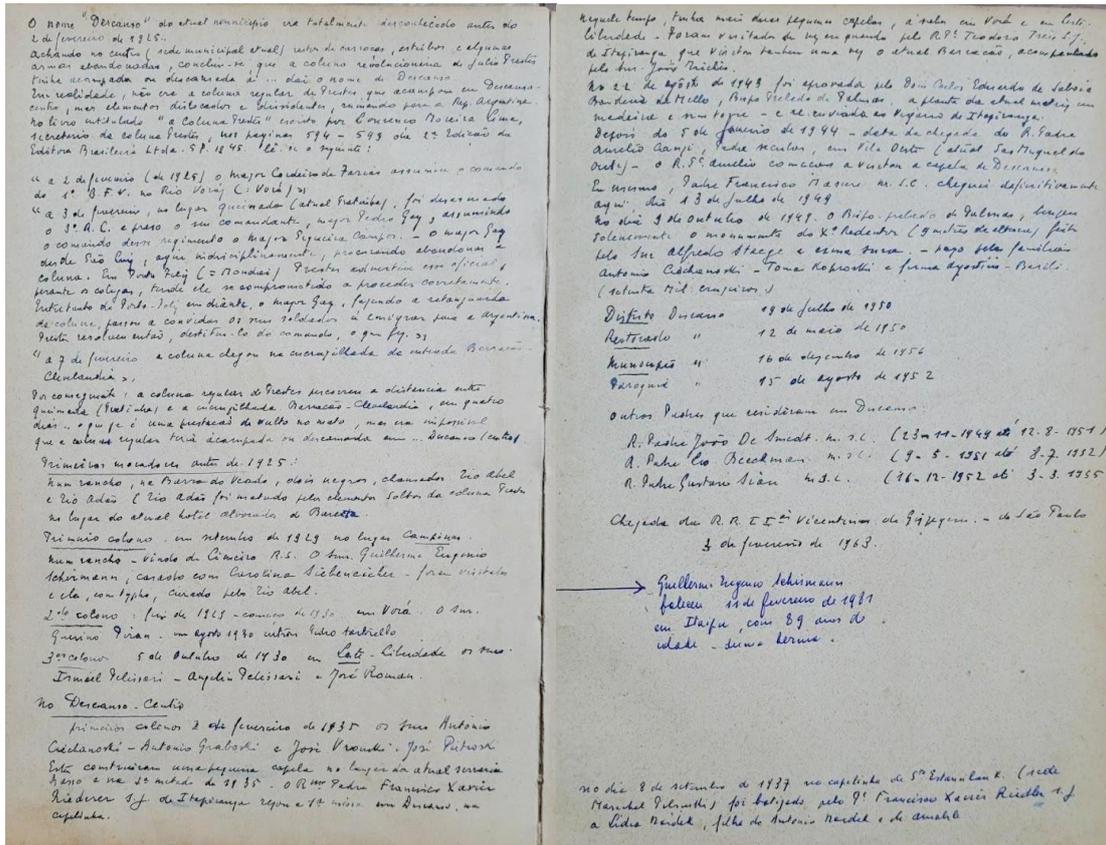
influências do belga Francisco Masure, um intelectual que pode ter sido o autor de tais registros históricos e deixou uma marca na memória da comunidade descansense, sendo lembrado sempre com muito carinho e apreço.

Figura 16: Abertura do Livro Tombo da Paróquia Santo Estanislau Kostka de Descanso



Fonte: Livro de Tombo, 1950

Figura 17: Primeiros registros do Livro de Tombo da Paróquia Santo Estanislau Kostka de Descanso



Fonte: Livro de Tombo, 1950

## 2. UMA OUTRA HISTÓRIA DE DESCANSO

Comece uma história com as flechas dos nativos americanos, e não com a chegada dos britânicos, e você tem uma história totalmente diferente. (Adichie, Chimamanda Ngozi, 2019, p. 12)

O discurso proferido pela escritora Chimamanda Ngozi Adichie, que mais tarde se tornou o livro *O perigo de uma história única* (2019), mostra como, na construção da história, há processos de inserções e exclusões de diferentes narrativas, sujeitos e perspectivas que no fim se transformam em histórias únicas, “mostre um povo como uma coisa, como somente uma coisa, repetidamente, e será o que eles se tornarão” (Adichie, 2019, p. 12).

Pode-se afirmar que tais “histórias únicas”, dentre as diferentes perspectivas, foram construídas ao longo do tempo pelas diferentes correntes historiográficas que produziram o conhecimento histórico, e que, ao longo das últimas décadas, diferentes movimentos buscam retomar a construção desse conhecimento histórico por meio de pontos de vista diferentes. Adichie afirma que:

É impossível falar sobre a história única sem falar sobre poder. Existe uma palavra em igbo na qual sempre penso quando considero as estruturas de poder no mundo: nkali. É um substantivo que, em tradução livre, quer dizer “ser maior do que outro”. Assim como o mundo econômico e político, as histórias também são definidas pelo princípio de nkali: como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas depende muito de poder. O poder é a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva. (Adichie, 2019, p. 12)

Dessa forma, a reflexão é de que a história foi, por muito tempo, escrita por aqueles que estavam no poder, e a influência de tal escrita vem sendo constante e felizmente desconstruída. Adichie reflete, a partir de suas próprias vivências e visões, sobre os estereótipos que permeiam a África, e até mesmo em situações em que ela mesma se via afirmando estereótipos sobre outras nações e em outros contextos. Com esse exemplo, voltamo-nos para a escrita da história do Oeste Catarinense, local considerado por muito tempo um sertão vazio, dominado pelo banditismo, foragidos da justiça, jagunços, caboclos, dentre outros termos utilizados pejorativamente para desqualificar qualquer sinal de existência humana na região,

anterior a colonização. Há, no entanto, outra história além daquela contada por Eliseu Oro em sua obra, aliás, diversas histórias que revelam a diversidade cultural e a movimentação do território de fronteira muito antes da passagem da Coluna Prestes, das atenções de Adolfo Konder e dos projetos de colonização. Neste capítulo buscaremos debater sobre a presença do caboclo na região mediante fontes que dialogam sobre o tema, a sua influência e o seu lugar no processo de colonização, utilizando a historiografia e também a memória oral local, colhida através das entrevistas.

## 2.1 A REGIÃO DE FRONTEIRA

Antes de falar sobre fronteira, muitos historiadores se preocupam em definir tal termo. Segundo Adelar Heinsfeld (2016), os historiadores tratam geralmente a fronteira no seu sentido tradicional de fronteiras políticas e também em relação ao encontro de diferentes culturas. Mas, no campo político, as fronteiras representam áreas vulneráveis. No surgimento do Estado moderno, a fronteira começou a ser percebida como região de segurança nacional, considerando sua importância na garantia da soberania e integridade territorial do país, é com a fronteira que o Estado tem controle sobre seu território (Heinsfeld, 2016)

As fronteiras e os países não estiveram sempre onde estão, bem como não existiram sempre. Ambos não são mais que construções da história humana, resultado e expressão de processos sociais. As fronteiras, partindo da linha limítrofe, podem ser consideradas a delimitação espacial do Estado, ou seja, a sua evidência territorial num dado momento. (p. 30)

Na região Oeste de Santa Catarina, o conflito diretamente ligado a disputas fronteiriças internacionais ficou conhecido como Questão de Palmas ou de Misiones, sendo levantado, em 1881, pela Argentina em relação à divisa entre os dois países, uma porção de mais de 30 mil km<sup>2</sup> localizada entre os rios Uruguai e Iguazu, segundo Paulo Pinheiro Machado:

Os argentinos, herdeiros dos antigos litígios que os espanhóis tinham com os portugueses, se fiavam em documentos coloniais para anexar esse território à sua Província de Misiones. O consenso era a adesão aos parâmetros das divisas definidas pelo Tratado de Madrid, de 1750, mas divergências na denominação dos rios fronteiriços levaram esses conflitos até o final do século XIX. (Machado, 2023, p.15)

A questão foi solucionada somente em 1895 “com o arbitramento do Presidente norte-americano, Grover Cleveland, concedendo ganho de causa ao Brasil” (Valentini, 2009, p. 52), ficando assim resolvida essa questão entre os países. Porém, além das delimitações das fronteiras internacionais, José Carlos Radin (2020) explica que as definições dos limites territoriais da região Sul estenderam-se por um longo período, no caso de Santa Catarina, a região que hoje compreende o sudoeste paranaense e o meio oeste catarinense foi disputada pelos dois estados após o desmembramento da Província de São Paulo, onde se criou a Província do Paraná em 1853.

(...) a nova Província Catarinense considerava que os seus limites geográficos acompanhavam os Rios Iguaçu ao Norte e Uruguai ao Sul, na direção Oeste, até alcançar a Argentina, de modo que, quando começou a ocupação dos Campos de Palmas, por moradores oriundos da Província de São Paulo, o Presidente da Província catarinense alegou que as terras pertenciam aos domínios desta província (Valentini, 2009, p. 52)

Delmir José Valentini ainda comenta que o desconhecimento da região gerava ainda mais indefinições e que foram anos seguidos de discussões e de tentativas de firmar jurisdição sobre as terras. Mesmo em 1904, quando o Supremo Tribunal Federal concedeu ganho de causa a Santa Catarina, o Paraná recorreu da decisão e somente em 1916 a questão foi definitivamente resolvida com um tratado assinado pelos governadores de Santa Catarina e do Paraná, no entanto, esta questão não resolvida “era fonte constante de instabilidade, pois na região em disputa as populações sofriam crises políticas e de registro civil e fundiário, interferindo na vida cotidiana de milhares de famílias.” (Machado, 2023, p. 16)

Durante as disputas territoriais entre os dois estados, nesta mesma região em 1912 se iniciou um conflito chamado Guerra do Contestado, outra disputa de cunho territorial, dessa vez envolvendo a luta e resistência da população sertaneja local. A guerra deixou marcas profundas na região e é como uma marca do início da colonização da região oeste catarinense, sertão vazio ou terra de fanáticos, o fato é que para a opinião pública era necessário que o território fosse ocupado por trabalhadores construtores de um futuro promissor.

Segundo José Carlos Radin e Delmir José Valentini (2012), o ingresso de imigrantes com o intuito de fomentar a colonização era defendida pelo governo de

Santa Catarina, pois só o trabalho conseguiria produzir a civilização desejada na época, além disso, reforçava a visão preconceituosa contra as populações locais, que necessitavam desaparecer da região. Dessa forma, segundo os autores, para que os colonos se fixassem à terra “facilitava-se as concessões de terras às empresas de colonização e buscava-se favorecer a construção de estradas secundárias que ligassem à ferrovia ou a outras vilas” (Valentini, Radin, 2012, p. 145) Assim, com o fim da Guerra do Contestado, em 1916 criaram-se os municípios de Chapecó, Cruzeiro, Porto União e Mafra, dividindo o território contestado. A atual região oeste catarinense era o território do município de Chapecó, que ao longo da colonização foi se desmembrando em distritos que formaram diversos municípios que hoje compõem a região.

Como afirma Antonio Marcos Myskiw (2015), as fronteiras carregam sua singularidade histórica e social, o tempo histórico dos que viveram e sobreviveram na fronteira é diferente daquele dos demais habitantes do território

Ao pegarmos um mapa da região Sul do Brasil e olharmos com atenção para ele, com auxílio do dedo indicador, logo perceberemos que o leito dos rios Paraná, Santo Antônio, Peperi-Guaçu e do rio Uruguai foram utilizados como marcos referenciais geográficos para determinar o início ou o final do território brasileiro com as repúblicas do Paraguai e Argentina. (p. 43-44)

Sem adentrar mais especificamente nas questões de delimitação das fronteiras entre o Brasil, Paraguai e Argentina, pois em si já fomentam intensos debates, centra-se na formação do território que hoje compreende o Oeste catarinense, seja na geopolítica ou na diversidade étnica, a região foi palco de muitos acontecimentos apagados na narrativa histórica da maioria dos municípios.

No Extremo Oeste de Santa Catarina, zona fronteira entre Brasil e Argentina, desenvolveram-se interações transfronteiriças e integração físico-social de aglomerados populacionais, que evoluíram mais tarde para o que se chama de cidades gêmeas (Ferrari, 2011). Um dos fatores que contribuíram para estabelecer relações transfronteiriças foi o isolamento físico e econômico da região em relação às regiões centrais do Brasil,

A falta de infraestrutura, como estradas e meios de transportes, somada ao distanciamento físico-geográfico de centros econômicos e políticos de

poder, fazia com que a região ficasse à margem de quaisquer políticas de desenvolvimento econômico e social. A economia pastoril, base dos princípios do processo produtivo e de ocupação dos campos de Palmas, promovido pelo Estado brasileiro, entra em declínio já no final do século XIX, dando lugar à atividade extrativista da erva-mate nativa que ao lado da criação de mulas e suínos, tornou-se a principal atividade econômica daquela região até meados de 1930. (Ferrari, 2011, p. 140-141)

A erva-mate era o principal produto econômico da região, diversas ervateiras argentinas mantinham explorações do lado brasileiro, como afirma Ferrari (2011), além de Campo-Erê e Clevelândia, os argentinos mantinham relações comerciais com ervais mais distantes, como os de Guarapuava, Palmas, Chapecó, Joaçaba (antigo Cruzeiro do Sul) e Xanxerê, dentre outros. A erva-mate brasileira era considerada de melhor qualidade para a produção de mate, chá e tinta (Ferrari, 2011)

Assim, a linha política entre Estados nacionais, simbolizando o fim de um território e começo de outro, se tornaria o centro da zona fronteira, um conjunto socioterritorial construído a partir de interações materiais e imateriais tecidas entre os fronteiros de ambos os lados do limite internacional (...) as vias de circulação entre os dois lados da zona fronteira eram, até meados de 1940, meras picadas em meio à mata, abertas e mantidas pelos ervateiros. O transporte da erva-mate, da região brasileira até os puertos argentinos junto ao rio Paraná, era todo realizado em cargueiros de mulas, por isso a maioria dos ervateiros possuía criatório de muaras. Era o único meio de transporte possível, porque sem estradas, era pelas picadas que as tropas viajavam. (Ferrari, 2011, p. 148-149)

O transporte de erva-mate com as mulas era realizado em grupos, formado por 30 a 50 multas, e ao retornar dos portos argentinos, os cargueiros traziam gêneros alimentícios como farinha de trigo, bebidas, querosene, azeite, sal, além de armas e munições. Além do aspecto econômico do transporte e comercialização da erva-mate, atenta-se para o aspecto social de sua extração, realizada majoritariamente por caboclos, sujeitos que praticavam a agricultura de subsistência, criavam galinhas e porcos soltos para consumo próprio e possuíam hábitos nômades, “a extração da erva-mate era atividade exclusiva da população cabocla, praticada em dois períodos: o da safra, no inverno, e o da safrinha, no verão” (Renk; Winckler, 2018, p. 14). Foi nas décadas de 1920 e 1930 que a indústria argentina da erva-mate cresceu, em detrimento da produção ervateira no Oeste Catarinense. (Renk; Winckler, 2018).

Neste contexto é importante destacar o impacto da Bandeira de Konder,

expedição realizada por Adolfo Konder, presidente de Santa Catarina, em 1929, cujo objetivo era garantir a efetiva ocupação do território para torná-lo rentável ao Estado, Konder percorreu o território junto a uma comitiva para reconhecer politicamente a tomada de posse da região. A expedição ficou conhecida como a viagem de 1929, e através dela a ideia de que a região era um sertão vazio se consolidou com mais força, logo os incentivos à colonização passaram a ser mais intensos. Segundo Maria Bernardete Ramos Flores e Élio Cantalício Serpa (2005), a viagem do governador e sua comitiva, formada por 30 sujeitos ligados a setores do Estado, foi um acontecimento inédito,

num rito de passagem e de reconhecimento, performatizava a territorialidade, física, étnica, religiosa e política, da região Oeste de Santa Catarina, definindo o contorno étnico brasileiro, (...) Era ainda a tentativa de integrar o interior com o litoral, onde se localiza a capital, fazendo reconhecer o centro administrativo e político do estado, em detrimento dos mandonismo locais. Ainda, as lembranças da Coluna Prestes, que havia passado pelo interior do estado rumo à Argentina, firmavam para os homens do poder a necessidade de conhecimento, controle administrativo e visibilidade, operando com a imagem de que o governador do estado existia e era para todos. (Flores; Serpa, 2005, p. 133-134)

Visando impor a autoridade e a presença do Estado em regiões ainda desconhecidas e promover a nacionalização dos colonos imigrantes europeus e seus descendentes, consolidou-se no seio do processo de branqueamento da população. Nas obras de Arthur Ferreira da Costa, *O Oeste Catarinense: visões e sugestões de um excursionista* (1929) e José Boiteux, *Oeste Catarinense: de Florianópolis a Dionísio Cerqueira* (1931) essas perspectivas são amplamente afirmadas, contribuindo em peso para a marginalização das populações indígenas e caboclas da região, que em sua maioria formavam o temido banditismo e criminalidade que assolava as localidades distantes do litoral.

Segundo Arlene Renk (2005):

A Bandeira constituiu num rito de instituição, não só aquele de passagem temporal - marcando um tempo anterior e um tempo posterior ao de sua travessia - mas à medida que consagrou e legitimou um processo de colonização, um modelo colonizador, aquele portador da 'natureza social' expressa do *ethos* de trabalho, oposta ao nacional/brasileiro, ocupante, que foi desconsiderado. Quando mencionado, sempre o foi pelo viés etnocêntrico, no sentido de virulência, passionalidade, muito ao estilo de um imaginário resultante da miscigenação. (Renk, 2005, p. 126)

Neste contexto, a colonização por agricultores oriundos do Rio Grande do Sul ganhou força, mudando a perspectiva do trabalho e sua organização, abrindo roças e estradas, comercializando a madeira, fechando os animais que antes eram criados soltos, e abrindo pequenas indústrias na produção de banha, queijos e embutidos (Renk; Winckler, 2018). A colonização do Vale do Rio Uruguai é considerada a primeira iniciativa de um projeto de colonização organizado no Extremo Oeste catarinense, iniciou de fato em 1922, quando a empresa colonizadora Chapecó-Pepery Ltda. fundou Porto Feliz, e mais tarde, em 1926, foi fundado Porto Novo, coordenada pela Sociedade Volksverein:

Apesar de a colonização Porto Feliz não ter o caráter étnico e confessional como requisito para a compra de terras, a grande maioria dos colonos que ali compraram seus lotes de terras eram alemães, principalmente ligados a religião evangélica. Já a colonização Porto Novo, foi idealizada e posta em prática pela colonizadora Volksverein, uma instituição vinculada aos Padres Jesuítas, de caráter étnico por aceitar somente a população de descendência germânica e também confessional, por ser um dos critérios para compra da terra a religiosidade católica. (Bavaresco; Franzen; Franzen, 2013, p. 91)

Dessa maneira, as colonizações de Porto Feliz e Porto Novo ficaram marcadas por essa divisão religiosa entre alemães católicos e alemães luteranos, tais barreiras também foram erguidas contra os caboclos,

Não obstante, os novos elementos sociais ergueriam outras barreiras com os originais da terra, notadamente com os caboclos, que eram vistos com certo desprezo pelos novos colonos, pois, segundo o filho de um pastor luterano de Mondaí, *“tinha alguns com várias mulheres, eram uns sem-vergonhas, bandidos”* por isso *“não podiam ficar aqui na colonização, então a colonizadora teve que pagar pra eles sair daqui”* (Ferrari, 2011, p. 180)

Foi a partir de 1930 e 1940 que a entrada de colonos descendentes de italianos passou a ser permitida em Mondaí, que recebeu em 1925 a Coluna Prestes, na travessia do Rio Uruguai.

Ao final de janeiro de 1925, a Coluna Prestes chegou a Porto Feliz (Mondaí), onde fez a travessia do rio Uruguai em balsa, com 1.500 homens, 40 mulheres e mais de mil cavalos. Consta que havia somente uma balsa, e para atravessar toda a coluna e os animais, os condutores

da balsa trabalharam três dias e três noites sem parar. (Ferrari, 2011, p.183)

Sobre a presença da Coluna Prestes em Porto Feliz, em versão escrita por Paul F. Ramminger<sup>5</sup> no artigo *Pequeno Histórico da Colonização de Porto Feliz – Mondaí* (1991), a presença da Coluna Prestes se deu de forma organizada, Paul relata que no final de 1924 circulavam notícias de uma nova revolução sob o comando do capitão Prestes, as notícias afirmavam que as tropas já se aproximavam das margens do Rio Uruguai. Diante disso, os moradores da vila, sob o comando do gerente da Empresa Chapecó Peperi Ltda., Ricardo Brueggemann organizaram uma comissão para se defenderem. (Ramminger, 1991)

Paul relata que em janeiro de 1925 a Coluna Prestes chegou com cerca de 1.800 homens e exigiu a balsa e as embarcações para que seus homens e animais realizassem a travessia do Rio Uruguai para o lado de Santa Catarina. Segundo Paul, Prestes garantiu a integridade da população e de seus bens e, não tendo outra alternativa, a comissão cedeu às exigências. As promessas de Prestes foram cumpridas, no entanto, os alimentos da vila foram liquidados e centenas de cavalos morreram de fome e de esgotamento, sem condições de enterrar todos os animais, o povo de Porto Feliz teve que conviver com a poluição e o mau cheiro (Ramminger, 1991).

Após a travessia do Uruguai, a Coluna permaneceu por mais três dias em Porto Feliz, e nos dois primeiros dias de fevereiro deu continuação a sua marcha, rumando para Barracão (hoje Dionísio Cerqueira). O caminho percorrido pela Coluna foi feito as margens do rio Peperi-Guaçu, por antiga picada de fugitivos da justiça do Rio Grande do Sul que atravessavam o território indo se esconder na Argentina. (Ferrari, 2011, p. 183)

Depois de alguns dias, a Coluna seguiu viagem pela antiga picada de Barracão em direção a Foz do Iguaçu, como explica Paul (1991), a boa convivência que tiveram com os rebeldes não foi a mesma com o tifo, que assolou a população. Paul afirma que antes dos rebeldes existiam casos de tifo, mas que naquele momento Porto Feliz estava enfrentando uma violenta epidemia, que não

---

<sup>5</sup> Paul Friedrich Ramminger era de família imigrante da Alemanha e chega em Porto Feliz em 1924, quando tinha cerca de 15 anos de idade. Sua trajetória foi organizada e escrita pelo historiador Leandro Mayer no livro *Um novo lar na imensidão da mata: Reminiscências de Paul F. Ramminger, um imigrante alemão no oeste catarinense na década de 1920* (2020).

só deixou mortos como prejudicou a venda de terras e, conseqüentemente, a chegada de novos imigrantes (Ramminger, 1991).

Maristela Ferrari (2011), também afirma que diversos colonos de Porto Feliz fugiram para a Argentina e para outras localidades, levando consigo tropa de animais, para esconder-se de Prestes. E o rastro de tifo deixado pela Coluna Prestes em Mondaí afetou a boa imagem que a colônia tinha, fazendo com que diversos contratos de compra de terras da Alemanha e do Rio Grande do Sul fossem cancelados, instalando uma crise, que pode ter contribuído para o suicídio de Faulhaber (Koelln 2004 apud Ferrari, 2011, p. 183)

Diante de tais contextos, a narrativa histórica de Descanso escrita por Eliseu Oro, que toma a Coluna Prestes como o mito fundador da cidade pode ser questionada nesse momento, considerando que a picada que os revoltosos tomam rumo a Barracão já era um trajeto conhecido e utilizado por diferentes sujeitos,

O extremo oeste catarinense era cortado no início do século XX pelos chamados Peabirus indígenas: picadas abertas por onde transitavam índios – guaranis e kaingangs – que praticavam a silvicultura. Estas picadas certamente também serviram de passagens para missionários espanhóis e bandeirantes paulistas. Segundo Heinen (1991), apareciam sinais de um antigo estradão, ao longo dos rios Índio e Flores, com capoeira e mata de segunda geração. A Coluna Prestes, no ano de 1925, também aproveitou essas picadas para atravessar a região de Mondaí-SC até Barracão-PR. (Bavaresco; Franzen, Franzen. 2013, p. 89)

Tal contexto também aparece, na obra de José Boiteux, *Oeste Catarinense: de Florianópolis a Dionísio Cerqueira* (1931)

O trajecto de Mondahy a Dionysio Cerqueira, nas cabeceiras do Peperi-Guassú, foi feito de 1.º a 7 de maio, atravez da estreita picada, famosa por haver sido caminho de bandoleiros e forças leaes, em periodos precedentes de calamitosos movimentos subversivos e rapinantes. Por ali passaram a Columna Prestes, o bando de Leonel Rocha, e, ao seu encalço, a brigada militar rio-grandense (...) De nossa comitiva faziam parte officiaes e soldados que participaram de varios encontros sangrentos, como elemento das forças leaes. De quando em quando, á margem da picada, levanta-se uma ou levantam-se algumas cruces, signal piedoso de que ali repousavam victimas da revolução ou do banditismo. (Boiteux, 1931, p. 27)

Além de tais relatos sobre o uso da picada entre Mondaí e Barracão, existe também a possibilidade de que a abertura de tal estrada se deu por Zeca

Vacariano e seu grupo, conforme contou Paul Ramminger em entrevista concedida a Walter Fernando Piazza e publicada em 1972 pela revista *Blumenau em Cadernos*:

Na península da Barra do Rio das Antas morava o célebre “Zeca Vacariano”, que mantinha uma turma de trabalhadores para extração da madeira para balsas. Já, naqueles tempos existia a picada a Barracão, provavelmente aberta por este homem, única via de comunicação pelo sertão catarinense até a divisa com o Paraná e com a Argentina (...) A Coluna Prestes seguiu a velha picada de Barracão, que subiu primeiro no divisor de águas entre Lajú e Antas, desceu no Vorá, subindo o Vorazinho e de lá seguindo mais ou menos o trajeto da estrada geral de hoje a Barracão, inclusive passando no mesmo lugar onde se situa São Miguel do Oeste (Piazza, 1972, p. 183-184)

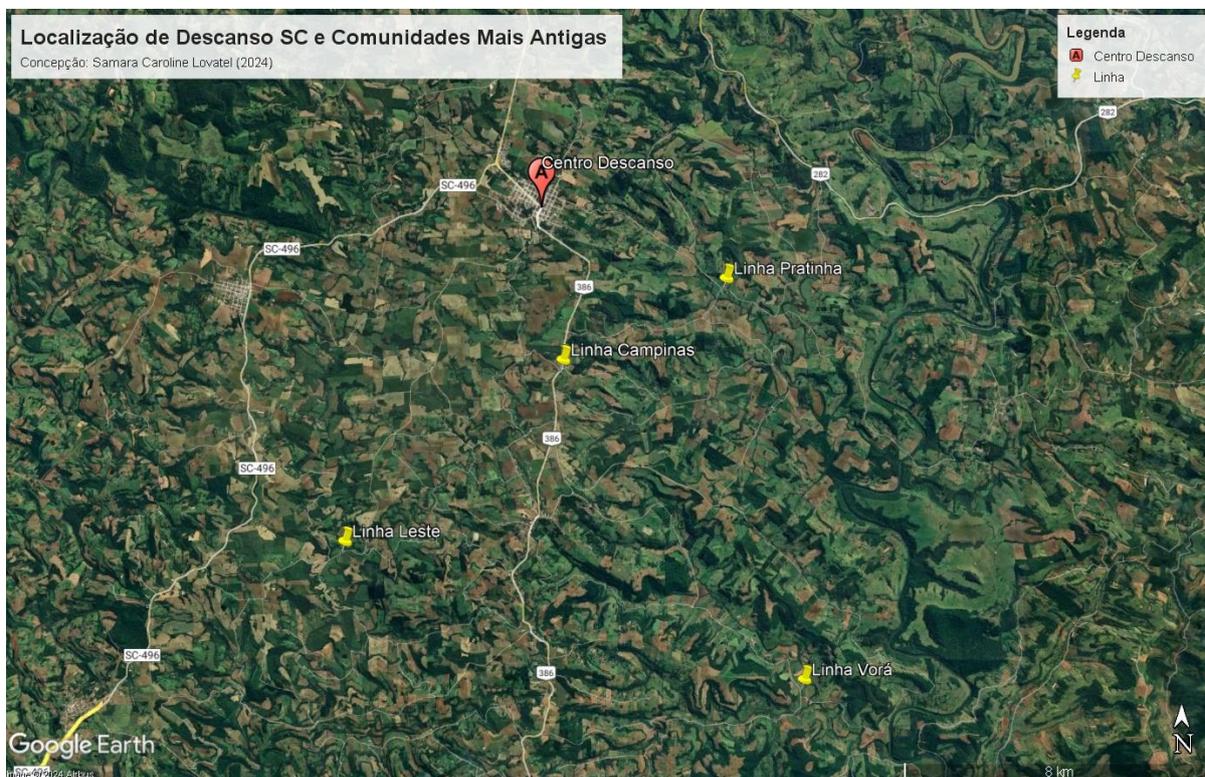
Ramminger afirma que tal picada era a único meio de comunicação da região, e afirma que a Coluna Prestes utilizou de tal picada rumo a Barracão, passando pelo Vorazinho, lajeado que corre na comunidade de Linha Vorá, em Descanso. Em matéria publicada no *Jornal República* (Florianópolis), em 1929, consta “Em Irahay, por exemplo, cujas águas são do mesmo lençol, reside José Vaccariano, nome ligado a certo episódio do ex-Contestado e a construção da picada Mondahy-Barracão.” (Jornal República, 1929, p. 2)

Através destas informações é possível constatar que a Coluna Prestes utilizou picadas já existentes para atravessar a região entre Mondai e Barracão. No entanto, onde exatamente passavam essas picadas? Nos vestígios encontrados em Descanso e através da memória oral coletada apontam para a existência de três picadas usadas/abertas pela Coluna Prestes: 1) passando pelo centro da cidade, 2) passando pela Linha Vorá e 3) passando pela Linha Pratinha, conforme pode ser visto na imagem 18. Já Maristela Ferrari (2011), defende que a Coluna Prestes percorreu uma picada que seguia o trajeto do rio Peperi-Guaçu, o rio marca a divisa entre Santa Catarina e Argentina, seguindo sua hipótese as chances da Coluna Prestes ter passado por Descanso seriam baixas.

Como já discutido anteriormente, os vestígios encontrados podem ter sido deixados por desertores da marcha revolucionária, o contexto da parada ou descanso da tropa é variável, no entanto, os vestígios encontrados se tornaram o ponto inicial da história do município de Descanso. No próximo tópico detalharemos alguns aspectos sobre a sua colonização e o contexto que pode ter

influenciado o uso da Coluna Prestes como um mito fundador.

Figura 18: Localização da sede dos três locais onde foram encontrados vestígios da Coluna Prestes: Linha Vorá, Centro e Linha Pratinha



Fonte: Google Earth, 2024.

## 2.2 O PROCESSO DE COLONIZAÇÃO DE DESCANSO

Quando se propõe analisar a história de um espaço geográfico específico encontram-se dificuldades quanto às suas características unificadoras, uma região não se define somente por seus contornos geográficos, ela é sobretudo uma construção, como bem afirmaram Arlene Renk e Silvana Winckler, “entre todos os argumentos para a construção discursiva de uma região, um deles tem jogado papel preponderante: a história construída acerca daquele espaço e os usos daquela história.” (2018, p. 10)

Além de ser uma forma de capitalizar os recursos naturais da região, a colonização do Extremo Oeste catarinense estava ligada a atuação de companhias colonizadoras aliadas a intencionalidade do governo em povoar a região com uma mão-de-obra de seu interesse. A comercialização das terras se deu principalmente

para colonos descendentes de imigrantes europeus que viviam em colônias do Rio Grande do Sul, além da necessidade de povoamento, havia outras razões que incentivaram a migração das antigas colônias para as novas fronteiras agrícolas, como o crescimento demográfico e a constante entrada de novos migrantes em relação à crescente escassez de lotes de terra e ainda o esgotamento dos solos e a falta de técnicas adequadas para recuperá-los (Radin, 2016). Esses aspectos fizeram com que famílias migrassem para os inexplorados territórios do Oeste Catarinense, facilitados pelo Estado e pelas empresas colonizadoras.

A colonização seria feita por colonos que já conheciam a experiência de colonizar, seria um ótimo negócio para o Estado. Neste contexto se sucedeu o processo de colonização de toda a região Oeste, as terras do Extremo Oeste foram comercializadas por basicamente quatro empresas colonizadoras, todas com sede no Rio Grande do Sul, são elas: a Companhia Territorial Sul Brasil, com área de atuação em todo o extremo oeste, a Empresa Chapecó Peperi Ltda., que comercializou territórios de Chapecó e Mondaí, a colonizadora Volksverein für die Deutschen Katholiken in Rio Grande do Sul, com área de atuação nos territórios de Chapecó e Itapiranga e, por fim, a colonizadora Barth, Beneti & Cia. Ltda., que atuou em territórios de Chapecó e região de São Miguel do Oeste. (Nodari, 2009 apud Rodrigues, Neumann, 2015).

Sabe-se que após a posse das concessões de terras para as companhias, elas apresentavam uma ou mais subsidiárias nas suas áreas de atuação, o que fez aumentar o número de empresas envolvidas. Além da comercialização de lotes, as colonizadoras podiam comercializar também recursos ligados à terra, como, por exemplo, a madeira, incentivando assim o desenvolvimento econômico da região através da venda da terra e da exploração de recursos naturais. No Extremo Oeste catarinense, Paulo Ricardo Bavaresco, Douglas Orestes Franzen e Tiones Ediel Franzen estudaram estabelecem os três principais projetos de colonização que posteriormente originaram a composição política da região:

(...) a colonização do Vale do Rio Uruguai, com os municípios de Itapiranga e Mondaí, que geraram os municípios de São João do Oeste, Tunápolis, Iporã do Oeste, Descanso, Santa Helena e Belmonte. A região da colonização de São Miguel do Oeste, que gerou os municípios de Bandeirante, Barra Bonita, Paraíso, Guaraciaba, Guarujá do Sul e Anchieta. Da colonização de Dionísio Cerqueira foram fundados os municípios de São José do Cedro e Princesa. (Bavaresco, Franzen, Franzen, 2013, p. 90).

O primeiro projeto de colonização foi protagonizado pela Empresa Chapecó Peperi Ltda., que iniciou a comercialização do território que hoje compreende o município de Mondaí, o empreendimento se chamava Porto Feliz e foi fundado em 1922, anos depois, em 1926 era fundado o Porto Novo, colonização que daria origem ao município de Itapiranga, esse projeto de colonização foi desenvolvido pela empresa Volksverein für die Deutschen Katholiken, uma instituição vinculada aos Padres Jesuítas.

Os projetos de colonização dos atuais municípios de Dionísio Cerqueira e São Miguel do Oeste iniciam por volta do ano de 1940. Antes da colonização, a fronteira entre o Brasil e a Argentina já era palco de atividades econômicas, como a criação de gado e a extração e comercialização da erva-mate. A colonização da região de Dionísio Cerqueira foi realizada pela empresa Barth, Annoni & Cia Ltda. e os compradores de terras eram em sua maioria descendentes de alemães, italianos, poloneses e mais tarde, de árabes (Bavaresco, Franzen, Franzen, 2013). Já a região de São Miguel do Oeste foi colonizada por diversas empresas, são elas: Alberico Azevedo; Barth, Benetti e Cia Ltda; Madeireira Iguassú Ltda; Colonizadora e Madeireira Bandeirante Ltda; Pinho & Terras Ltda e Sociedade Madeireira Santa Rita Ltda. No início, o município de São Miguel do Oeste se chamava Vila Oeste, no seu território e entornos se desenvolveram madeireiras e também a abertura de estradas, esse trabalho foi desenvolvido principalmente por caboclos, que eram contratados para desenvolver tal serviço (Bavaresco, Franzen, Franzen, 2013).

Diante deste cenário, é possível compreender que a dinâmica de povoamento da região impactou no processo de constituição do município de Descanso, pois a região era permeada pela mata fechada, as estradas eram precárias e muitas ainda precisavam ser abertas para facilitar a circulação de pessoas e mercadorias. As terras que pertencem ao município de Descanso foram comercializadas pela Chapecó Peperi Ltda, e o registro de famílias colonizadoras oriundas do Rio Grande do Sul datam do ano de 1935. Na obra “História de Descanso-SC” Eliseu Oro pontua muitos aspectos sobre a colonização, sobre principalmente o protagonismo dos colonizadores e o progresso que trouxeram para a região. Oro afirma que a povoação inicial do território que compreende hoje a área urbana de Descanso desenvolveu-se com a vinda de descendentes de poloneses, oriundos das imediações de Casca, devido

a isso inicialmente o local se chamou Linha Polonesa. Vale ressaltar que já havia se iniciado um núcleo de povoamento por volta de 1930 na Linha Vorá. (Oro, 2001)

Segundo Eliseu Oro, as principais empresas que comercializaram as terras foram a Empresa Chapecó-Peperi Ltda. e a Empresa Colonizadora Florestal Iguaçu Ltda., sendo as primeiras famílias de Antônio Ciechanowski, José Wronski, José Pietroski e Thomaz Graboski, saíram de Casca em janeiro de 1935, com cerca de 30 pessoas e oito carroças, a viagem durou 12 dias e ao chegar no local, construíram um acampamento numa espécie de galpão coletivo que serviu de uso até a construção das residências próprias. Um ano após a chegada das primeiras quatro famílias, outros colonizadores rumam à região, no entanto, a busca pela compra e venda de terra se consolidou por volta de 1946 a 1953, principalmente nas regiões interioranas da Descanso/SC. (Oro, 2001)

Descanso/SC, ao contrário de Mondaí e Itapiranga que até os dias atuais empenham-se em preservar as heranças culturais da colonização alemã, não apresentou ao longo de sua história, em especial a história narrada por Eliseu Oro, iniciativas em preservar a memória da colonização polonesa. Tal fato pode ser observado a partir de duas perspectivas que se complementam: a primeira é que a colonização de Descanso não se deu somente por poloneses, mas também por descendentes de italianos e alemães que inicialmente se concentraram na Linha Vorá e Linha Leste; e em segundo lugar um aspecto valioso a ser considerado: o contexto social dos imigrantes e descendentes poloneses.

A imigração polonesa para o Brasil, assim como a italiana e a alemã foi impulsionada pelas péssimas condições de vida da Europa e pela intensa propaganda feita pelo governo brasileiro, segundo Edmundo Gardolinski (1958), entre 1890 e 1894 houve uma febre imigratória, com a chegada de cerca de 63.500 colonos poloneses ao Brasil, destes, cerca de 27 mil entrou no Rio Grande do Sul, que formaram colônias em diversos locais como Antônio Prado, São Marcos e também Guaporé, local de origem dos migrantes que colonizaram Descanso:

Em virtude de já existir o progressista núcleo formado por elementos italianos, desde 1892, os imigrantes poloneses, sentiram-se mais seguros e amparados naquele ambiente já civilizado do que na florestas e sertões inóspitos, onde, a maior parte das vezes, eram lançados. Daí, certamente,

a razão pela qual perduraram neste município por muito mais tempo do que em outras localidades. No ano de 1923, contavam-se, em Guaporé e São Luís da Casca, aproximadamente 1500 poloneses e seus descendentes. (Gardolinski, 1958, p. 53-54)

No entanto, tais dados apenas se aproximam da realidade, porque no final do século XIX, a Polônia encontrava-se dividida politicamente entre a Rússia, a Prússia e a Áustria, o que faz com que muitos poloneses entrem no Brasil com os passaportes assinados como russos, austríacos e alemães, engrossando os números dessas nacionalidades (Gritti, 2004). Outro fator é mencionado por Isabel Rosa Gritti (2004): o contexto preconceituoso que se formou contra o imigrante Polonês, chamado comumente de polaco, e as dificuldades enfrentadas inicialmente no acesso à terra:

Os imigrantes poloneses percorreram vários núcleos coloniais antes de se fixarem num deles, bem como se defrontaram com condições precárias de assentamento. Os lotes que adquiriram depois de muitos conflitos eram menores que os adquiridos ou ganhos pelos imigrantes italianos e alemães que os precederam (Gritti, 2004, p. 55)

Além disso, havia certos estereótipos que permeavam os imigrantes poloneses, segundo Octávio Ianni (1972 apud Gritti, 2005, p. 58), que inicialmente surgiram em Curitiba, no Paraná, onde muitas vezes o polonês era colocado no mesmo nível que o negro na hierarquia social, tais desajustes podem ter ocorrido com determinado grupo de imigrantes, mas acabaram sendo generalizados. Rui Wachowicz (1974 apud Gritti, 2004, p. 59) afirma haverem dois fatores responsáveis pela formação do preconceito, o primeiro que chama de mentalidade arcaica do imigrante e o segundo refere-se às dificuldades iniciais de adaptação à economia capitalista brasileira, visto a realidade em que saíram da Polônia.

A relação que a sociedade de adoção estabelece entre polaco com baixo nível de instrução faz com que, muitas vezes, o polonês sinta vergonha de sua origem. (...) A constatação desse 'complexo de inferioridade' ocorre, sobretudo, em camadas sociais intermediárias entre o camponês e os indivíduos urbanizados, de cultura superior. (Gritti, 2004, p. 61)

No Rio Grande do Sul, esse preconceito também se manifestou nas áreas rurais, onde os principais propulsores de tais ideias eram os administradores dos núcleos coloniais, é a partir deles que esse estigma se enraizou sobre o imigrante polonês e seus descendentes (Gritti, 2004). O intuito ao lançar estas breves

discussões sobre o preconceito contra os poloneses visa erguer um questionamento, se colocar a situação da colonização de Descanso neste panorama, é possível considerar que tais estigmas estavam presentes nas mentalidades dos descendentes de poloneses que ali fixaram morada?

A resposta não é simples e nem assertiva. Na década de 1930 se formaram núcleos coloniais em Descanso, os mais marcantes eram o polonês na sede e o italiano e alemão na Linha Vorá e Linha Leste. No entanto, essa divisão não permaneceu devido às próprias necessidades de intercâmbio entre núcleos coloniais internos e externos, o que forçou uma interação social. Em entrevista realizada em 17 de setembro de 2024, com Monica Koprowski Basso, filha de Thomais Koprowski e Casemira Piaseski Koprowski (oriundos de Casca/RS, chegando em Descanso em 1936), ela relatou que:

Desde o começo meu pai começou a ir a Mondaí de carroça para buscar mantimentos, que nem sal, farinha, açúcar, alguma coisinha, um café, porque aqui não tinha. Aqui eles ficaram quatro anos em sete famílias, e o meu pai para frente e para trás, e os novos colonizadores que vinham (...) paravam aqui na casa do pai, ficavam ali e daí tinha os caboclos que vinham junto (...) eles iam conhecer a região (...) daí foi aonde que foram para São Miguel, que já se desenvolveu desde o começo. (Entrevista com Mônica Koprowski Basso, 2024)

Percebe-se que havia um comércio estabelecido com a colônia de Porto Feliz e a presença de diferentes sujeitos no processo de povoamento da região. Mônica relatou que o seu pai, Thomais Koprowski abriu uma “bodega”, onde vendiam diversos produtos, Eliseu Oro (1986) afirma que Thomais foi o pioneiro na atividade comercial de Descanso. Monica (2024) também nos relatou que o núcleo formado inicialmente se chamou Vila Polonesa, mas que ser polonês não era um requisito para adquirir terras na localidade, expressa também a presença de caboclos, fato comentado de forma muito superficial pelos entrevistados.

Em contraponto, no relato coletado com Paulo Flávio Lauxen, em 21 de maio de 2024, filho de descendentes de alemães colonizadores da Linha Leste, ele afirma:

tem uma questão da origem, você vê que Descanso é mais velho que São Miguel, não do ponto de vista de emancipação política, mas Descanso teve os primeiros moradores antes de ter São Miguel onde é hoje São Miguel do Oeste, que era a Vila Oeste, as pessoas iam até aqui aí encontravam uma série de problemas, em função disso iam para Vila Oeste/São Miguel que

hoje é a maior cidade aqui da nossa região, cidade polo né? E Descanso ficou para trás nessa questão. (Entrevista com Paulo Flávio Lauxen 2024)

Quando questionado os motivos para tal cenário, Paulo respondeu que:

o que a gente tem de informação e de diálogo com pessoas, que no início era a Nova Polonesa, então uma das questões é que só aceitavam aqui quem era de origem polonesa, (...) então, isso fez com que, muita gente que vinha para cá, que não era de origem polonesa, acabou tendo problemas aqui e acabou indo para São Miguel, os outros que vinham depois já pegava e vinham direto e iam a São Miguel, tinham essa informação, se era verdadeiro ou não, a gente não tem assim uma comprovação, mas essa era a mensagem, o que se passava na época. (Entrevista com Paulo Flávio Lauxen 2024)

Seguindo a mesma perspectiva, Lotário Staub, professor e um dos escritores do livro *Nos Rastros da Coluna Prestes* (2017), nos deu mais detalhes sobre tal contexto em entrevista realizada em 18 de maio de 2024:

Mondaí, uma colonizadora montou, comprou, conseguiu o direito do governo de comercializar e trazer colono, então aqui só vinha protestante, aqui católicos, criaram uma instituição católica que dava para os colonos católicos, aí tinha que ser alemão. Aí o que aconteceu com os italianos e os poloneses? Os poloneses se arranjaram em Descanso e também criaram seu bairrinho, tinha que ser católico e tem que ser polaco... bom aí, quem sobrava começou a ir para São Miguel (...) que hoje é um município heterogêneo em termos de etnia. Até nós aqui, porque os poloneses, em função da sua característica, eles não eram muito de se unirem ou então de preservarem as coisas, tanto é que desapareceu a língua, uma duas três pessoas que fala, (...) tudo em função dessas três linhas (as três picadas da Coluna Prestes) o Vorá inclusive era para ter sido a primeira comunidade de Descanso e o Leste pegava esse povo que vinha do Rio Grande do Sul (...) Aí depois criou-se Campinas, quem descia pelo Leste veio direto por Campinas para chegar a Descanso. (Entrevista com Lotário Staub. 2024)

A existência ou não de um preconceito velado ou escancarado contra os descendentes de poloneses em Descanso não pode ser comprovada ou negada de maneira certa, assim como a obrigatoriedade de ser polonês católico para adquirir terras em Descanso, mas existem algumas lacunas e hipóteses que podem ser pensadas, como a formação de grupos étnicos de forma orgânica, pela natural preferência humana em integrar grupos similares ao seu, ou uma iniciativa dos colonizadores de formar tais núcleos étnicos. Vale ressaltar também que as memórias em relação ao movimento dos colonizadores em direção a São Miguel do Oeste/SC podem apresentar um sentido atribuído pela memória, e não especificamente a relação entre o lento desenvolvimento econômico de Descanso e

o ritmo acelerado de São Miguel do Oeste. Tal hipótese é apresentada por Maristela Ferrari (2011):

Ainda que não vendessem terras a um só grupo étnico num mesmo município, as colonizadoras, primeiro excluíaam os originais da terra e depois separavam italianos de alemães e esses dos poloneses. É o caso dos municípios de Descanso e São Miguel d'Oeste, onde os colonos eram separados em comunidades rurais de acordo com sua origem, as chamadas "linhas", como a linha dos italianos, a linha dos alemães e a linha dos polacos, para designar os elementos sociais de comunidades rurais de um mesmo município. Olímpio Dal Magro, ex-administrador da Colonizadora Barth Annoni, encarregada de vender boa parte das terras compreendidas entre São Miguel d'Oeste e Dionísio Cerqueira, afirma que a administração daquela empresa já mostrava fortes traços de divisão identitária religiosa naquela região quando ele assumiu seu cargo em 1944. (Ferrari, 2011. p. 187)

Dessa maneira, existe a possibilidade de as colonizadoras terem formando tais grupos étnicos e o nome de Vila Polonesa pode não ter permanecido por conta da estigmatização do polaco, bem como o vislumbre despertado no encontro dos vestígios da Coluna Prestes, que traria uma consagração diferente ao local, que então passou a se chamar Descanso. Frente a isso, cabe um questionamento: Teria, o padre Masure, percebido o estigma carregado pelos poloneses e, sabendo da passagem da Coluna Prestes, feito registros intencionais no Livro Tombo visando "apagar" (ou silenciar) as más impressões sobre aquelas famílias polonesas e, ao mesmo tempo, informando aos novos habitantes que as origens daquela localidade estavam atreladas à passagem da Coluna Prestes? E, Eliseu Oro, ratificou esse entendimento no livro "História de Descanso", abrindo a possibilidade de entendermos porque Descanso não valorizou a identidade étnica polonesa como característica da cultura local.

Diante disso, percebemos que a colonização de Descanso seguiu um modelo de povoamento, assim como em outras áreas coloniais da região, com a existência de uma certa divisão de grupos étnicos de descendentes de europeus promovida pelas próprias colonizadoras. Tais grupos étnicos interagiam principalmente por meio do comércio, promovendo certa integração social e propiciou a formação de Descanso como um município plural, claro, não sem direcionamentos políticos, sociais e econômicos.

### 2.3 A HISTORIOGRAFIA DA COLUNA PRESTES

Após a Proclamação da República, em 15 de novembro de 1889, o Brasil vivenciou três décadas de mudanças e de crises que levaram à Revolução de 1930. A partir do contexto histórico da Primeira República, têm-se as bases para compreender o surgimento e os objetivos do movimento tenentista, do qual faremos uma breve contextualização.

A passagem do século XIX para o XX foi marcada por ideais de vida moderna, associados aos conceitos de progresso e de civilização. Como afirma Margarida de Souza Neves (2011), esses ideais redesenharam o quadro internacional e novos protagonistas surgiram ao lado da Inglaterra, que até então era uma potência hegemônica incontestada. No Brasil, as novidades se faziam presentes ainda de forma tímida,

(...) o golpe militar do 15 de novembro de 1889 modificaria a Constituição do Estado brasileiro e suas instituições. Mas, tal como na acepção astronômica da palavra, a República, *revolucionariamente* instaurada, terminaria por ser mais uma das transformações sem mudanças substantivas na história brasileira. Concluído o movimento circular no plano político, a sociedade voltaria ao ponto de partida sem grandes convulsões. (Neves, 2011, p. 26)

É só a partir do processo de consolidação desse novo regime político que a Primeira República brasileira tomou forma, nesse momento conflagrou-se a política dos governadores, uma forma de garantir ao governo federal o apoio necessário em troca de verbas para os estados e municípios. Ainda segundo Margarida de Souza Neves (2011), na base desse sistema estava o coronel, tido como o "dono da vontade dos eleitores e senhor dos currais eleitorais, cujo poder pessoal substituíria e representava o Estado, distribuindo como favor e benesses, a seu bel-prazer, o que seria de direito dos cidadãos" (p. 39). Esse sistema mostra a hierarquia das oligarquias regionais:

Como num gigantesco móvel político, as oligarquias estaduais se equilibravam no eixo federativo, oscilavam ao sabor dos ventos dos arranjos políticos e deixavam de manifesto a hierarquia existente entre os estados da federação. Num plano mais elevado, São Paulo e Minas. Logo abaixo, o Rio de Janeiro com o Distrito Federal. (Neves, 2011, p. 39)

O coronelismo era a base do sistema político do período, conforme Maria Cecília Spina Forjaz (1977), as oligarquias estaduais controlavam os coronéis

municipais, esses dominavam a população rural, que dependia deles social, econômica e politicamente, participando do processo político de forma totalmente subordinada, “dessa forma, a democracia representativa vigente era apenas formal e a possibilidade de representação política de outros setores sociais, que não as oligarquias, bastante reduzida” (p. 19)

Tais oligarquias eram formadas, em sua maioria, pelos latifundiários do café, principalmente de São Paulo, que ao lucrar e acumular capital a partir da exportação do produto, investiam em outros setores da economia, formando um complexo econômico centrado na produção e exportação do café. Dessa forma, conforme Anita Leocadia Prestes (1990), a Primeira República formava-se com características peculiares, uma república com uma Constituição liberal, carregada de federalismo, que garantia certa autonomia para as províncias - beneficiando principalmente a burguesia cafeeira paulista e ainda, o coronelismo.

A partir de tais arranjos, a República Café com Leite tomou forma em 1914 com o acordo de Ouro Fino, firmado entre as oligarquias mineiras e paulistas, para formar um sistema de auxílio mútuo entre as duas oligarquias. No entanto, a economia em torno do café e a hegemonia paulista eram frágeis diante das variações da economia mundial, conforme Anita Leocadia Prestes “os sucessivos abalos por que passaria a cafeicultura eram, ao mesmo tempo causa e efeito da crise estrutural que abala os alicerces da economia nacional” (1997, p. 62)

Aliado à economia de mercado frágil, a recente República passava por mudanças sociais, o desenvolvimento do capitalismo gerava uma sociedade mais diversificada, os grupos oligárquicos fora do eixo São Paulo-Minas buscavam por maiores espaços de participação na economia e política brasileira. Além disso, o proletariado e as camadas médias urbanas buscavam serem vistos e ouvidos, essa conjuntura aliada aos agravantes como o desemprego acentuaram a crise estrutural da Primeira República. (Prestes, 1997).

É na década de 1920 que a situação política e social apresentou uma problemática, e é nesse mesmo período que eclodem os levantes que caracterizam o tenentismo. Anita Leocadia Prestes (1997) traça um panorama sobre o ano de 1922, que marca uma série de acontecimentos significativos que levariam a transformações no decorrer daquela década, são eles:

A fundação do Partido Comunista do Brasil (PCB), a Semana da Arte Moderna, a criação do Centro Dom Vital, ligado à revista católica *A Ordem*, e, em particular, a eclosão dos primeiros levantes tenentistas no Rio de Janeiro e em Mato Grosso (Prestes, 1997, p. 69-70)

Dessa forma, o clima revolucionário, como chama Anita Prestes, estava instalado no país, agora cabe questionar quais forças sociais e políticas conseguiriam iniciar a revolução contra o domínio absoluto das oligarquias paulistas e mineiras. (Prestes, 1997) Um dos primeiros levantes tenentistas e o mais marcante aconteceu em Copacabana, no dia 7 de julho de 1922, o episódio ficou conhecido como “18 do Forte” e teve grande repercussão. O levante eclodiu a partir da junção de diversos descontentamentos militares, mas o estopim para tal revolta foi o episódio das cartas falsas de Artur Bernardes.

Antes das cartas falsas, as Forças Armadas e as oligarquias dominantes já percorriam um campo de luta cada vez mais explosivo, conforme Maria Forjaz (1977) na campanha sucessória do presidente Epitácio Pessoa também se intensificaram as tensões inter-oligárquicas, Rio Grande do Sul, Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro uniram-se na Reação Republicana apresentando a candidatura de Nilo Peçanha para presidência contra a candidatura café com leite do mineiro Artur Bernardes.

Ainda durante o período de campanha eleitoral, em 9 de outubro de 1921, o jornal *Correio da Manhã* publicou em suas páginas uma carta que atribuía a autoria de Artur Bernardes com ofensas a militares destinada ao senador Raul Soares, e no dia seguinte outra carta, desta vez com ofensas a Nilo Peçanha. O escândalo acirrou as disputas, mas mesmo assim, em 1922, quem chega à presidência da República é Artur Bernardes. A primeira carta, datada em 3 de junho de 1921, assim inicia:

Estou informado do ridículo e acintoso banquete dado pelo Hermes, esse sargentão sem compostura, aos seus apaniguados, e de tudo que nessa orgia se passou. (...) Veja de Epitácio mostra agora a sua apregoada energia, punindo severamente esses ousados, prendendo os que saíram da disciplina e removendo para bem longe esses generais anarquizados. (*Correio da Manhã*/ RJ, 1921)

Atualmente podemos nomear esse acontecimento como um episódio de *fake news*, o que não é raro nas eleições presidenciais brasileiras, o marechal Hermes da Fonseca foi taxado como ‘sargentão sem compostura’, um claro

ataque aos militares.

Após a publicação destas cartas, Artur Bernardes negou a autoria, o que acabou dividindo a opinião pública e do Exército em facções que negam ou aceitam a falsidade delas, a partir disso são formadas duas ideologias sobre as relações entre os militares e a Política, como afirma Maria Forjaz (1977). Uma ideologia que enfatiza o caráter profissional do militar e incentiva que o mesmo se isole da política e outra, formada a partir dos escalões intermediários do Exército que valoriza a intervenção militar na política. (Forjaz, 1977)

Por fim, o Clube Militar concluiu a autenticidade das cartas e, por meio de uma Assembleia Geral Extraordinária no dia 28 de dezembro de 1921, resolveu em entregar o caso ao julgamento da Nação, ainda conforme Maria Forjaz (1977), após esse pronunciamento, as facções mais radicais das Forças Armadas, ou seja, a oficialidade jovem, optaram pela insurreição para impedir o fortalecimento de Artur Bernardes caso fosse eleito.

Com a vitória eleitoral de Artur Bernardes somado a sucessão presidencial do estado de Pernambuco resultando na prisão do marechal Hermes da Fonseca eclode o primeiro levante militar, na noite anterior ao dia 5 de julho de 1922, que ocorre na Vila Militar, mas que é facilmente silenciado. A conhecida Marcha dos 18 do Forte acontece no dia 7 de julho, “do Forte de Copacabana, os militares revoltosos deram início ao que chamaram de ‘revolução’ e dispararam contra alvos estratégicos: a ilha de Cotunduba, o Forte do Vigia, o Quartel-general, a ilha das Cobras, o Depósito Naval e o Túnel Novo”, como afirma Lanna Júnior (2011, p. 317). As exigências dos revoltosos eram a suspensão das hostilidades, que não foram aceitas pelo governo e que ordenou o bombardeio do Forte de Copacabana pela Fortaleza de Santa Cruz.

O ataque desestabilizou os militares revoltosos, permanecendo no Forte somente o tenente Newton, o tenente Siqueira Campos e 14 soldados que marcharam em direção às tropas legalistas enfrentando o tiroteio. Dessa marcha sobreviveram Siqueira Campos e Eduardo Gomes, dois grandes líderes do tenentismo. Após esse levante, outros movimentos com as mesmas motivações ocorreram na Vila Militar, na Escola Militar do Realengo, outros em Niterói e no Mato Grosso, no entanto, foram rapidamente reprimidos pelo governo.

Conforme Lanna Júnior:

Epitácio Pessoa conseguiu agrupar toda a classe política civil contra o movimento rebelde. Ao contrário de enfraquecer as oligarquias, o tenentismo agiu como inimigo comum e atuou como agente estranho no corpo político brasileiro. A reação consistiu na união e no fortalecimento das oligarquias. (2011, p. 319)

Antes ou durante o levante não houve nenhum pronunciamento oficial por parte dos revoltosos, o que faz com que a população fosse surpreendida, conforme Maria Forjaz (1977, p. 49) “espontaneísmo, voluntarismo e indefinição ideológica marcam as origens do tenentismo”.

A autora salienta ainda que nessa fase não houve nenhuma relação com as insatisfações dos setores médios e populares urbanos, o tenentismo ainda não tinha um projeto político e social definido para a sociedade (Forjaz, 1977).

As produções historiográficas sobre o tenentismo, principalmente a relação entre as camadas médias urbanas e os levantes tenentistas, se desdobraram em três correntes ideológicas, cada uma com uma perspectiva diferente. A primeira delas, e a mais tradicional, trata o tenentismo como um movimento que tem suas origens sociais nas camadas médias urbanas, representaria o anseio dessas camadas pela maior participação na política e na vida nacional (Prestes, 1997),

Nas palavras de Maria Forjas “a identificação entre tenentismo e classes médias se verifica (...) ao nível ideológico, já que as formulações liberal-democratas dos tenentes expressavam o inconformismo antioligárquico e os anseios de maior participação política das camadas médias urbanas” (Forjaz, 1977, p. 24). Essa é uma visão dualista da sociedade brasileira, como assinala Anita Prestes (1997), que liga as origens pequeno-burguesas dos tenentes como um fator que define o caráter do movimento tenentista.

A segunda corrente interpretativa surge como uma crítica à corrente anterior, é possível identificá-la nas décadas de 60 e 70, essas novas concepções se inserem na reelaboração dos estudos sobre a sociedade agrário-exportadora no Brasil e à sua superação por uma sociedade de tipo urbano-industrial (Forjaz, 1977). Nesta corrente a obra de Boris Fausto se sobressai, levado a absolutizar o caráter militar do movimento tenentista, privilegiando os aspectos organizacionais do tenentismo, como sendo produto da instituição militar e desconsiderando a inserção do Exército na sociedade. (Prestes, 1997).

Já a terceira corrente ideológica surge como crítica às correntes anteriores que absolutiza as interpretações do tenentismo, nas palavras de Anita Prestes

(1997), na primeira corrente a relação unificadora que se cria entre a origem social dos tenentes e as camadas médias urbanas, e no segundo caso, a absolutização do seu papel no aparelho do Estado enquanto fenômeno das Forças Armadas. Ela toma forma a partir dos estudos de autores como Anna Maria Martinez Corrêa, Paulo Sérgio Pinheiro e Maria Cecília Spina Forjaz, tais autores defendem, a seus modos, que as motivações dos tenentes e os movimentos tenentistas devem ser analisados a partir do todo, tanto na sua relação com as classes médias urbanas quanto como sendo um aparelho de Estado.

Ainda sobre essa terceira perspectiva, Maria Forjaz apresenta algumas ambiguidades dentro do movimento tenentista

na análise histórica concreta, o tenentismo é liberal-democrata, mas manifesta tendência autoritárias; busca apoio popular, mas é incapaz de organizar o povo; pretende ampliar a representatividade do Estado, mas mantém uma perspectiva elitista; representa os interesses imediatos das camadas médias urbanas, mas se vê como representante dos interesses gerais da nacionalidade brasileira (Forjaz, 1977, p. 32)

Tais aspectos a autora apresenta em sua obra *Tenentismo e Política*, de 1977, que utilizamos nesta pesquisa. Além disso, ressalta-se o uso da terceira corrente ideológica apresentada anteriormente, possibilita a análise dos movimentos tenentistas na totalidade, além também de serem essenciais para a compreensão do que foi a Coluna Prestes.

Em 1924, depois da marcha dos 18 do Forte, entre os dias 5 e 18 de julho, os militares partidários do movimento organizaram um levante em São Paulo, a liderança foi organizada pelo general Isidoro Dias Lopes e pelo major Miguel Costa. As tropas conseguiram expulsar o governo estadual da capital paulista, com o objetivo da revolução, esperavam, que outras revoltas surgissem nas capitais dos estados brasileiros para a derrubada do presidente da República. No entanto, isso não aconteceu e os militares revoltosos tinham agora uma cidade para administrar (Lanna Júnior, 2011).

Em meio a desorganização social da capital, gerada pelo levante, os ataques das forças governistas e os bombardeios deixaram a população assustada que fugiu da cidade, após alguns dias de tensões as forças governistas pediram para quem ainda estivesse na capital que se retirasse, deixando assim

os rebeldes entregues à própria sorte. Somente depois de dez dias de bombardeios e tentativas de paz descartadas, na madrugada do dia 27, os militares revoltosos se retiram da cidade de São Paulo para não serem duramente derrotados. (Lanna Júnior, 2011).

Segundo Maria Forjaz (1977), o grupo revolucionário que se retirou de São Paulo era de aproximadamente 6 mil homens e agora chamados de Coluna Paulista, partiam em direção ao Paraná. Conquistaram as cidades de Foz do Iguaçu e Catanduvás em setembro do mesmo ano e permaneceram ali até março de 1925, durante esse período eclodiram vários levantes revolucionários no Brasil, como a Coluna Prestes no estado gaúcho.

No Rio Grande do Sul as primeiras conspirações tenentistas encontraram algumas dificuldades de articulações, devido às antigas disputas internas existentes no estado, como afirma Anita Leocadia Prestes (1997), o ano de 1923 foi palco das lutas entre os partidários de Borges de Medeiros, que recém tomava posse para um novo mandato no governo do estado, contra os oposicionistas liderados por Assis Brasil, que não aceitavam a vitória e o governo de Borges de Medeiros. Os dois grupos oposicionistas eram comumente chamados de chimangos e maragatos, termos com origens na Revolução Federalista de 1893 que nunca deixaram de ser utilizados pela população gaúcha, mas que na Revolução de 1923 ganharam um novo destaque.

Nesse cenário, após a eclosão da revolta paulista, foram os maragatos que viram nos tenentes um possível aliado contra Borges de Medeiros, segundo Anita Leocadia Prestes (1997), constituíram uma importante força nas tropas rebeldes, pois traziam consigo longa experiência de lutas e a destreza na guerra de movimento. Os nomes que coordenaram e organizaram o início dos levantes tenentistas eram Aníbal Benévolo e Luiz Carlos Prestes, o primeiro era um jovem oficial do Quartel-General da Brigada de Cavalaria de São Borja e Luiz Carlos Prestes servia no 1º Batalhão Ferroviários de Santo Ângelo.

Na noite de 28 de outubro de 1924 levantou-se o 1º Batalhão Ferroviários de Santo Ângelo, sob o comando do capitão Luiz Carlos Prestes e do tenente Mário Portela Fagundes e, na madrugada do dia 29 o 3º Regimento de Cavalaria Independente de São Borja, comandado pelos tenentes Aníbal Benévolo e Sandoval Cavalcante de Albuquerque (Prestes, 1997). Dias depois, mais grupos

do exército abraçaram a luta e se levantaram, além disso, nesse momento os tenentes receberam a adesão de alguns caudilhos ligados a Assis Brasil, como Zeca Neto e Honório Leme. Como afirma Maria Forjaz (2011), isso mostra a aliança entre o tenentismo e as partes marginalizadas da sociedade, possibilitada pelo agravamento dos conflitos inter-oligárquicos.

Conforme as forças rebeldes articulavam-se, as forças governamentais conseguiam impedir e atrasar seu avanço, principalmente devido à falta de comunicação e organização entre os grupos tenentistas. Nos primeiros levantes do Rio Grande do Sul, foi em São Luís Gonzaga que os tenentes conseguiram maior sucesso na conquista e resistência, e segundo Anita Prestes (1997), haviam dois motivos para esse sucesso, o primeiro deles era a ausência de linhas férreas próximas à cidade, o que dificultava o acesso das tropas governistas e a segunda razão é ligada ao importante papel de liderança de Luiz Carlos Prestes.

Com cerca de 25 anos na época, Luiz Carlos Prestes tinha destaque com sua forma de liderar e comandar as tropas. O militar rebelde nasceu em Porto Alegre e, desde jovem, ingressou na carreira militar. Na historiografia, o seu nome é ligado a esquerda brasileira, como um ícone (Gaudêncio, 2023). Para compreender e apresentar quem foi Luiz Carlos Prestes não se fará uma biografia detalhada sobre sua vida, esse trabalho muitos historiadores e escritores e realizaram com maestria, mas sim algumas problematizações diante da construção de sua imagem.

A primeira biografia de Prestes, foi escrita por Jorge Amado, *O Cavaleiro da Esperança* apresenta uma narrativa romanceada sendo produzida durante seu exílio em Buenos Aires, publicada originalmente em espanhol em 1942. A tradução e publicação em português ocorre somente em 1945, mas tal fato não impediu a ampla divulgação do livro. Depois da biografia escrita por Jorge Amado, segundo Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio (2023), novas escritas historiográficas surgiram somente a partir da década de 1980, após o período da ditadura civil-militar brasileira (1964-1985), Gaudêncio ainda afirma que após a morte de Prestes, em 1990, foi que surgiram a maioria das obras biográficas disponíveis até o presente, o historiador relata que além de livros, também foram produzidos vídeos. Ao analisar biografias selecionadas sobre Luiz Carlos Prestes, Gaudêncio propõe diversas problematizações diante das diferentes fases da vida de Prestes sobre o olhar de cada autor.

A partir do livro *A Invenção do Cavaleiro da Esperança: políticas da memória na construção biográfica de Luiz Carlos Prestes (1945-2015)* (2023), resultado de sua tese de doutorado, Gaudêncio se empenhou na análise da política da memória presente em algumas construções biográficas<sup>6</sup> de Prestes. Dentre as interessantes análises tecidas por Gaudêncio, atenta-se para as realizadas sobre o período da marcha da Coluna Prestes.

Dessa forma, o que se pretende analisar e apresentar agora é parte da construção da memória realizada em torno de Luiz Carlos Prestes e as dicotomias encontradas ao longo da história, pois assim se poderá clarear os motivos para que o povo de Descanso valorizasse e seguisse valorizando e relembrando a importância da passagem da Coluna Prestes pela região.

Segundo Gaudêncio (2023), a construção de Luiz Carlos Prestes dentre as biografias analisadas apresenta alguns pontos em comum, “a ideia do jovem militar como fundador *de um novo modelo ético e moral* nas relações entre militares subordinados” (p. 130, grifo do autor), é presente nas narrativas de Jorge Amado (2011) e de Anita Leocadia Prestes (2015). Ambos autores constroem a imagem de Prestes como um homem sem defeitos e de inigualável caráter, nos escritos de Daniel Aarão Reis Filho (2014), Gaudêncio afirma que é possível perceber a ideia de extraordinariedade do biografado, mas sem problematizar alguns pontos paradoxais da carreira do militar. Já nos escritos de Boris Koval (2007) é possível perceber um viés crítico que sugerem não a noção de um herói, mas a de um grande homem que comete erros como todos os outros. Outro aspecto de notoriedade para esta pesquisa é a problematização que Gaudêncio desenvolve diante da memória sobre a nomenclatura da marcha, que em alguns momentos era chamada de Coluna Miguel Costa-Prestes.

Os autores analisados por Gaudêncio divergem sobre o início da Coluna, o que usam como parâmetro para definir a sua nomenclatura. Segundo o autor, a maioria da historiografia prefere a nomenclatura Coluna Prestes, também chamada de A Coluna Invicta ou A Grande Marcha, sendo de maneira geral uma tentativa de definir marcos que legitimem Prestes e Miguel Costa. Mas há uma

---

<sup>6</sup> Gaudêncio seleciona quatro biografias para realizar suas análises, são elas: *O Cavaleiro da Esperança: vida de Luís Carlos Prestes*, do escritor Jorge Amado (1945), *Heroísmo Trágico do século XX: o destino de Luiz Carlos Prestes*, do historiador Boris Koval (2007), *Luís Carlos Prestes: um revolucionário entre dois mundos*, do historiador Daniel Aarão Reis Filho (2014) e *Luiz Carlos Prestes: um comunista brasileiro*, da historiadora Anita Leocadia Prestes (2015).

unanimidade nas biografias diante da ênfase nas qualidades de liderança militar de Prestes. (Gaudêncio, 2023)

Esta ênfase, segundo Gaudêncio (2023) possibilita evidenciar suposta a superioridade de Prestes como chefe militar, sendo que em vários momentos decisivos, a opinião de Prestes prevalecia e além destas qualidades humanas, há também construções do imaginário popular sobre Prestes, que evidenciam um caráter místico que o tornavam mais sensível e inteligente. Outro ponto analisado por Gaudêncio, considerado um dos mais polêmicos, é a maneira como os biógrafos descrevem a adesão ou hostilidade da população do interior brasileiro diante da causa dos rebeldes,

Mais uma vez o teor defensivo das obras biográficas de Jorge Amado (2011) e Anita Leocadia Prestes (2015) prevalece, pois ambos procuram enfatizar que houve plena adesão à causa dos rebeldes; já Boris Koval (2007) e Daniel Aarão Reis Filho (2014) abordam a prevalência da resistência e da hostilidade da população durante o itinerário da Coluna. (Gaudêncio, 2023. p. 156-157)

Dessa forma, as divergências se acentuam diante da forma como os rebeldes são apresentados durante as narrativas sobre a marcha e a busca de itens de sobrevivência como alimentos, se utilizando da violência ou não. Gaudêncio conclui que na lógica de uma batalha de memória, assim como na produção historiográfica do tema, a produção biográfica pode ser dividida em dois grandes grupos, os apologistas, que buscaram realizar projetos que prioritariamente elogiavam e/ou defendiam os feitos da Coluna, e os revisionistas, que procuraram realizar reexames críticos ou até mesmo inversões, desconstruções e contraposições sobre as ações dos rebeldes. (Gaudêncio, 2023).

Seguindo o ritmo de tais apresentações e problematizações, se faz válido compreender também como se deu a construção de Prestes após o prestígio alcançado pela coluna. O nome de Luiz Carlos Prestes foi usado por diferentes lados da política para diversos fins. Rodrigo Patto Sá Motta (2004) explica que em 1930, quando Prestes aderiu ao Partido Comunista Brasileiro, tal prestígio serviu de propaganda para o Partido. Alguns jornais da época enfatizavam o caráter heroico de Luiz Carlos Prestes em suas páginas, estampando-o como a cara dos ideais revolucionários brasileiros. Sá Motta (2004) apresenta dois exemplos de publicações oficiais do Partido Comunista que contribuíram para a construção e

divulgação do mito de Prestes, como o poema Parábola da nova multiplicação - A Luiz Carlos Prestes, prisioneiro, de Rossine Guarnieri, que mostra como o líder carrega a esperança de um povo sofredor.

O segundo exemplo de Sá Motta (2004) é o livro *Zé Brasil*, de Monteiro Lobato, que denuncia as péssimas condições de vida do homem do campo e apresenta Prestes nas ilustrações com traje militar e montado a cavalo, tal escolha de imagem pode ser associada ao prestígio alcançado por Prestes durante a marcha, mas também pode ter apresentado uma forma eficiente de conquistar o imaginário popular, que associava o herói salvador a figura do cavaleiro. Na imprensa, os jornais que declaravam apoio a Prestes, como o *Voz Operária*, como salienta Sá Motta (2004), utilizava de expressões elogiosas e hiperbólicas para ressaltar a figura do herói. Se para os comunistas Prestes era o Cavaleiro da Esperança, para os anticomunistas a expressão 'cavaleiro' ganhou adjetivos negativos, como Cavaleiro da Desesperança e Cavaleiro do Apocalipse.

Ainda segundo Sá Motta (2004) a oposição do comunismo também utilizou o passado de Luiz Carlos Prestes na Coluna Prestes como forma de propagandas, mas não ressaltando a sua bravura e luta contra um governo abusivo, mas sim destacando o terror que os revolucionários distribuíram pelos sertões brasileiros saqueando e assassinando os povos pelos quais passavam, deixando uma marca negativa. Sá Motta conclui que:

(...) parece evidente que as representações anticomunistas exageraram nas 'tintas', pintando uma imagem deformada de Prestes, com óbvios fins de propaganda. Isso não implica em aceitar, ingenuamente, a versão prestista, que vê no líder comunista uma figura exemplar, um 'herói sem máculas'. Portanto, a tarefa que se apresenta ao historiador é, partindo das versões contraditórias elaboradas sobre o personagem, tentar extrair, do mito, o líder real. (Sá Motta, 2004, p. 111)

Seguindo a problematização, a jornalista gaúcha Eliane Brum, no início da década de 1990 foi em busca de relatos orais sobre a passagem da Coluna Prestes pelos caminhos que ela havia passado décadas atrás. Os relatos que colheu ilustram de maneira única as divergências de memórias e experiências decorridas da Coluna Prestes. Mediante uma narrativa feita para a imprensa impressa e deixando de lado algumas bases da historiografia, Brum apresenta sujeitos que marcharam junto a Coluna e outros que tiveram contato direto com

os rebeldes que explanam suas vivências trágicas, permeadas de medos e antigos traumas, há ainda aqueles que carregam memórias positivas daquele tempo e proclamam seu apoio à Prestes a quem perguntar.

A realidade que a jornalista encontra e descreve é a de um Brasil sofrido, nos relatos de Hermogêneo Dias Messa, na época um dos últimos combatentes vivos da Coluna, encontram-se as lembranças da fome que caminhava junto à marcha, que só saciava quando encontravam alguma cidade, nesse momento Hermogêneo relembra “Aí o Prestes dizia: ‘O saque é livre’. A gente pegava roupa, cavalo, derrubava boi e vaca. Claro que os moradores ficavam revoltados, mas não podiam fazer nada. A gente então tirava a barriga da miséria” (Brum, 1994, p. 17)

Do outro lado, nos pequenos e pobres povoados do Sul ao Nordeste brasileiro, as marcas deixadas pela Coluna foram construções queimadas, animais mortos e riquezas saqueadas. Na maioria dos relatos coletados por Brum (1994), os moradores se escondiam nas matas com a chegada dos rebeldes, escapando da violência e crueldade contra mulheres e crianças e da adesão forçada de homens para a luta. Um dos diversos casos que ilustram tal contexto é o da cidade de Iguatemi, do Mato Grosso do Sul, em relato de uma moradora

Eu não entendo por que os livros insistem em dizer que Prestes foi um herói. Se ele fez alguma coisa boa, onde é que está? (...) O Prestes e o Estado Maior entraram no Paraguai e soltaram os soldados aqui. Deram ordem de saque livre. Eles pareciam bichos e estavam quase sem roupa (...) Foi só destruição. O povo passou anos difíceis até se recuperar, naquele tempo isso aqui era o fim do mundo. Mas não se entregou. Pode botar aí: aqui, Prestes e sua coluna não deixaram saudades (Brum, 1994, p. 54).

Conforme avança na narrativa, chegando ao centro-oeste e nordeste brasileiros, os relatos carregam ainda mais sofrimento, Brum se empenha em destacar as paisagens áridas e a população pobre que encontra. A descrição de apoiadores ou relatos positivos são raros no seu livro-reportagem, no município gaúcho de São Luiz Gonzaga, o combatente agora idoso Antenor Medeiros Pinto, após voltar da Bolívia, ainda tece elogios e apoio a Prestes:

Se Prestes estivesse vivo, eu pegava em armas de novo, que governo nós ainda não temos (...) Nós éramos bem tratados, todo mundo nos dava presentes, comida, até batiam palmas. Prestes nunca foi odiado, em todo o lugar o amavam. Quem diz que ele foi odiado tá mentindo

(Brum, 1994, p. 23)

A memória é única para cada indivíduo; por isso, é importante ressaltar que em sua narrativa, Brum destaca um lado mais cruel da marcha dos rebeldes, através dos relatos colhidos, lado que não pode ser considerado o único. Tais reflexões propostas anteriormente tiveram o objetivo de apresentar as divergências da construção histórica da Coluna Prestes. As pluralidades que permeiam o estudo histórico nos mostram que não existe uma história única e que é importante olharmos também para os agentes envolvidos nestas construções. Após refletir sobre as diferentes faces da Coluna Prestes, voltemos nosso foco para o município de Descanso, em especial a uma das principais fontes históricas utilizadas pelos memorialistas locais, o Livro Tombo.

### 3. LUIZ CARLOS PRESTES EM DESCANSO (1986)

Nações são imaginadas, mas não é fácil imaginar. Não se imagina no vazio e com base em nada. Os símbolos são eficientes quando se afirmam no interior de uma lógica comunitária afetiva de sentidos e quando fazem da língua e da história dados 'naturais e essenciais'; pouco passíveis de dúvida e questionamento. (Schwarcz, 2008, p. 17)

Benedict Anderson argumenta que as nações e comunidades são *imaginadas* porque compartilham uma narrativa comum, mesmo que muitos de seus membros não tenham experiências diretas com essa história, no entanto, como apontou Lilia Moritz Schwarcz, não é fácil imaginar, é preciso que os símbolos produzam significados para a comunidade.

No caso de Descanso, imaginar a comunidade foi uma tarefa exercida por vários sujeitos, que buscaram no evento nacional da Coluna Prestes uma ponte para a construção da identidade local. Apesar de o município só ter sido colonizado uma década após a passagem da Coluna, os vestígios encontrados fornecem símbolos, que foram incorporados à sua história.

Essa apropriação transformou a Coluna Prestes em um mito fundador, conferindo à cidade uma conexão com a história nacional e legitimando sua relevância. E mais, em 1986, quando Luiz Carlos Prestes visitou a cidade de Descanso, tais apropriações foram reafirmadas, fazendo com que questionamentos, quanto a essa identidade, fossem perdendo espaço.

Esse processo demonstrou como uma comunidade pode *imaginar* seu passado de maneira a criar um sentimento de unidade e continuidade, mesmo que esse passado não corresponda diretamente a sua história. Este capítulo busca apresentar as diferentes formas e caminhos que levaram a consolidação e manutenção da narrativa histórica, que permitiram a formação de uma comunidade com um passado comum, mas vanglorioso.

#### 3.1 A CONSTRUÇÃO DO MITO FUNDADOR

A partir das contextualizações tecidas no primeiro e segundo capítulo, voltamos, novamente, as atenções para o memorialista local, Eliseu Oro, e sua obra *História de Descanso-SC* (1986) e a visita de Luiz Carlos Prestes em 1986, pela

influência que tais fatos promoveram no entrelaçamento da história de Descanso com a Coluna Prestes.

Os registros sobre a travessia de Santa Catarina pela Coluna Prestes são sucintos, detalham apenas as dificuldades geográficas e o constante avanço das forças governamentais, mas ilustram muito bem a visão que Prestes tinha desde o início da marcha, em carta escrita ao marechal Isidoro Dias Lopes, Prestes afirma:

Os 800 homens que consegui até aqui trazer provaram em mais de 100 léguas de marcha do que são capazes e convenceram-se de que a persistência é uma das melhores armas do revolucionário (...) A guerra no Brasil, qualquer que seja o terreno, é a guerra do movimento. Para nós revolucionários o movimento é a vitória. A guerra de reserva é a que mais convém ao governo que tem fábricas de munição, fábricas de dinheiro e bastantes analfabetos para jogar contra as nossas metralhadoras. (Lima, p. 110)

A carta não está datada, mas pelo teor das informações presume-se que tenha sido escrita em janeiro de 1925. Na mesma carta, Prestes relata a trajetória dos acontecimentos desde a saída de São Luís no Rio Grande do Sul até a chegada em Barracão, Santa Catarina:

abandonamos no dia 27 de dezembro a cidade de São Luiz com cerca de 1.500 homens mal armados e municados; a 29 atravessamos o Ijuizinho; a 30 combatemos no arroio da Conceição, destruindo o inimigo; a 1º de janeiro atravessamos o rio Ijuí e marchamos rumo Palmeira, A 3, quando iniciamos a marcha para o rincão da Guarita (Pay) encontramos uma coluna inimiga com a qual sustentamos 8 horas de fogo, afim de podermos com toda a coluna mudar de direção e seguir para o rincão dos Campos Novos. A 5, atacamos o povoado de Campos Novos. fugindo o inimigo para os matos e a 7 entrávamos resolutamente na picada que conduz à Colônia Militar do Alto Uruguai. Atravessamos sempre terríveis picadas, com grande falta de recursos e, perdendo quase toda a cavahada, atravessamos os rios Turvo, Guarida e Pardo, vindo até a foz do rio das Antas. Neste ponto atravessamos o Uruguai e depois de mais de 30 léguas de picadas chegamos a 7 a Barracão, onde já encontramos elementos da força que trazida pelo coronel Fidencio passara pelo Barracão a 5, obtida está a nossa ligação e vitoriosa a nossa persistência” (Lima, p. 108)

No decorrer da carta escrita para o marechal Isidoro, Prestes solicitou informações sobre a localização das tropas inimigas, mapas da região e o principal: mais munição para seus homens. Objetivando chegar ao Rio de Janeiro, a travessia por Santa Catarina foi realizada rapidamente, no entanto, quando se imagina centenas de homens abrindo picadas pela mata fechada, certamente ficaram as cicatrizes deixadas na vegetação e o barulho ecoando entre os morros e vales.

Em entrevista realizada com o professor Lotário Staub, um dos autores do livro *Nos rastros da Coluna Prestes* (2017), pode-se compreender as dinâmicas de avanço e comunicação dos rebeldes durante a marcha, Staub relatou sobre sua conversa com Ezidro Pires Nardes, que aos 14 anos, acompanhou a Coluna Prestes das terras gaúchas até a cidade de Dionísio Cerqueira, Staub relata que:

O Ezidro tratava os cavalos, ele não ficava perto do Prestes, pirralho, né? Então ele disse que ele geralmente ficava com as sentinelas, porque achava interessante, eu disse: mas como é que uma sentinela aqui do Morro do Cristo poderia escutar algo lá de Campinas? (...) Ele disse que havia muita taquara e muita lenha seca, naquela época era seco quando eles passaram, uma taquara rachada lá em Campinas era ouvida aqui. (...) Tu lembra de ter ouvido eco? O eco desapareceu, ele disse “uma taquara rachada, ela vinha fazendo eco, ela ia longe, nós não tínhamos problema, nós sabíamos, nós escutávamos a retaguarda quando eles vinham chegando perto já sabíamos” (Entrevista com Lotário Staub, 2024)

Staub ainda relata que os primeiros povoados que se formaram no território que hoje compreende o município de Descanso/SC, se iniciaram seguindo as três estradas abertas pela Coluna Prestes, próximas ao Rio das Antas e ao Rio Peperi-Guaçu, que hoje correspondem além do centro da cidade, as comunidades de Linha Vorá e Linha Pratinha. E ainda, que, havia grupos que se destacavam das três principais tropas para fazer a proteção, e por isso foram encontrados materiais em outros locais próximos, como na Linha Pratinha e no município de Belmonte.

Sobre os destacamentos é importante citar a sua organização, João Alberto Lins de Barros afirma que:

A Coluna constituiu-se de três partes equivalentes, pois cada uma delas era formada por um Destacamento. O grosso reunia mais gente porque tanto o Destacamento da vanguarda como o da retaguarda mandavam para lá os cargueiros desnecessários, os enfermos e os feridos. Prestes, que teoricamente devia ficar também no grosso da Coluna, andava sempre, com o seu gênio irrequieto, percorrendo todos os escalões. Havia uma verdadeira disputa pela vanguarda. Os perigos que poderiam aparecer, as missões mais difíceis a cumprir, eram fartamente compensados com a utilização dos recursos que se encontravam na frente (...) Mesmo sem adversários, o serviço da retaguarda era um inferno, sobretudo por causa dos retardatários dos outros Destacamentos que só causavam transtorno. As estradas enlameadas e incessantemente pisoteadas por milhares de cavalos bastavam, por si só, para nos fazer amaldiçoar aquela posição (Barros, 1954. p. 69)

Portanto, a presença da Coluna Prestes no município de Descanso pode ter ocorrido por três grupos e o uso de diferentes picadas em meio a mata. Atualmente,

atribui-se a essas estradas o início do povoamento e desenvolvimento da região. Segundo Paulo Lauxen, os municípios que se desenvolveram na região do Extremo Oeste catarinense seguiram o traçado da Coluna Prestes, pois “queria transformar e integrar o Brasil e proporcionar aos trabalhadores uma condição melhor, esse era o grande objetivo da Coluna Prestes” (Entrevista com Paulo Lauxen, 2024). E mesmo não alcançando o objetivo revolucionário, Lauxen destaca a inteligência da Coluna há quase cem anos em pensar no desenvolvimento do interior brasileiro.

Nesse mesmo sentido, Lotário Staub relatou que:

(...) eles tinham três trilhas, a Coluna deixou três estradas, essas aqui foram a razão da colonização, sabe por quê? Porque aqui eles levavam as madeiras para o Rio, né? Pros dois rios, eles faziam as toras, levavam nos dois rios e aqui embaixo em Itapiranga, era o Rio Uruguai aqui, eles faziam as famosas balsas, aqui desciam toras isoladas ou de quatro cinco, eram menos toras né? E que a balsa lá de baixo, então aqui embaixo eles fazia aquela cena oh as embarcações enormes (Entrevista com Lotário Staub, 2014)

Para os entrevistados (Paulo Lauxen e Lotário Staub), a Coluna Prestes desempenhou um lugar de destaque no processo de povoamento e colonização dos municípios da região do Extremo Oeste catarinense. Em suas opiniões, foi graças a Coluna e seguindo o seu rastro que os municípios se desenvolveram. Outra questão que se abre sobre a presença da Coluna Prestes, em 1925, é se de fato os destacamentos teriam acampado na região de Descanso ou somente feito uma parada, para aguardar a locomoção de todos os grupos e manter a formação. As fontes utilizadas nesta pesquisa, apresentadas no primeiro capítulo, serão agora melhor detalhadas, tecendo paralelos com as informações recolhidas através da História Oral.

Conforme o trecho escrito por Lourenço Moreira Lima, que corresponde aos registros sobre a passagem dos revoltosos por Santa Catarina:

A 2 de fevereiro, o major Cordeiro de Farias assumiu o comando do 1º B.F.V., no rio Voraz. A 3, no lugar Queimada, foi desarmado o 3º R.C. e preso o seu comandante, major João Pedro Gay, assumindo o comando desse regimento o major Siqueira Campos. (...) A 7, a Coluna chegou na encruzilhada da estrada Barracão-Clevelândia. (Lima, 1979, p. 597)

Segundo os registros de Francisco Masure no Livro Tombo (1950) e de Eliseu Oro (1986) o rio Voraz, citado por Lourenço Moreira Lima, corresponde a Vorá, comunidade do município de Descanso, e o lugar Queimadas corresponde a Linha

Pratinha, onde teria ocorrido uma grande queimada devido à seca e aos fortes ventos. Observa-se que em quatro dias a Coluna percorreu o que hoje compreende cerca de 90 km. Esta questão já havia sido observada pelo padre Francisco Masure no Livro Tombo:

Por conseguinte, a coluna regular de Prestes percorreu a distância entre queimada (...) e a encruzilhada Barracão-Clevelândia em quatro dias, o que já é uma prestação de vulto no mato, mas era impossível que a coluna regular ficou acampada ou descansando em... Descanso (centro). (Livro de Tombo, 1950)

É preciso considerar como o avanço da marcha em meio ao mato encontrava muitos obstáculos que a tornava muito lenta, é possível imaginar que as tropas não tenham acampado ou descansado em Descanso, mas feito algumas paradas. Ainda pode-se considerar que os vestígios encontrados sejam de elementos separados da Coluna Prestes, como escreve Francisco Masure: “Na realidade, não era a coluna regular de Prestes que acampou em Descanso-centro, mas elementos destacados e dissidentes, rumando para a Rep. Argentina.” (Livro de Tombo, 1950)

Conforme a descrição oficial da trajetória da Coluna (o livro de Lourenço Moreira Lima de 1979), os registros do Livro Tombo e os relatos orais coletados, supõe-se que tropas da Coluna Prestes passaram pelas comunidades de Linha Vorá e Linha Pratinha e o atual centro de Descanso. Sobre a Linha Vorá, Valdir Dala Possa produziu um trabalho memorialista descrevendo a história local, que deu origem ao livro *Vorá: sua história* (2024), na escrita o autor deu ênfase no processo de colonização do local, que iniciou com a chegada da primeira família em 1928, sendo a primeira comunidade a se formar no território que hoje compreende o município de Descanso.

Valdir Dala Possa relatou em entrevista, que a iniciativa de escrever o livro surgiu do interesse em registrar a história da comunidade em que nasceu e vive até hoje, e o processo de escrita se deu através da coleta de relatos orais das famílias mais antigas e no estudo do material escrito de Eliseu Oro e o Livro Tombo. No livro, Dala Possa explica de onde surgiu o nome *Vorá*,

Pelo que está registrado no livro “História de Descanso” de Eliseu Oro, página 14, o próprio secretário da Coluna Prestes, capitão Lourenço Moreira Lima, diz: “a 2 de fevereiro o major Cordeiro de Farias assumiu o comando do 1º B.T.G. no rio Voraz (o mesmo que Vorá)...” Daí teria surgido o nome, mais tarde, de “VORÁ”. Alguns ainda opinam que quando do início

da comunidade haveria uma espécie de abelha, chamada Alvorá; outros ainda de que a Coluna Prestes havia aqui chegado de madrugada, ou seja, na alvorada, daí “Vorá”, o que não nos parece certo, mas são três hipóteses; para mim, a primeira, Lajeado Voraz, me parece ser mais correta. (Dala Possa, 2024, p. 14)

Dentre as três hipóteses: do rio Voraz, da abelha alvorá ou da Coluna Prestes ter chegado no local ao amanhecer, na alvorada, Dala Possa opina que a hipótese do rio Voraz faz mais sentido:

Então dizem que o Prestes disse “esse Lajeado é muito Voraz” (...) então eu acredito que eles devem ter passado nesse Rio com um pouco de água, aí tem a questão da abelha alvorá que eu nunca ouvi falar dessa abelha, diz que é uma espécie de uma abelha, aqui tem abelhas, mas era aquela abelha que fazia mel, mansa, hoje tem aquelas mista africana. Outra coisa, eles disseram que eles devem ter chegado aqui na Alvorada, mas também não deve ser verdade, porque como é que eles iam caminhar com os cavalos no meio do mato durante a noite, se eles tinham que abrir um pique e passar um atrás do outro em fila indiana. Então para mim a opção mais certa, né? É que era um rio com correnteza forte e eles passaram a cavalo (...) por mim Vorá se origina do Lageado Voraz, mas são ideias. (Entrevista com Valdir Dala Possa, 2024).

Outra questão que se abre é como o nome Voraz e/ou Vorá permaneceu até a chegada das famílias colonizadoras, que passam a chamar a comunidade, oficialmente formada em 1933, de Linha Vorá. Para Dala Possa, existe a possibilidade de desertores da Coluna Prestes terem permanecido no local:

Desconfio que algum daqueles soldados dele que desertaram, ele deve talvez ter vindo logo depois com algum colonizador, porque no começo do Vorá, aqui isso já houve desde o meu tempo que eu era um piazote, em 52, 53 que viemos morar aqui, eu tinha três anos e meio incompleto. E aí já tinha diversos caboclos que trabalhavam em fazer uma empreitada a roçar né? Mas era essas coisas de roça e colhe o milho, então eu por mim, eu tenho a impressão, não tenho certeza, que algum desses caboclos eram desertores da coluna Prestes. Eles foram de volta, acharam um jeito de ir de volta de onde eles vieram e depois quando chegaram a saber que tinha alguém colonizando, eu por mim tenho essa intuição, mas essa coisa da minha cabeça, eu não posso provar nada. (Entrevista com Valdir Dala Possa, 2024)

A presença de caboclos na região quase não é comentada, isso se dá pela influência do discurso do colonizador, enfatizado em diversas produções de memorialistas da região e evidenciada também na narrativa de Eliseu Oro. Fato é que a população cabocla esteve presente e fez parte da história dos municípios que compõem o Extremo Oeste, e como enfatizado no capítulo dois, são deixados de lado pelo preconceito. Além disso, uma fotografia da expedição de Adolfo Konder de

1929, releva o uso do nome Vorá já no período de sua viagem, é o que mostra a figura abaixo.

Figura 19: Presidente Konder no leito do Lageado Vorá, em Descanso.

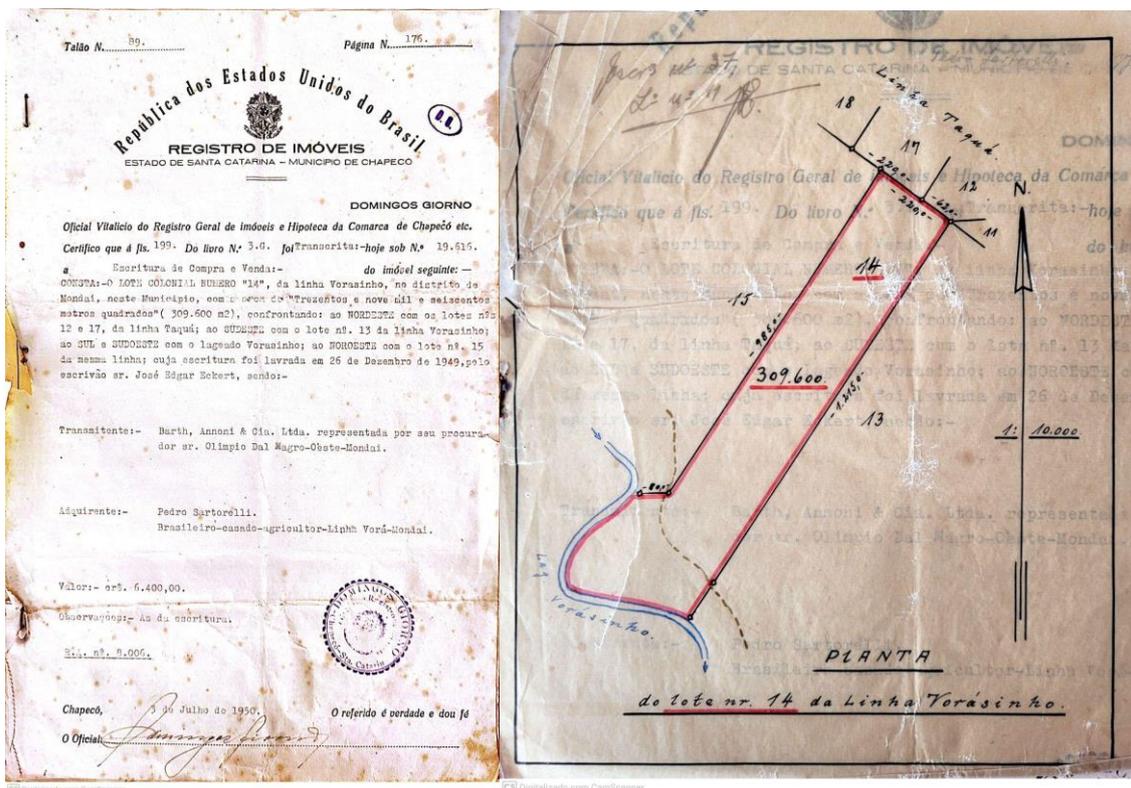


Fonte: Acervo do CEOM.

Ainda sobre a Linha Vorá, Valdir Dala Possa, afirma que a picada por onde a Coluna Prestes passou, antes de atravessar o rio Vorá, passou por onde hoje é a sua terra. Na escritura de compra e venda da terra em que Valdir Dala Possa vive hoje, vendida pela colonizadora Barth Annoni e Cia. Ltda., datada de 1949, existe um traçado que corta o mapa do lote colonial que Dala Possa afirma ser o trajeto que a Coluna Prestes passou.

Na imagem é possível perceber uma linha pontilhada próximo do curso do rio Vorá, descrito no mapa como Lajeado Vorazinho. Valdir Dala Possa afirma que tal documento foi feito pela colonizadora, e que o motivo do traçado ainda é um mistério, mas que acredita ser por onde a Coluna Prestes tenha passado. Ainda hoje, em tal local, existe uma espécie de trilho aberto com pedras que Dala Possa acredita ter sido aberto pelas tropas de Prestes. Outra possibilidade que se abre é de que a linha pontilhada e trilho também representa o trajeto percorrido por Adolfo Konder, em 1929.

Figura 20: Escritura de compra e venda de Valdir Dala Possa



Fonte: Acervo pessoal de Valdir Dala Possa.

Figura 21: Possível trajeto das tropas da Coluna Prestes na Linha Vorá, Descanso



Fonte: Fotografia registrada pela autora, 2024

Na imagem 21, é possível notar que as pedras formam uma espécie de trilho, e seguindo nessa direção é possível chegar no lajeado Vorá. Tais considerações são apenas interessantes curiosidades da memória que permanece na comunidade do município de Descanso. Sobre os outros locais em que foram encontrados vestígios da Coluna Prestes, existem mais dificuldades para mapear em detalhes. Sobre os achados na Linha Pratinha e no centro, perderam-se no tempo, segundo informações colhidas nos relatos orais.

Com os diferentes aspectos apresentados, percebe-se como a marca deixada pelas tropas da Coluna Prestes foi e continua sendo utilizada como uma narrativa histórica, tais elementos apontam para o que Marilena Chauí (2000) chama de mito fundador, segundo Chauí, é fundador porque:

a fundação se refere a um momento passado imaginário, tido como instante originário que se mantém vivo e presente no curso do tempo, isto é, a fundação visa a algo tido como perene (quase eterno) que traveja e sustenta o curso temporal e lhe dá sentido. A fundação pretende situar-se além do tempo, fora da história, num presente que não cessa nunca sob a multiplicidade de formas ou aspectos que pode tomar. Não só isso. A marca peculiar da fundação é a maneira como ela põe a transcendência e a imanência do momento fundador: a fundação aparece como emanando da sociedade (em nosso caso, da nação) e, simultaneamente, como engendrando essa própria sociedade (ou a nação) da qual ela emana. É por isso que estamos nos referindo à fundação como mito. (Chauí, 2000, p. 6 e 7)

Ao considerar a apropriação da passagem da Coluna Prestes por Descanso como um mito fundador na sua história, permite compreender como um evento distante temporalmente da formação da comunidade (que lhe dá todo o sentido e representação) é ainda tão presente na sociedade. Chauí destaca também que o mito fundador é constantemente re-apropriado, conforme o contexto e a necessidade de seu sentido

Um mito fundador é aquele que não cessa de encontrar novos meios para exprimir-se, novas linguagens, novos valores e idéias, de tal modo que, quanto mais parece ser outra coisa, tanto mais é a repetição de si mesmo. (Chauí, 2000, p. 6)

No próximo tópico, destacamos como ocorreu a preservação de tal mito, partindo para uma análise mais recente das representações da Coluna Prestes

### 3.2 A SEGUNDA PASSAGEM DE PRESTES POR DESCANSO/SC

Em 1986, o município de Descanso/SC comemorava trinta anos de emancipação político administrativa. Entre os dias 07 a 16 de dezembro daquele ano, houveram diversas atividades em comemoração a essa data. Dentre as festividades estava a inauguração da ponte sobre o Lajeado Macaco Branco, que dá acesso ao Morro do Cristo, a abertura da primeira Feira do Livro de Descanso, lançamento oficial do hino, apresentação de teatro, dentre outros eventos.

Foi no dia 9 de dezembro que Eliseu Oro lançou a primeira edição de seu livro *História de Descanso-SC*. Na programação estava previsto também um momento de autógrafos. E, no dia 16, no ato de inauguração do monumento em homenagem ao colonizador, o Monumento aos Desbravadores, presente na Praça Padre Francisco Masure, as festividades contaram com a presença de Luiz Carlos Prestes e sua esposa Maria Ribeiro.

Segundo Eliseu Oro (2001):

Ao ensejo das comemorações dos Trinta Anos da Emancipação de Descanso, também, ocorreu a visita de Luís Carlos Prestes que veio acompanhado da senhora Maria Ribeiro, sua segunda esposa, casado há trinta anos. Ele, pela primeira vez, aqui retornou, depois de 61 anos da passagem da Coluna Prestes, tendo ficado deveras impressionado com a colonização e o progresso existente. O casal, que veio de avião até o aeroporto Hélio Wassun, situado na divisa dos municípios de São Miguel do Oeste com Descanso, hospedou-se na residência do senhor Léo Agostini, tendo chegado a Descanso no dia 15 e retornando ao Rio de Janeiro em 18 de dezembro de 1986. Na manhã do dia 16 de dezembro, após a santa missa de ação de graças, no palanque oficial, instalado em frente à Igreja Matriz, foram prestadas as devidas homenagens ao Prestes, extensivas ao seu ex-tenente, senhor Luís Fagundes, advindo de Carazinho-RS, acompanhado pelo prefeito, senhor Lago, de Erechim-RS. (Oro, 2001. p. 92-93)

Eliseu Oro afirma que cerca de 5 mil pessoas participaram neste dia de evento e foram servidos aproximadamente 3.500 quilos de churrasco, gratuitamente (Oro, 2001). Eliseu Oro transcreve em seu livro (edição de 2001) parte do discurso de Prestes:

A seguir, apresentamos, pela importância que merece, alguns trechos do pronunciamento de L. C. Prestes: 'Sinto-me profundamente emocionado com essa manifestação. Não esperava que o povo de Descanso, aqui no Ocidente de nossa Pátria, ao contrário de muitos governantes se preocupassem tanto com a História do passado, com a História de nosso povo, como o povo de Descanso tem revelado. Nem um povo pode deixar de estudar e honrar a memória daqueles que lutaram pelo progresso social. Não poderá, de forma alguma, fazer História em conhecer a História, sem

conhecer o passado. Admiro-me dessa virtude dos intelectuais, dos trabalhadores do povo de Descanso, preocupados com a passagem da Coluna Prestes por esse Município, por esse território. Essa manifestação repito, comove-me profundamente. Vocês imaginarão como meus pensamentos são, neste momento, dirigidos aos nossos soldados, àqueles cuja memória já desapareceu da face da terra. Já faleceram, tendo aqui presente o companheiro Luís Fagundes que foi um dos grandes auxiliares nossos nessa marcha (...) Meus Amigos! Estender-me mais sobre o que foi a Coluna Prestes é dizer mais algumas palavras, apenas para dizer que marchamos, através do Brasil, percorremos mal armados, sem munição que tomávamos do inimigo, 25 mil quilômetros de território brasileiro, atravessamos 13 Estados do Brasil (...) Meus Amigos! Durante 50 anos, os governantes brasileiros colocaram uma pedra sobre a História da Coluna. Só de 1980 para cá, é que se começou de novo a estudar. Eu entrego a vocês, povo de Descanso, aos seus intelectuais, aos seus historiadores a tarefa de investigar as causas disso, o que foi a Coluna, quais foram as relações sociais, que levaram aquele grande Movimento, Movimento que produziu, sem dúvida, grandes consequências(..) Às autoridades presentes, portanto meus agradecimentos, particularmente, ao Prefeito, ao Chefe da Comissão de Festejos desse 30°. Aniversário do Município e meus votos para que prospere o município de Descanso, no ritmo cada vez mais acelerado, que já conseguiu em 30 anos construir essa bela Cidade, que, tudo indica, vai avançar com rapidez, cada vez maior, em benefício da felicidade, da riqueza e da prosperidade de todo o seu povo'. (Prestes apud Oro, 2011, p. 93-94)

No trecho, nota-se que Prestes expressa mais de uma vez a admiração com o povo de Descanso e suas iniciativas em preservar a memória da Coluna Prestes num contexto onde essa história foi constantemente apagada, sendo revisitada a partir da década de 1980. Além disso, Prestes atribui ao povo de Descanso a tarefa de investigar a história da Coluna Prestes e se aprofundar nas relações que levaram à formação do movimento e as suas “grandes consequências”. Ao fim, registra seus agradecimentos às autoridades e ao município na totalidade.

Como bem enfatizou Eliseu Oro, foram selecionados alguns trechos do discurso de Prestes, devido a sua importância, de fato um discurso muito emocionante, mas também muito cabível para a narrativa histórica que Oro construiu em seu livro, de um Descanso que surgiu no rastro da Coluna Prestes e que evoluiu muito com o duro trabalho dos colonizadores. Ressalta ainda a importância social de sua própria obra, que condiz com o pedido de Prestes aos intelectuais de Descanso por essa preocupação maior com a história da Coluna Prestes.

Eliseu Oro (2001), apresenta ainda trechos da entrevista particular que realizou com Prestes no dia 17 de dezembro de 1986:

Oro - Nós gostaríamos, inicialmente, que o senhor focalizasse alguma passagem da Coluna por essa região, onde hoje é o município de Descanso. Prestes - 'Eu, aqui no município de Descanso mesmo, não me

recordo de muitos nomes. Quando a Coluna avançou pela picada, chegamos ao local em que as árvores tinham sido derrubadas, dizem que foi uma tempestade grande que tinha feito essa derrubada. Aí chamei o companheiro João Alberto que tinha vindo da vanguarda, eu conversei com ele, almoçamos e comi um churrasco que aí tinham preparado e ele ficou ainda aí e eu segui imediatamente para Barracão (PR) (...)’ O - Nós ficamos muito agradecido por essa oportunidade (...), talvez, o senhor queira deixar alguma mensagem ainda para o povo de Descanso. P - ‘A mensagem é essa admiração, de afeto pela preocupação com a História. É a grande mensagem que eu posso deixar’.(Oro, 2001. p. 95)

Mais uma vez, Prestes expressa sua admiração ao povo descansense e relata como foi a primeira vez em que esteve no local, lembrando-se do local onde as árvores haviam sido derrubadas, provavelmente por uma tempestade. Além da significativa mensagem que Prestes deixa aos presentes, no momento das comemorações, a marca deixada por sua visita em 1986 representa a consolidação da relação entre a história de Descanso e a história da Coluna Prestes.

O professor Lotário Staub nos relatou que, na época da visita de Prestes a Descanso, ele ocupava o cargo de Secretário Municipal da Educação e Cultura e esteve diretamente envolvido com o convite a Prestes, viabilizando a vinda dele para Descanso.

A ideia foi o seguinte: aniversário do município, vamos fazer uma baita festa, e naquela época Prestes era um político em evidência, foi deputado pelo Partido Comunista, (...) o Vitório Basso, ele tinha a sua ideologia, mas ele sabia separar as coisas, (...) então o Vitório não tava avaliando que o Prestes estava sendo no Congresso Nacional, não era para isso que ele veio, ele veio para confirmar a história de Descanso, nós queríamos que ele viesse dizer ‘foi aqui que aconteceu’, ele nos decepcionou em várias coisas, não da pessoa Prestes, mas das coisas que imaginávamos que conseguiríamos resolver, ele vai definir o local, até hoje eu tenho uma tese que vai ser difícil alguém confirmar onde foi que eles descansaram (Entrevista com Lotário Staub, 2017)

O relato promove várias discussões. A primeira delas é o objetivo em buscar a presença de Prestes, para além das comemorações, como uma forma de confirmar o local em que teria ocorrido o descanso da Coluna Prestes. Definir o local exato e fazer disso uma parte confirmada e comprovada da história do município. No entanto, é compreensível que o tempo e a transformação da paisagem tornaram isso algo praticamente impossível para Prestes, porém, Staub relatou que em conversa com Izidoro Pires Nardes, existe a probabilidade de que, as sentinelas usaram o alto de dois morros em Descanso: o Morro do Cristo e onde hoje se

localiza o Ginásio Municipal, e fizeram o seu descanso próximo ao rio Macaco Branco, ao pé do Morro do Cristo, essas são as hipóteses do entrevistado.

Figura 22: Eliseu Oro entregando o livro "História de Descanso" a Luiz Carlos Prestes, Vitório Basso aplaudindo (1986).



Fonte: Oro, 2001.

É curioso imaginar como Luiz Carlos Prestes, num período pós-ditadura e com uma idade já avançada, encontrou meios e desejos em visitar o município de Descanso. Sobre isso, Dirceu Oro relatou que:

Graças ao Amin que conseguiu trazê-lo de avião até aqui em São Miguel. Ele veio de avião, o avião do governador do Amin, foi então foi uma negociação que foi feita com o governador e ele concordou, porque o Amin também sempre foi um cara democrático e ele entendeu os anseios daqui da região. (Entrevista com Dirceu Oro, 2024)

Dado o possível envolvimento do Esperidião Amin, que na época era governador de Santa Catarina pelo Partido Democrático Social (1983-1987), facilitou a viagem de Prestes a Descanso. Outro ponto interessante é a questão política e partidária do período, visto a relação entre Prestes e o Partido Comunista, e Vitório Basso (prefeito municipal), que havia sido eleito pelo Partido do Movimento

Democrático Brasileiro (PMDB). Tais diferenças partidárias parecem não ter causado obstáculos para o convite a Prestes e nem para a sua visita, como pontua Staub. Tais discrepâncias foram deixadas de lado em nome do fortalecimento do mito fundador.

Ainda sobre a questão partidária, Paulo Lauxen relata que:

Naquele período, o Luiz Carlos Prestes veio, porque o MDB foi um dos partidos que passaram muito por eleição direta e na época da ditadura toda a esquerda, todo o setor Progressista, todos os Democratas que praticamente que era o grupo do MDB, que era único partido autorizado pela ditadura para funcionar, além do partido oficial a Arena. (...) O falecido Vitório Basso e o Irineu Cassol (...) eles ganharam e aquele ar na época do movimento democrático, que teve toda a luta pelas eleições diretas, aí veio a Constituinte e naquele período tinha uns professores que tinham a posição bem avançada e que foi os que mais batalharam para vinda do Luiz Carlos Prestes nos 30 anos do município, veio e ficou três dias aqui em Descanso (Entrevista com Paulo Lauxen, 2024)

É curioso notar que os políticos do Movimento Democrático Brasileiro (antigo PMDB) de Descanso conseguiram unir esforços para entrar em contato com Prestes e viabilizar sua viagem para Santa Catarina, de fato, pode não ter havido estranheza ou restrições nesse relacionamento, mas o mesmo não pode ser considerado sobre a reação da comunidade diante da visita de Prestes. Paulo Lauxen nos relatou que:

Eu nunca esqueço que foi um momento que dividiu a sociedade ao meio, teve muita encrenca em bares em comunidades, né, em função, porque o Prestes era considerado um bandido por uma parcela da população. Que foi botado na cabeça das pessoas que era um bandidão. E, por outro lado, tinha os que conheciam a verdadeira história que tinham outra posição, que compreendiam essa situação da luta da Coluna Prestes (...) apesar de que da minha compreensão nunca existiu comunismo no mundo, mas se prega como um demônio, um bicho, então há uma parcela da população que até hoje acredita nisso. Diminuiu essa questão, mas ainda tem, na época isso era muito forte, então qualquer um que era Progressista, de esquerda, Democrata era chamado de comunista. Aí você perguntava para as pessoas, mas o que é comunismo? E elas não sabiam responder. (Entrevista com Paulo Lauxen, 2024)

Havia, na comunidade, certo estranhamento quanto a Prestes ser comunista, Dirceu Oro também comentou sobre o assunto:

Parece que houve ali algumas pessoas que meio comentaram 'não esse cara é comunista, não podia ter vindo para cá e tal' mas, nada a ver, né? A trajetória dele foi uma, a opinião política dele foi outra, e ele foi um cara sempre que, acima de tudo, eu gostava muito do Prestes também, porque ele queria o que? Ele queria o bem da Nação, a Coluna Prestes, toda a trajetória dele mostrou isso aí. Ele mostrou a mazelas, a pobreza, a discriminação que havia no Brasil, principalmente no interior. Então ele queria o bem desse povo aí também, ele queria mudança, ele queria um progresso, o desenvolvimento para essas populações mais retiradas, mais

humildes, mais abandonadas pelo governo, né? Então e a vinda dele para cá foi um fenômeno, foi um fato histórico, né? Nunca mais será esquecido, milhares de pessoas, gente inclusive da região tiveram aqui, autoridades, gente que conhecia, gente ouviu falar, vieram aqui só para vê-lo. (Entrevista com Dirceu Oro, 2024)

A figura histórica de Prestes e da Coluna Prestes foi maior que o fantasma do Comunismo, além disso, a Coluna Prestes foi anterior ao Partido Comunista, e o que se promoveu em Descanso foi mais uma comemoração em torno da passagem da Coluna Prestes do que na figura de Luiz Carlos Prestes como um revolucionário e político comunista.

Se o comunismo não recebeu tanta atenção pela comunidade local, o que aconteceu com a marca negativa que a Coluna Prestes deixou nas cidades por onde passou? Roubos, estupros, violência, o tifo que assolou Mondaí, dentre outras memórias relacionadas à marcha revolucionária? Inicialmente, é preciso considerar que, em Descanso, quando da presença da Coluna, não havia uma comunidade formada, somente alguns colonos espalhados e dois caboclos, seguindo os registros do Livro Tombo. Staub (2024) relatou “aqui só tinha o Abel e Adão, então não houve quem perdesse algo, ninguém perdeu nada em Descanso e em São Miguel, agora Mondaí, Itapiranga esses perderam.” (Entrevista com Lotário Staub, 2024). Vale lembrar que, segundo o Livro Tombo, Adão foi assassinado por elementos dissidentes da Coluna Prestes, então houve sim uma perda em Descanso causada pela Coluna. No entanto, tal perda não ganhou proporções dentro comunidade colonizadora que se formaria ali cerca de 10 anos depois.

Na obra *História de Descanso-SC*, tais questionamentos sobre as marcas negativas deixadas pela Coluna Prestes em outras comunidades não ganham espaço na narrativa. Já no livro *Nos rastros da Coluna Prestes* (2017), os autores constroem brevemente uma reflexão, baseando-se especificamente no relato colhido de Ezidro Pires Nardes,

Perguntado se Prestes era o ‘Cavaleiro da Esperança’, conforme apelido conhecido até hoje, Nardes responde: ‘Cavaleiro das trevas! Com todas estas matanças. A gente matava gente que não fez nada pra nós. Perdi meu pai e meus irmãos em combate durante a marcha. Desliguei-me da Coluna em Barracão, aproveitando a permissão, dada para alguns comandos. Voltei à terra de origem no Rio Grande do Sul onde encontrei minha mãe, mas ela não mais me reconheceu. Ficou biruta. Voltei mais tarde para Dionísio Cerqueira para fixar residência’. (Staub, *et al.* 2017, p. 37)

Os autores trazem mais algumas reflexões sobre o contexto da violência da marcha revolucionária, mas o seu objetivo consiste em descrever o legado da Coluna nos municípios que compõem o Extremo Oeste, para tanto, o assunto não recebe muito destaque além do citado. Em entrevista, Lotário Staub afirma:

Ele era o cavaleiro de esperança para o pessoal das capitais, (...) era a esperança, mas aqui ele era o diabo das taquara, vamos imaginar você era recém-casada, três, quatro filhinhas pequenas, tua vaca de leite, um quintal cheio de galinha, o cara diz: isso aí nós vamos precisar, eu vou anotar com tudo aqui e quando acabar nós vamos devolver. Nunca devolveu nada (...) então era das trevas, claro que Descanso que não tinha nada, mas já em Mondaí tinha muita gente (...). (Entrevista com Lotário Staub, 2024).

Sendo o Cavaleiro da Esperança ou o Cavaleiro das Trevas, o fato é que Luiz Carlos Prestes, ao visitar Descanso, em 1986, deixou uma profunda marca na comunidade e história do município, ao concretizar a narrativa de Eliseu Oro e reforçou o legado histórico para o município, como bem afirmam os entrevistados:

E a passagem dele então marcou já, já marcou a história de Descanso e mais do que nunca se consolidou com a passagem dele aqui, né? Que também, há que se dizer que foi méritos ao governo Municipal da época, né? Que também, se lembro bem que o pai inclusive havia falado mais de uma vez com o Basso para que ele fizesse um empenho dele para trazê-lo, então como eu te falei, muita gente se envolveu e o fato realmente aconteceu, ele veio para cá, independente de lado político de cada um, cada um se empenhou e ele veio, entendeu? (Entrevista com Dirceu Oro, 2024)

E também:

Descanso em 1986, teve uma questão que acho importantíssima, além da vinda do Luiz Carlos Prestes, logo em seguida, nós passamos a ter o quê aqui em Descanso: a rodoviária Coluna Prestes, Hotel Coluna Prestes, oficina mecânica Coluna Prestes. O setor defensor da coluna Prestes, digamos assim, começou dar nome. Então baseado onde? Basicamente no grupo liderado na época pelo MDB, você pegar quem era do MDB na época, que era o partido mais forte aqui, representava a oposição a ditadura tal, a gente vai ver que os que pertenciam a isso foi os que botaram a mecânica, loja, hotéis, então isso chama atenção também, né? E aí meio que foi essa questão das mentiras contadas sobre, elas foram meio que sofrendo uma queda grande, tanto é que hoje temos nosso Centro Cultural Coluna Prestes, e não há assim uma resistência, há um que outro que fala, mas no geral né? Até porque as pessoas vão estudando, vão vendo, conhecendo, vão percebendo que aquilo lá atrás foi, em parte, uma mentira grande, que foi contada e reproduzida. (Entrevista com Paulo Flávio Lauxen, 2024)

Além do fato de uma figura nacional se fazer presente em uma festividade local, também houve as posteriores influências, como afirmou Lauxen, em nomear pontos da cidade em homenagem à Coluna Prestes, fazendo com que houvesse

uma marca mais concisa. Agora, além dos escritos de Eliseu Oro sobre a importância da Coluna Prestes para Descanso, Staub relata que:

Nós temos o grande apelo que é o Prestes, se as autoridades ou o meio econômico convergissem nas suas demandas pra explorar o legado do Prestes, se tivéssemos um memorial, um museu, como nós já temos um centro cultural, a rodoviária é Coluna Prestes, tínhamos o hotel Coluna Prestes, uma série de coisas relacionadas a isso. Esse seria um ponto que poderia alavancar o nosso município a patamares mais significativos porque hoje geograficamente uma coisa assim, mas somos nulos e saber que nesse nosso nome é em função da coluna Prestes, discutida ou não, polêmica ou não, foi o marco histórico. Nós não precisamos celebrar, ovacionar, mas nós temos que saber que Descanso existe por causa Prestes, existiria também, mas em outras circunstâncias, mais tarde provavelmente, porque a coluna Prestes adiantou a colonização de Santa Catarina no tempo cronológico, porque a exploração da Madeira ficou muito fácil com esses trilhos feitos para levar para o rio das Antas e para o Peperi. (Entrevista com Lotário Staub, 2024)

Percebe-se que, por parte do entrevistado, há uma conscientização sobre o uso estratégico das representações da Coluna Prestes como um diferencial, e ainda a visão de que a Coluna alavancou o processo de povoamento branco na região, ponto que já foi percebido nos relatos de outros entrevistados. Essa questão retorna a discussão sobre o discurso do colonizador, que fez a terra lucrar e progredir.

Numa visão geral, as ações que buscam fortalecer ou relembrar a relação de Descanso com a Coluna Prestes são espaçadas, desde a visita de Prestes em 1986 e as suas consequências, houve em 2021 a construção do Centro Cultural Coluna Prestes, um espaço que abriga a Biblioteca Municipal Eliseu Oro, além de uma exposição com fotografias da história do município e alguns objetos históricos, tendo poucas referências a Coluna Prestes em si.

Além disso, nos últimos meses de 2024 o município recebeu a visita de Luiz Carlos Prestes Filho, que já há um tempo desempenha um trabalho que homenageia a trajetória do pai na marcha revolucionária. Visto que em 2025 completa o centenário da passagem da tropa rebelde por Descanso/SC, Luiz Carlos Prestes Filho e membros da administração municipal iniciaram o planejamento das festividades. E ainda, Prestes Filho presenteou o município com uma medalha e um certificado em honra ao centenário, ambos estão expostos no Centro Cultural Coluna Prestes. Tais ações, mesmo que inconstantes ao longo do tempo, visam preservar na memória da comunidade a relação que se estabeleceu entre a Coluna

Prestes e Descanso, como forma também de fortalecer a identidade do município e reafirmar a sua “marca” ao longo das gerações.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meio aos diferentes usos do passado, essa pesquisa buscou refletir sobre a história do município de Descanso, como a sua narrativa histórica e as representações da Coluna Prestes foram sendo construídas e consolidadas como um mito fundador. A proximidade com o objeto de pesquisa, oras facilitou, oras dificultou o processo de escrita. No entanto, foi possível chegar a algumas conclusões.

Como apontado ao longo da pesquisa, a Coluna Prestes atravessou a região em fevereiro de 1925 e cerca de uma década depois se consolidou o processo de colonização de Descanso por descendentes de europeus, em especial, poloneses, italianos e alemães que migraram de colônias do Rio Grande do Sul para as terras ainda pouco conhecidas do Extremo Oeste de Santa Catarina. Inicialmente formaram núcleos étnicos, assim como em diversos outros municípios que possuem o mesmo passado, mas o encontro dos vestígios, que concluíram ser da Coluna Prestes, abriu um passado diferente, um vislumbre de poder contar uma outra história.

Os interesses e motivos daqueles colonizadores em acolher a Coluna Prestes como parte de sua história ainda são pouco claros, no entanto, ao longo dos anos, houveram diversas iniciativas para consolidar e manter essa relação. Por meio das reflexões apresentadas no primeiro capítulo, percebe-se o peso da produção de Eliseu Oro no movimento de amarrar tais histórias e fazer com que uma não fosse possível sem a outra, ou seja, a ideia de que Descanso não existiria sem a Coluna Prestes. O memorialista, em sua narrativa, utiliza de vários meios para apresentar uma história evolutiva ao leitor, evidenciando a coragem da Coluna em abrir caminho pela mata e o pioneirismo dos colonizadores em transformar esse caminho aberto em uma comunidade que cresce e evolui através do trabalho duro.

A influência da obra de Eliseu Oro ressoa até os dias atuais na comunidade local, sendo a principal referência histórica da cidade. Sua narrativa se perpetua também na história oral, como se essa versão fosse a história única de Descanso, resultado de um longo processo de apagamento de memórias. Outro fator apresentado durante a pesquisa é a questão que envolve o preconceito com o imigrante polonês, assunto que não ganha espaço na narrativa de Eliseu Oro, proposital ou não, Descanso não carrega uma tradição étnica polonesa e nem de

outra etnia europeia, mesmo que a colonização tenha se dado de forma plural, adotou-se a Coluna Prestes como o início, a força matriz que permitiu o desenvolvimento da comunidade. Dessa forma tem-se uma grande lacuna que nos permite compreender que os estereótipos que rondam o imigrante e descendente polonês podem ter sido um dos fatores para a adoção do nome Descanso no lugar de Linha Polonesa, e toda a comemoração em torno da passagem da Coluna Prestes serve como uma característica em comum capaz de aproximar um povo heterogêneo.

Outro assunto que não ganha espaço na narrativa de Eliseu Oro é a história anterior a Coluna Prestes, como a presença de povos originários e caboclos, a extração da erva-mate e a utilização das picadas em meio a mata, que atravessavam o Oeste Catarinense, por diversos sujeitos e para diversos fins. O silêncio em relação a esses temas corrobora para a construção de uma história que inicia a partir dos pés gaúchos e rebeldes que pisotearam a mata e ali descansaram. Tais ausências foram verificadas também nos relatos orais coletados, como se essa parte da história não fosse cabível para manter na memória da comunidade, a qual só tem acesso a ela através do breve registro do Padre Francisco Masure no Livro de Tombo, que cita a presença de alguns moradores antes da passagem da Coluna Prestes.

Além disso, a visita de Luiz Carlos Prestes, em 1986, foi um fator determinante para o entrelaçamento de tais histórias e o fortalecimento simbólico da Coluna Prestes, foi nesse momento que a comunidade pôde ver em carne e osso aquele que (acreditam) proporcionou o desenvolvimento de Descanso. No entanto, não há como negar que houveram divergências na comunidade, principalmente relacionadas a ideologia, visto a relação de Luiz Carlos Prestes com o comunismo

Durante as entrevistas, quando questionados sobre as possíveis discrepâncias da comunidade em relação ao comunismo de Prestes, os entrevistados por vezes demonstraram certa relutância em falar sobre o assunto, como se o interesse fosse somente manter a firmeza do mito e não o questionar. Ademais, as descobertas não foram muito específicas, apenas a confirmação de que tiveram alguns rumores de descontentamento, mas que no geral foram fracos. Quando voltamos a perspectiva para a questão partidária, à primeira vista, as ideologias opostas causam muita curiosidade e até certo estranhamento, no entanto, a ideia foi buscar Luiz Carlos Prestes, o capitão da Coluna Prestes, para

que ele visse com os próprios olhos que a Coluna Prestes proporcionou o desenvolvimento social e econômico do município de Descanso e como a comunidade local lembra e se orgulha disso. O que Prestes realizou depois da Coluna não interessa e não interfere na integridade do mito fundador.

Ainda existem vários pontos em aberto que não foram totalmente explorados por essa pesquisa, o contato com a memória oral, com sujeitos que participaram diretamente e indiretamente da história, fez com que as perguntas se multiplicassem. Muitas problemáticas apresentadas vão de encontro a narrativa construída por Eliseu Oro e adotada pela comunidade como um passado comum. O fato de que as picadas utilizadas pela Coluna Prestes já existiam muito antes de sua passagem pelo território evidenciam uma história ainda pouco conhecida, a movimentação de diferentes sujeitos dentro desse sertão distante. Aspecto que pode servir para futuros estudos, envolvendo também a memória existente em outros municípios que compõem o Extremo Oeste Catarinense, tanto pelo uso das picadas quanto pela marca deixada pela Coluna Prestes.

Apesar das contradições, essa pesquisa se tornou possível através do trabalho de memorialistas, como Eliseu Oro, que a seu modo registraram o curso da história, além disso, as significativas contribuições possibilitadas pela história oral, que nos mostrou diferentes visões e opiniões sobre o mesmo fato. A memória oral tem enorme potencial, ademais, as pessoas gostam de ser ouvidas e a história local carece de registros e usos históricos dos relatos dos sujeitos que a construíram. Sendo assim, há ainda muito a ser explorado dentro da memória local da região.

Ao longo da pesquisa, por meio da análise de fontes, a coleta de relatos orais, a formulação de hipóteses e o reconhecimento das contradições nos permitem afirmar que a história de Descanso/SC foi construída tendo como ponto de partida a passagem da Coluna Prestes, os sentidos atribuídos pelas memórias que mantém essa relação até o presente e os diferentes meios que fazem com que esse mito fundador se sustente, abrem espaço para mais um questionamento: qual é o alcance real que esse mito fundador tem sobre a comunidade descansense atual? Será que a comunidade se reconhece em sua história e a compreende como uma constante construção protagonizada por sujeitos com interesses próprios?

A Coluna Prestes pode ter várias interpretações, mas no caso de Descanso/SC, essas interpretações são carregadas de sentidos e imaginações que constroem um passado que pode ter diversos usos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **O tecelão dos tempos: novos ensaios de teoria da história**. São Paulo: Intermeios, 2019.
- BARROS, João Alberto Lins de. **Memórias de um Revolucionário**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1954.
- BARROS, José D'Assunção. O campo da História. In: BARROS, José D'Assunção. **O campo da História: especialidades e abordagens**. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 9-22.
- BAVARESCO, P. R.; FRANZEN, D. O.; FRANZEN, T. E. Políticas de organização no extremo oeste catarinense e seus reflexos na formação da sociedade regional. **Revista Trilhas da História**. Três Lagoas, v. 3, n. 5, p.86-104, jul./dez. 2013.
- BOITEUX, José Arthur. Oeste Catarinense: de Florianópolis a Dionísio Cerqueira (1931). In: Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (Org.). **A Viagem de 1929: Oeste de Santa Catarina, documentos e leituras**. Chapecó: Argos, 2005. p. 81-108.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRUM, Eliane. **Coluna Prestes: O avesso da lenda**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1994.
- BURKE, Peter. História como memória social. In: **Variedades de História Cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p.70.
- BURKE, Peter. **Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica**. São Paulo: Unesp, 2017.
- CHAUÍ, Marilena. **Brasil: Mito Fundador e Sociedade Autoritária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.
- JORNAL CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro, 1921.
- DALA POSSA, Valdir. **Vorá: sua história**. São Miguel do Oeste: Mc Lee, 2024
- FERRARI, Maristela. **Interações transfronteiriças na zona de fronteira Brasil-Argentina: o Extremo Oeste de Santa Catarina e Paraná e a Província de Misiones (século XX e XIX)**. Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação

em Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2011.

NEVES, Margarida de Souza. Os cenários da República. O Brasil na virada do século XIX para o século XX. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Org.). **O Brasil Republicano: O tempo do liberalismo oligárquico**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p.11-42.

FLORES, Maria Bernardete Ramos; SERPA, Élio Cantalício. A Hermenêutica do vazio: fronteira, região e brasilidade na viagem do governador ao Oeste de Santa Catarina. In: Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (Org.). **A Viagem de 1929: Oeste de Santa Catarina, documentos e leituras**. Chapecó: Argos, 2005. p. 129-154.

FORJAZ, Maria Cecília Spina Forjaz. **Tenentismo e Política: tenentismo e camadas médias urbanas na crise da Primeira República**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

FRANZEN, Douglas Orestes; MAYER, Leandro. Os registros paroquiais como fonte de pesquisa para a História da Educação (1926-1938). **Cadernos do CEOM**, v. 29, n. 44, p. 79 - 87, Jun/2016. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2941> Acesso em: 09 set. 2024.

FUHRMANN, Edson; STAUB, Euclides; STAUB, Lotário; STAUB, Raul. **Nos rastros da Coluna Prestes**. São Miguel do Oeste/SC: Gráfica e Editora São Miguel, 2017.

GARDOLINSKI, Edmundo. Imigração e Colonização Polonesa. In: BECKER, Klaus (org.). **Enciclopédia Rio-Grandense**. Canoas: Regional. 1958.

GAUDÊNCIO, Bruno Rafael de Albuquerque. **A Invenção do Cavaleiro da Esperança: políticas da memória na construção biográfica de Luiz Carlos Prestes (1945-2015)**. Jundiá, São Paulo: Paco, 2023.

GOULARTI FILHO, Alcides. Expansão da Rede de Telégrafos em Santa Catarina: Sistema Regional de Economia e Adensamento do Estado no Território Catarinense. **Análise Econômica**, Porto Alegre, v. 39, n. 79, p. 225- 250, jun. 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/88561> Acesso em: 09 out. 2024.

GRITTI, Isabel Rosa. **Imigração e colonização polonesa do Rio Grande do Sul: a emergência do preconceito**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2004.

HEINSFELD, Adelar. A fronteira: historicidade e conceitualização. In: RADIN, J. C.; VALENTINI, D. J.; ZARTH, P. A. (Org.). **História da Fronteira Sul**. Chapecó: Editora UFFS, 2016.

JORNAL REPÚBLICA, Florianópolis, 29 de maio de 1929.

LANDUCCI, Italo. Cenas e episódios da Revolução de 1914 e da Coluna Prestes. 2

ed. São Paulo: Brasiliense, 1952.

LANNA JÚNIOR, Mário. Tenentismo e crises políticas na Primeira República. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de A. (Org.). **O Brasil Republicano I: o tempo do liberalismo excludente da proclamação da República à Revolução de 1930**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 313-350.

LIMA, Lourenço Moreira. **A Coluna Prestes: marchas e combates**. São Paulo: Alfa Omega, 1979.

MACHADO, Paulo Pinheiro. A aventura e a tragédia do Contestado. In: RODRIGUES, R. R.; MACHADO, P. P.; TOMPOROSKI, A. A.; VALENTINI, D. J.; ESPING, M. J. (Org.). **A Guerra do Contestado tintim por tintim**. São Paulo: Editora Letra e Voz, 2023. p. 13-28.

MARTINS, José de Souza. Fronteira: a degradação do Outro nos confins do humano. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2018.

MYSKIW, Antonio Marcos. Uma breve história da formação da fronteira no Sul do Brasil. In: RADIN, J. C.; VALENTINI, D. J.; ZARTH, P. A. (Org.). **História da Fronteira Sul**. Chapecó: Editora UFFS, 2016.

ORO, Eliseu. **História de Descanso/SC**. Chapecó: Grafisel, 1986.

ORO, Eliseu. **História de Descanso/SC**. 2 ed. São Miguel do Oeste/SC: McLee, 2001.

ORO, Eliseu. **Pe. Francisco Masure M.S.C: Primeiro vigário de Descanso-SC**. Passo Fundo: Gráfica e Editora P. Berthier, 1992.

PARÓQUIA SANTO ESTANISLAU KOSTKA. **Livro de Tombo**. Descanso, 1950.

PIAZZA, Walter Fernando. Relato de um pioneiro. **Revista Tomo**, n. 10, Blumenau, 13 de outubro de 1972.

PORTELLI, Alessandro. **História Oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

PRESTES, Anita Leocádia. **A Coluna Prestes**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997.

VALENTINI, Delmir José. **Atividades da Brazil Railway Company no sul do Brasil: a instalação da Lumber e a guerra na região do contestado (1906-1916)**. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Porto Alegre, 2009.

VALENTINI, Delmir José; RADIN, José Carlos. A Guerra do Contestado e a expansão da colonização. **Revista Esboços**, Florianópolis, v. 9, n. 28, p. 127-150, 2012.

RADIN, José Carlos. **Imigração italiana em Santa Catarina e no Paraná: fontes diplomáticas italianas (1875-1927)**. Chapecó: Editora UFFS, 2020.

RADIN, José Carlos. Um olhar sobre a colonização da Fronteira Sul. In: RADIN, J. C.; VALENTINI, D. J.; ZARTH, P. A. (Org.). **História da Fronteira Sul**. Chapecó: Editora UFFS, 2016.

RAMMINGER, Paul. **Pequeno Histórico da Colonização de Porto Feliz**: Mondaí. 1991. Acervo do CEOM.

RENK, Arlene. O conhecimento do território: a Bandeira de Konder. In: Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (Org.). **A Viagem de 1929: Oeste de Santa Catarina, documentos e leituras**. Chapecó: Argos, 2005, p. 109-128.

RENK, Arlene; WINCKLER, Silvana. A formação socioeconômica da região Oeste de Santa Catarina: uma narrativa acerca de franjas e retalhos da identidade regional. **Cadernos do CEOM**, Chapecó (SC), v. 31, n. 49, p. 10-22 Dez/2018.

RODRIGUES, Márcio Luiz; NEUMANN, Rosane Márcia. Colônias e colonizadoras na região Oeste de Santa Catarina: a atuação da Companhia Territorial Sul Brasil (1925 a 1950). **XXVIII Simpósio Nacional de História**. Florianópolis, 2015.

ROSSI, Paolo. O passado, a memória, o esquecimento. São Paulo: Unesp, 2010.

SÁ MOTTA, Rodrigo Patto. Batalhas em torno do mito: Luiz Carlos Prestes. **Estudos Avançados**. Rio de Janeiro, n. 34, p.91-115, jul-dez 2004

SIGNORI, Andréia Aparecida. **As mulheres no processo de colonização do oeste catarinense: invisibilidade e resistência (1920/1960)**. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Fronteira Sul. Chapecó, 2018.

### Fontes Orais

BASSO, Mônica Koprowski. Entrevista sobre a história de Descanso-SC e a Coluna Prestes. Entrevistador: Samara Caroline Lovatel. Descanso-SC, 17 set. 2024.

DALA POSSA, Valdir. Entrevista sobre a história de Descanso-SC e a Coluna Prestes. Entrevistador: Samara Caroline Lovatel. Descanso-SC, 20 set. 2024.

LAUXEN, Paulo Flávio. Entrevista sobre a história de Descanso-SC e a Coluna Prestes. Entrevistador: Samara Caroline Lovatel. Descanso-SC, 21 mai. 2024.

ORO, Dirceu. Entrevista sobre a história de Descanso-SC e a Coluna Prestes. Entrevistador: Samara Caroline Lovatel. Descanso-SC, 09 out. 2024.

ORO, Teresinha Reginato. Entrevista sobre a história de Descanso-SC e a Coluna Prestes. Entrevistador: Samara Caroline Lovatel. Descanso-SC, 09 out. 2024.

STAUB, Lotário. Entrevista sobre a história de Descanso-SC e a Coluna Prestes.  
Entrevistador: Samara Caroline Lovatel. Descanso-SC, 18 mai. 2024.